



Fernanda Schmitt Ribeiro

**Tecendo uma colcha de retalhos: os
desafios de entrelaçar os fios de uma
experiência de maternidade trigemelar**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Psicologia da PUC-Rio como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor em Psicologia Clínica

Orientadora: Profa. Silvia Maria Abu-Jamra Zornig



Fernanda Schmitt Ribeiro

Tecendo uma colcha de retalhos: os desafios de entrelaçar os fios de uma experiência de maternidade trigemelar

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Silvia Maria Abu-Jamra Zornig
Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Terezinha Féres Carneiro
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Sara Angela Kislakov
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Mônica Medeiros Kother Macedo
Escola de Humanidade - PUCRS

Prof. Alberto Konicheckis
Université Paris Descartes - Paris V

Profa. Monah Winograd
Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 02 de fevereiro de 2018.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Fernanda Schmitt Ribeiro

Fernanda formou-se em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2009. No ano de 2012, recebeu o grau de Mestre em Psicologia do Desenvolvimento por esta mesma Universidade (UFRGS). Em 2014, iniciou Doutorado em Psicologia Clínica, sob orientação da Professora Psicanalista Silvia Zornig, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRio). Realizou, através do programa de Doutorado Sanduíche, um ano do seu doutorado na Université Paris Descartes, membro da Université Sorbonne Paris Cité. Nesta universidade, foi co-orientada pelo professor psicanalista Alberto Konicheckis. Realiza atendimentos clínicos psicológicos que seguem uma orientação psicanalítica desde 2010.

Ficha Catalográfica

Ribeiro, Fernanda Schmitt

Tecendo uma colcha de retalhos: os desafios de entrelaçar os fios de uma experiência de maternidade trigemelar / Fernanda Schmitt Ribeiro; orientadora: Silvia Maria Abu-Jamra Zornig. – 2018.

178 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2018.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Maternidade. 3. Gravidez múltipla. 4. Trigêmeos. 5. Constituição subjetiva. 6. Terceirização de cuidados. I. Zornig, Silvia Maria Abu-Jamra. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

À minha orientadora, Silvia Abu-Jamra Zornig, por sua competência e incentivo, fundamentais não apenas para a construção deste trabalho, mas durante toda minha caminhada de doutoramento.

Ao meu co-orientador, Alberto Konicheckis, que me proporcionou um aprendizado imensurável ao viabilizar a realização do sonho de fazer o doutorado sanduíche na Universidade Paris Descartes, na Sorbonne Paris Cité.

À minha supervisora clínica, Regina Aragão, que através do seu acolhimento e conhecimento auxiliou diretamente na construção da compreensão deste caso.

Aos meus pais, Reinaldo e Silvana, que compreendem minhas escolhas e me dão o suporte necessário para que eu possa realizar os meus sonhos.

Ao meu noivo, Victor Diego, que com seu apoio e compreensão ajudou a tornar minha experiência de doutoramento no exterior um sonho possível.

À minha tia Suzana, a quem eu devo a realização do sonho de morar em Niterói, conquistado graças ao seu suporte e carinho.

Aos meus dindos e primos, que me auxiliaram a fazer de Niterói um lar.

Aos meus irmãos, Anelise e Reinaldo, meus amigos que compartilham comigo o essencial dessa vida: a família e as memórias.

À minha terapeuta, Andressa Guedes, pelo acolhimento e ensinamentos.

À Vó Tetê, que agora torce por mim de outro plano. Obrigada pelo teu legado.

À Deus, por me dar determinação e perseverança para sempre ir atrás dos meus sonhos, me trazendo lucidez para fazer as melhores escolhas.

Resumo

Ribeiro, Fernanda Schmitt; Zornig, Silvia Maria Abu-Jamra (Orientadora). **Tecendo uma colcha de retalhos: os desafios de entrelaçar os fios de uma experiência de maternidade trigemelar.** Rio de Janeiro, 2018. 178p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Atualmente, milhares de crianças são concebidas ao redor do mundo através de tratamentos de reprodução assistida (TRA). Estes trouxeram como grande consequência o aumento considerável de gestações múltiplas. Considerando a relevância atribuída pela psicanálise à experiência da maternidade e à relação mãe-bebê devido às suas implicações sobre o psiquismo materno e sobre o desenvolvimento psíquico do bebê, a gravidez múltipla concebida através de TRA revela-se uma experiência distinta da experiência da maternidade classicamente estudada pelos psicanalistas. Por esta razão, esta tese busca analisar, através de um estudo de caso de uma mãe que concebeu uma gravidez trigemelar através de TRA, a experiência da maternidade atravessada por estas peculiaridades, assim como o desenvolvimento psíquico e emocional de cada um dos trigêmeos nos dois primeiros anos de vida. Para tanto, foi realizada uma observação de bebês através do Método Esther Bick, conciliada com uma entrevista realizada quando os bebês estavam com um ano de idade. Nas análises apresentadas, questões peculiares ao caso foram exploradas, como a terceirização de cuidados constatada, tornando o entendimento do vínculo estabelecido da mãe com os seus bebês um desafio para a autora. Consequentemente, a pesquisadora buscou compreender como os bebês lidaram com a ausência materna. Elementos relacionados ao fenômeno de transmissão geracional foram identificados de forma distintas com cada um dos bebês. Foi observado como o vínculo materno e a constituição inata de cada um dos bebês perpassou o processo de constituição subjetiva de cada um dos bebês, sendo este discutido individualmente. Buscou-se propor uma reflexão que pode ser estendida para outros casos de maternidade gemelar, acerca de como esta vivência é experienciada pelas mães de gêmeos e de como os irmãos gêmeos podem vir a construir sua vida psíquica.

Palavras-chave

Maternidade; gravidez múltipla; trigêmeos; constituição subjetiva; terceirização de cuidados; transmissão geracional.

Abstract

Ribeiro, Fernanda Schmitt; Zornig, Silvia Maria Abu-Jamra (Advisor). **Weaving a patchwork quilt: the challenges of weaving the threads of a triplets maternity experience.** Rio de Janeiro, 2018. 178p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Currently, thousands of children are conceived around the world through assisted reproductive treatments (ART). These have brought about as a consequence the considerable increase of multiple pregnancies. Considering the relevance attributed by psychoanalysis to the experience of motherhood and the mother-baby relationship due to its implications on the maternal psyche and on the psychic development of the baby, multiple pregnancy conceived through ART reveals a distinct experience of the experience of motherhood classically studied by psychoanalysts. For this reason, the author of this thesis sought to analyze, through a case study of a mother who conceived a pregnancy triplets through ART, the experience of motherhood crossed by these peculiarities, as well as the psychic and emotional development of each of the triplets, in the first two years of their lives. Therefore, an observation of infants was performed by Esther Bick method, conciled with an interview conducted when the babies were one year old. In the analysis presented, issues peculiar to the case were explored, such as the outsourcing of care found, making the understanding of the bond established between the mother and her babies a challenge for the author. Consequently, the researcher sought to understand how the babies dealt with maternal absence. Elements related to the phenomenon of generational transmission were identified differently with each of the babies. It was observed how the maternal bond and the innate constitution of each of the babies crossed the process of subjective constitution of each one of the babies, being discussed individually. It was sought to propose a reflection that could be extended to other cases of twin motherhood, about how this experience is experienced by the mother of twins and how the twin brothers can build their psychic life.

Keywords

Maternity; multiple pregnancy; triplets; subjective constitution; care outsourcing; generational transmission.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1 O desabrochar materno: como se desenvolve a função materna	14
2.2 Maternidades Simultâneas	22
2.2.1 A importância do ritmo para a constituição subjetiva do bebê	27
2.3 Transmissão psíquica e parentalidade: a busca do sujeito por se eternizar	37
2.4 Gestações múltiplas decorrentes de TRA	45
2.5 Amor materno e cuidado profissional	49
3. MÉTODO	56
3.1 Participantes	56
3.2 Delineamento e procedimento	56
3.3 Instrumentos	59
3.4 Considerações éticas	60
3.5 Análise de dados	60
4. ANÁLISES DE DADOS	61
4.1 Do lado da mãe	61
4.1.1 História (Pré)Gestacional	61
4.1.2 Distância e Tecnologia	64
4.1.3 Uma maternidade terceirizada	66
4.1.4 Constelação da Maternidade – <i>ser</i> mãe para Gabriele	74
4.1.5 Trigêmeos – um alibi ou uma impossibilidade?	78
4.1.6 Trigemelaridade – Maternidades simultâneas	81
4.2 Os bebês: Joaquim, Fernando e Lia	87
4.2.1 Joaquim – o sedutor	87
4.2.2 Fernando – o observador	100
4.2.3 Lia – a princesa herdeira	107
4.2.4 A interação entre os irmãos	118
4.3 O ambiente	120
4.3.1 Os outros além da mãe	120
4.3.2 (Des)Continuidades	127
4.4 A experiência da observação: repercussões da minha presença	132
5. DISCUSSÃO	140
5.1 Acerca do Caso Apresentado	140
5.2 Reflexões teóricas para além deste caso	156
5.2.1 Quanto a maternidade (tri)gemelar	156
5.2.2 Tratamento de reprodução assistida e a experiência da maternidade	158
5.2.3 Terceirização de cuidados	159
5.2.4 Método Esther Bick de observação de bebês como método de pesquisa: algumas considerações	160

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
7. REFERÊNCIAS	165
8. ANEXOS	172

INTRODUÇÃO

Este trabalho almejou alcançar alguns conhecimentos que possam agregar aos estudos psicanalíticos acerca experiência da maternidade. Teve como foco, especialmente, a busca por uma compreensão da experiência de maternidade de uma gravidez múltipla, assim como o desenvolvimento do vínculo da mãe com cada um dos seus filhos e com eles em conjunto. Este objetivo surgiu a partir da compreensão de que há, na relação mãe-bebê, uma entrega muito intensa, que demanda da mãe que a mesma seja capaz de proporcionar ao seu bebê o ambiente necessário ao seu desenvolvimento, como sugere Winnicott (1966/2012). Assim, essa entrega simultânea a dois ou mais bebês se revela um desafio para mãe e, da mesma forma, para os estudiosos da experiência da maternidade e da primeira infância.

Percebe-se que na contemporaneidade as gestações múltiplas estão altamente relacionadas a submissão de Técnicas de Reprodução Assistida (TRA). Por esta razão, estudos vêm sendo realizados para investigar quais as possíveis consequências desta forma de concepção sobre a experiência da maternidade gemelar. Estas pesquisa apresentam achados que se demonstram controversos, alguns colocando estas mães mais vulneráveis perante a maternidade gemelar, outros as vendo como mais resilientes (Ellison, Hotamisligil, Lee, Rich-Edwards, Pang & Hall, 2005; Sheard, Cox, Oates, Ndukwe & Glazebrook, 2007; Viska, Unkila-Kallio, Punamäki, Poikkeus, Repokari, Sinkkonen, Tiitinen, Tuppala, 2009). Assim, torna-se pertinente investigar o fenômeno da maternidade gemelar neste contexto perpassado pela submissão às TRA, visando buscar trazer uma contribuição também neste sentido, indicando se esta forma de concepção interferiu ou não na experiência de maternidade do caso acompanhado nesta tese de doutorado.

Para alcançar uma compreensão acerca da experiência da maternidade nos casos gemelares, torna-se importante primeiramente apresentar como este processo ocorre nos casos de maternidade de um só filho. Durante a gestação, a mulher passa por um intenso processo psíquico, em que precisa construir-se

enquanto mãe, ao mesmo tempo que constrói, simultaneamente, o seu bebê no seu psiquismo. A psicanalista Bydlowski (2002) estudou profundamente os fenômenos vivenciados pela mulher ao longo de uma gestação, que podem nos auxiliar na compreensão deste fenômeno. Para esta autora, a gravidez proporciona um encontro íntimo da mulher consigo mesma, de forma que suas angústias mais primitivas, anteriores a linguagem, podem ganhar atualidade, e a este fenômeno a autora deu o nome de transparência psíquica. Bydlowski explica que entre estas lembranças que a mãe revive na gravidez está a principal delas, o reencontro da grávida com a criança que ela própria fora outrora, que está sendo despertada por seu bebê. Após o nascimento de seu filho, a mãe se relacionará com esse bebê que está então do lado de fora, e essa relação será transpassada pelos traços mnemônicos ativados pelo bebê que ela própria fora no passado.

Por estas razões, as vivências mais primitivas da mulher terão papel primordial neste processo de construção da maternidade, fenômeno que fará emergir o infantil que habita na mulher. Bydlowski e Golse (2002) explicam mais detalhadamente esta vivência e transcorrem sobre uma transição psíquica vivenciada pela mulher durante a gestação. Inicialmente, a grávida está vivenciando a transparência psíquica, que caracteriza-se por ser um período em que o bebê, apesar de possuir certa concretude, ainda não é percebido como um objeto externo pela mãe. Neste momento, o bebê é percebido como um objeto interior que reativa na mãe a criança que ela foi, conforme já foi explicado. Com o avanço da gestação, o feto começa a apresentar-se em algum nível como um objeto exterior, embora ainda esteja no corpo da sua mãe, e a partir deste momento a atenção materna começa progressivamente a se deslocar de si mesma para o bebê. Após o nascimento do bebê, os autores sugerem que a mãe irá direcionar sua atenção ao recém nascido que agora já é um objeto externo, contudo, esta relação irá se estabelecer através das lembranças maternas reativadas na transparência psíquica. Por fim, os autores propõem que somente mais tarde o bebê será investido como um objeto externo, não sendo mais um representante do objeto interno materno. A partir desta percepção do bebê como um objeto externo, a mãe desenvolverá a preocupação materna primária.

A preocupação materna primária é um conceito de Winnicott (1956/1993), o qual foi utilizado pelo autor para explicar a relação da díade mãe-bebê, onde a mãe estaria envolvida por uma certa dose de loucura que permitiria que a mãe seja

o seu bebê e que o bebê seja a mãe, em meio a uma identificação simbiótica. Segundo Winnicott, passando o período desta submersão materna, após alguns meses do nascimento do bebê, a mãe, quando saudável, tende a reprimir este estado, não o recordando mais.

Aragão (2007a) sintetiza estes processos vivenciados pela mulher até o desenvolvimento da preocupação materna primária explicando que existem dois movimentos que estão ocorrendo em paralelo no psiquismo da mulher: a sua construção psíquica enquanto mãe e, concomitantemente, com o desenvolvimento do feto será criado o bebê imaginário no psiquismo materno. Em meio ao ‘primeiro’ processo, que diz respeito à construção psíquica materna, haveria um reencontro com a mãe originária, o que equivaleria a um encontro com o seu próprio objeto primordial perdido, como sugere Bydlowski. Esse encontro acontece em paralelo ao segundo processo, que exige que a mãe se identifique ao mesmo tempo com seu bebê, que precisa ser percebido enquanto tal no psiquismo materno. Este será um longo processo, em que ao término espera-se que o bebê seja percebido como um sujeito distinto pela mãe e que possa, então, se transformar em familiar através das projeções e idealizações maternas que estarão ancoradas na sua própria história infantil. Lebovici (1983/1987, 1988/1992) nos ajuda a compreender o processo que envolve a capacidade de perceber o bebê através das representações dos pais acerca do filho, distinguindo-as do bebê real.

A partir destas considerações, pode-se pensar que as mulheres que estão vivenciando o processo de maternidade com dois ou mais bebês ao mesmo tempo terão o desafio de terem sua vida fantasiosa despertada por bebês imaginários distintos e também de aprenderem a lidar com dois ou mais bebês reais simultaneamente. Para Winnicott (1964/1985), a experiência de maternidade gemelar parece compreender uma dificuldade, indicada pelo autor na afirmação de que as mães de gêmeos possuem uma tarefa extra (p.156): “*dar-se a dois bebês ao mesmo tempo*”. Tendo em vista a importância que Winnicott atribui aos cuidados maternos e à capacidade da mãe de propiciar um ambiente suficientemente bom para seu bebê, é possível compreender os motivos pelos quais Winnicott acredita ser desafiante esta experiência.

Perante estas proposições teóricas, a realização do presente estudo se justifica frente a relevância que a psicanálise atribui à experiência da maternidade e à relação mãe-bebê devido às suas implicações sobre o psiquismo materno e

sobre o desenvolvimento psíquico do bebê. A gravidez múltipla concebida através de TRA revela-se uma experiência distinta da experiência da maternidade classicamente estudada e, por esta razão, a busca pela sua compreensão teórica revela-se pertinente. Exercer a maternidade com mais de um bebê simultaneamente é um desafio para a mãe, mas também para os estudiosos desta relação tão intensa. Como a mulher conseguirá vivenciar este processo e estabelecer vínculos com seus bebês, torna-se o objeto de estudo desta pesquisa.

Contudo, a pertinência desta investigação também é ressaltada tendo em vista que se constata estatisticamente a existência de uma maior probabilidade de gestações múltiplas nas concepções alcançadas através de TRA em relação às concepções naturais. Considerando este dado, a relevância deste estudo se fortalece também devido às inúmeras pesquisas que sugerem que a experiência da maternidade atravessada por uma concepção perpassada pela submissão às TRA é distinta de uma concepção natural, contudo, a forma como esta distinção ocorre ainda é controversa. A partir das considerações que apontei em um trabalho prévio (Ribeiro, 2012; Ribeiro, 2014), surgiu a necessidade de dar continuidade ao estudo da experiência da maternidade neste contexto que envolve a gemelaridade e a submissão TRA, de forma que o objetivo desta tese é justamente contribuir para a compreensão deste fenômeno a partir de uma perspectiva teórica psicanalítica.

Tendo em vista as considerações teóricas presentes nesta introdução, antes de ser exposta a pesquisa desenvolvida nesta tese, será apresentada a Revisão de Literatura que apresentará ao leitor a base teórica utilizada pela autora nas análises e discussão desta pesquisa. Para tanto, esta será composta por cinco seções. A primeira seção visa detalhar a complexidade presente na experiência da maternidade, bem como explicar como a relação da díade mãe-bebê atua de forma fundamental para o desenvolvimento subjetivo do bebê. Partindo destas reflexões, será apresentada uma discussão acerca de como este mesmo processo pode ser vivenciado simultaneamente com dois ou mais bebês, como ocorre nas maternidade gemelares. Após, será desenvolvida uma reflexão acerca do conceito de transmissão psíquica. Esta pretende mostrar como este fenômeno está presente na experiência de maternidade, tendo em vista os processos que a mulher vive em relação à sua própria mãe quando ela se torna mãe, assim como o que está

implícito no ato psíquico de tornar seu filho um descendente do legado familiar, através do ato de afiliação, como explica Konicheckis (2008).

Uma vez desenvolvidas estas três primeiras seções teóricas que transcorrem sobre temas que envolvem a maternidade e o processo de subjetivação do bebê, por fim a autora apresentará duas sessões que se revelam pertinentes para a compreensão da pesquisa desenvolvida neste trabalho. Uma delas transcorrerá sobre a apresentação de estudos que propõem correlações entre a experiência da maternidade gemelar e a submissão a TRA, uma vez que estas gestações são estatisticamente muito presentes neste contexto de concepção. Dessa forma, pretende-se que o leitor seja situado sobre as pesquisas já realizadas neste contexto complexo de maternidade. Por fim, tendo em vista que o caso acompanhado se caracteriza por uma forma de cuidado dos bebês que a autora entende como uma terceirização dos mesmos, a última seção da Revisão de Literatura transcorrerá sobre as diferenças existentes entre as relações desenvolvidas pela mãe com seu bebê e as que são estabelecidas pelas cuidadoras com os bebês. Uma vez apresentados estes esclarecimentos, a seguir será exposta a Revisão de Literatura deste trabalho.

2

REVISÃO DE LITERATURA

2.1

O desabrochar materno: como se desenvolve a função materna

Assim como será preciso que emergja um sujeito no bebê, podemos pensar que na mulher desabrocha sua função materna. A transição para a maternidade não se dá espontaneamente a partir da concepção de um filho ou do seu nascimento: há motivações muito tenras, de longa data envolvidas. Feridas, expectativas e relações se entrelaçam em meio ao desejo de se tornar mãe. É necessário que a mulher tenha a capacidade de se deixar envolver e mergulhar neste processo, que não é fácil.

Tendo em vista a mudança radical que a maternidade impõe a vida da mulher e ao seu psiquismo, a ambivalência materna torna-se uma realidade pertencente a esta vivência. Badinter (2010/2011) foi uma das autoras que trouxe o olhar para a ambivalência materna e para as perdas efetivas que a mulher sofre para se entregar a este processo. A autora explica que com o avanço dos métodos contraceptivos, a possibilidade da mulher escolher quando será mãe, e se realmente o será, tornou a ambivalência materna mais perceptível. Para Badinter, a conciliação entre os deveres maternos e o próprio desenvolvimento pessoal da mulher torna-se uma equação difícil de ser solucionada. Segundo esta autora, nos países mais rígidos quanto às exigências dirigidas à mulher de se dedicar à maternidade integralmente, os índices de procriação são mais baixos, em comparação aos países que culturalmente compreendem as necessidades pessoais da mulher e criam meios para facilitar que a mesma siga tendo projetos pessoais, como ocorre na França. A partir destes dados, Badinter busca mostrar que a concepção romântica acerca da existência de um desejo universal por ter filhos é contestável, na medida que muitas parecem perceber a maternidade como uma experiência aprisionante.

Esta ambivalência pode ser também compreendida tendo em vista a profunda entrega psíquica que a mãe precisa realizar em meio à sua experiência de

maternidade. Esta contempla também a vivência da gestação e se demonstra demasiadamente intensa principalmente nos primeiros meses de vida do bebê, período no qual a mãe demonstra uma entrega quase que total ao seu filho, deixando de lado temporariamente suas questões egóicas para vivenciar uma simbiose com seu bebê. Para se entregar a esta relação simbiótica, será necessário que a mãe permita ser invadida por um estado que carrega uma certa dose de loucura. Para Winnicott, esta loucura faz com que a mãe seja o seu bebê e que o bebê seja a mãe, em meio a uma identificação simbiótica que certamente não se dará da mesma maneira para os dois membros desta díade. Winnicott (1966/2012) explica que a mãe permanecerá adulta, ainda que esta identificação com o seu bebê seja muito intensa. Já o bebê ainda não compreenderá que existe algo para além dele próprio, de forma que sua mãe será vista por ele como uma parte sua, o que Winnicott nomeou como *identificação primária*.

Winnicott (1956/1993) batizou a loucura materna como *Preocupação Materna Primária*. O autor a define como uma sensibilidade aumentada que estaria desenvolvida na mãe já no final da gestação, possibilitando um refinado processo de identificação. Segundo Winnicott, passando o período desta submersão materna, a mãe, quando saudável, tende a reprimir este estado, não o recordando mais.

Para o Winnicott (1966/2012), não há nada de místico nesta capacidade materna de compreensão das necessidades do bebê, visto que esta se justifica pelo estado de identificação que a mãe consegue alcançar. Neste sentido, Winnicott defende que os conhecimentos teóricos são absolutamente desnecessários uma vez que as mães desempenham a tarefa de cuidar dos seus bebês há milhões de anos de forma satisfatória. Contudo, aponta como essencial para que a mãe possa se entregar a este estado, que ela esteja assistida de alguma forma, pelo pai do bebê, pela sua própria mãe ou até mesmo pelo governo.

Para nos auxiliar a compreender este aspecto sincrônico da relação mãe-bebê, no qual ocorre a identificação primária, vejamos o que Winnicott fala a respeito da experiência de *mutualidade*. O autor (1969/1994) define este termo como o começo da comunicação entre duas pessoas, que seria, para o bebê, uma conquista desenvolvimental, visto que para o bebê tudo isso é novo. Assim, esta experiência de mutualidade é vivenciada pela dupla de maneira diferenciada por cada um dos membros, visto que a mãe carrega lembranças que podem ajudá-la a

vivenciar este processo. Estas vêm principalmente da sua vivência do outro lado desta relação – ela já foi bebê um dia e teve os cuidados da sua própria mãe -, além disso, a mãe conta com as lembranças de suas brincadeiras onde ela cuidava de bebês, além de outras vivências tais como ter convivido com um irmão mais novo, por exemplo. Desta forma, Winnicott explica que estas vivências tenras estarão perpassando esta relação e possibilitando a identificação materna com o seu bebê.

Para Winnicott (1967/1975), esta profunda identificação que mãe e bebê vivenciam proporciona ao bebê um contexto em que as suas tendências desenvolvimentais fluem naturalmente. Assim, este estado particular em que se encontra a mãe, ordinariamente, ao nascimento do filho, possibilita que sejam desenvolvidas funções ambientais necessárias para o desenvolvimento do bebê, tais como: segurá-lo, manejá-lo e apresentar-lhe objetos. Quando esta sequência se dá de modo satisfatório para o bebê, ele pode chegar a uma conclusão mágica: o objeto apresentado foi criado por ele mesmo. Estas funções são tão essenciais ao seu desenvolvimento que, caso a mãe não as forneça, será necessária a presença de outrem que possa desenvolver seu papel.

Segundo Winnicott (1956/1993), só mesmo alguém que está vivenciando um estado tão especial de amor seria capaz de conseguir cumprir com tantas tarefas emocionais de fundamental importância para o desenvolvimento psíquico do bebê. Assim, o autor indica que quando este percurso não for vivenciado, ou seja, quando a mãe não for capaz de se adaptar às necessidades do bebê, o fracasso materno pode levar o bebê a intensas reações às invasões sofridas – invasões vindas de estímulos externos, mas também as de estímulos internos -, pois o bebê sozinho ainda não tem como dar conta destas invasões. Quanto a esta questão, Winnicott explica que as invasões em si muitas vezes não são o maior problema ao desenvolvimento do bebê, mas sim as reações que decorrem destas invasões. Estas reações, quando excessivas, podem ser vistas como uma ameaça de aniquilação ao seu *self*, pois a cada reação sua seria interrompido o sentimento de continuidade do bebê e, assim, o estabelecimento do ego seria prejudicado.

Para facilitar o entendimento das implicações desta relação mãe-bebê para o desenvolvimento emocional do mesmo, pode-se pensar que o próprio nome dado por Winnicott a esta fase inicial resume muito bem a importância do papel materno para o desenvolvimento psíquico do bebê: aqui, ele está em dependência

absoluta (Winnicott, 1969/1994). Segundo o autor, nesta fase de dependência absoluta o ambiente é uma parte do bebê e, portanto, a maneira como este ambiente se apresentará será de fundamental importância ao seu desenvolvimento. Winnicott (1969/1994, p. 197) sintetiza: “*quando há uma dependência quase absoluta, não podemos descrever o bebê sem descrever o meio ambiente*”. Assim, este momento trata da trajetória pela busca da diferenciação entre eu/não-eu, a qual o bebê está mergulhado. Aos poucos, através de uma maternagem suficientemente boa, adaptativa às necessidades do bebê, que possibilite que ele encontre fora do seu *self* o que necessita, o bebê pode desenvolver uma percepção objetiva dos objetos ao seu redor.

A capacidade do bebê desenvolver seu *self* verdadeiro graças à ajuda da mãe é detalhada por Winnicott (1960/1983) que explica que a mãe age de tal maneira que suas atitudes convergem com a onipotência do seu bebê. Assim, o lactente acredita que a realidade externa estaria respondendo magicamente aos seus desejos. Quanto à espontaneidade do bebê, esta estaria relacionada ao seu *self* verdadeiro - para Winnicott, o gesto espontâneo é o próprio *self* verdadeiro em ação -, e somente o *self* verdadeiro é de fato criativo e sentido como real pelo bebê. Assim, o desenvolvimento do *self* verdadeiro surgiria de repetitivos encontros dos gestos espontâneos do bebê que coincidissem com acontecimentos externos, envolvidos pelo entorno materno. Dessa forma, é através de sucessivas experiências de onipotência que o bebê pode, gradativamente, reconhecê-las como ilusórias. Contudo, este processo só tem as condições necessárias para acontecer na presença de um relacionamento especializado com a mãe, que permite que tudo isso se dê naturalmente.

Frente a estas colocações, pode-se questionar acerca da impossibilidade materna de dar conta de todas estas exigências necessárias ao seu bebê. Neste sentido, Winnicott (1966/2012) esclarece que, apesar de toda relevância da sensibilidade materna neste momento, falhas ocorrerão naturalmente e são, inclusive, de fundamental importância para desenvolvimento dos mecanismos adaptativos do bebê. Como o autor explica (1963/1983), as frustrações advindas das falhas maternas ajudam mais que as satisfações na realização da mudança de percepção do objeto subjetivo para o objeto percebido objetivamente. Isso aconteceria porque o desencontro daquilo que o bebê acredita ter criado com o

que lhe é apresentado acaba o educando acerca da existência do mundo do não-eu, como nomeado por Winnicott.

Tendo em vista o que foi exposto até então, compreende-se que a entrega materna à vivência da preocupação materna primária é de fundamental importância para o desenvolvimento do bebê. Contudo, torna-se intrigante pensar em como esse fenômeno se desenvolve quando a mãe se depara com dois ou mais bebês simultaneamente, ao conceber uma gravidez múltipla. Para Winnicott (1964/1985), esta experiência de maternidade parece compreender um desafio, indicado pelo autor na sua afirmação de que as mães de gêmeos possuem uma tarefa extra (p.156): “*dar-se a dois bebês ao mesmo tempo*”. Sem maiores dificuldades pode-se compreender esta sua afirmação, tendo em vista a importância que Winnicott atribui aos cuidados maternos e a capacidade da mãe de propiciar um ambiente suficientemente bom para seu bebê. Para Winnicott, é impossível que uma mãe consiga satisfazer e atender dois bebês juntos, sendo esta uma tarefa em que não existe outra alternativa que não a do fracasso para as mães - e esperar que de alguma forma seus filhos compensem a desvantagem que a condição gemelar impõe. No entanto, pretendemos discutir e questionar esta proposição winnicottiana, como será proposto ao longo da próxima seção desta revisão de literatura, que trata sobre as *Maternidades Simultâneas*.

Para além dos pontos abordados que dizem respeito às tarefas dobradas da maternidade gemelar, pode-se inferir que este contexto de maternidade também traz um profundo desafio psíquico para as mulheres que vivenciam esta experiência. Assim, a forma como a mulher irá se relacionar psiquicamente com mais de um bebê simultaneamente, revela-se uma questão a ser investigada.

Para nos auxiliar na busca por uma compreensão teórica acerca desta dificuldade eminente de se preparar para receber dois ou mais bebês, vejamos o que Lebovici sugere acerca das pré-concepções dos pais em relação aos seus filhos. Estas são representações do bebê que coexistem nas mentes dos pais em diferentes níveis de consciência e colocam em cena os mais diversos aspectos que envolvem as motivações e expectativas maternas (Golse, 2002; Solis-Ponton, 2004). Elas demonstram a trajetória psíquica que a mãe percorre para se relacionar com o seu bebê e todos os atravessamentos desta relação.

Vejamos quais são as representações segundo Lebovici. Primeiramente, em um nível inconsciente há a criança fantasmática, que surge a partir da própria

história de cada um dos pais, uma vez que desde o início de suas vidas os pais já carregam representações inconscientes que dão forma à criança imaginada (Golse, 2002; Solis-Ponton, 2004). Lebovici (1983/1987, 1988/1992) propõe que o filho fantasmático traz a resolução da conflitiva edípica materna, uma vez que ele leva a mulher a resolver sua ausência do pênis e por esta razão contemplaria o desejo da maternidade.

A segunda representação que Lebovici apresenta é a da criança imaginária. De nível pré-consciente, a criança imaginária pertence ao casal e está carregada das suas expectativas sobre o bebê: como ele será, qual será o seu sexo, etc. (Golse, 2002). Lebovici (1988/1992, p.52) pontua o seguinte: “*o filho imaginário nasce dos pensamentos latentes da mãe, torna-se o portador de ‘mensagens’ maternas, assim como o portador de valores transmitidos de geração em geração*”. Uma vez que pertence ao casal, esta representação diz respeito a um outro tipo de registro, o desejo de ter um filho (Lebovici, 1983/1987, Lebovici 1988/1992, Golse, 2002; Solis-Ponton, 2004).

A representação da criança narcísica se refere a como os pais entendem que seu filho poderá sucedê-los quanto aos seus ideais. Assim, os pais percebem seu bebê como alguém melhor do que eles e por isso nutrem expectativas que este filho vá além do que eles mesmos foram (Golse, 2002; Solis-Ponton, 2004).

A quarta representação diz respeito à criança mítica ou cultural, que se refere às representações coletivas presentes em uma determinada cultura e época. Segundo Lebovici, estas são passadas ao bebê, atravessando as representações que os pais criam sobre seus filhos (Golse, 2002; Solis-Ponton, 2004).

Tendo em vista estas quatro representações, por fim, chegamos ao bebê real. Solis-Ponton (2004) esclarece que este é o bebê que a mãe carrega em seus braços, de forma que as representações trazidas acima irão se relacionar com este bebê real se misturando com ele e, conseqüentemente, sofrendo alterações. Em entrevista, Lebovici comenta (Solis-Ponton, p. 21, 2004): “*quando o filho nasce e a mãe o pega no colo, ela pega no bebê real e também no bebê imaginário. Esse bebê real vai decepcioná-la com relação ao bebê imaginado.*”

Justamente por todas estas implicações, o que a mãe vê quando olha para o seu filho não diz respeito apenas ao bebê real que ali está, mas também a estes outros bebês que tomam a cena nesta interação. Assim, conforme sugere Lebovici (1983/1987), estas representações são determinantes na maneira com que a mãe

age com o seu filho. Por isso, Solis-Ponton (2004) propõe que estas interações podem, muitas vezes, originar mal entendidos com o bebê, que pode vir a ser o receptáculo de conflitos mal resolvidos da mãe, ou do pai. Assim, entende-se que é importante que a mãe e o pai possam, aos poucos, deixar surgir o bebê real, na medida em que consigam reconhecê-lo enquanto tal.

Com base nesse processo, Lebovici (1983/1987) propõe que as fantasias desencadeadas na mãe pelo seu bebê são mais ricas nos primeiros meses de vida da criança, justamente porque com o tempo se espera que o bebê possa ser capaz de agir frente a estas fantasias e de testemunhar, então, a sua própria vida fantasiosa, além de utilizar os seus pensamentos e as suas representações para agir. Solis-Ponton (2004) complementa explicando que esta adaptação ao bebê real será vivida como um confronto brusco para a mãe, pois a construção do bebê imaginário não está concluída à época do nascimento do bebê real e, por esta razão, este é um período fértil para projeções inconscientes das mães.

Aragão (2007a) também busca compreender esta passagem que inclui o desenvolvimento do bebê como um outro sujeito na mente da mãe. Como a autora esclarece, através do afrouxamento do mecanismo do recalque que ocorre através da transparência psíquica, a revivência desta relação primordial possibilitará que esta mulher grávida se identifique com sua mãe e isso a capacitará a passar da sua posição subjetiva filial para a posição materna. Contudo, tudo isso acontece em paralelo a um outro movimento, que exige que a mãe se identifique também ao mesmo tempo com seu bebê. Assim, entramos no outro lado deste processo, em que o bebê precisa ser percebido enquanto tal no psiquismo materno. Segundo Aragão (2007a), a modificação do limite corporal da mulher afeta sua representação narcísica, uma vez que a mulher grávida engloba um outro corpo. Haveria, assim, uma oscilação entre um narcisismo englobante, em que a experiência de completude é tão grande que parece que o bebê está incluído no narcisismo materno, e um narcisismo excludente, em que a mulher se percebe invadida por esse outro de quem irá se livrar no parto. Assim, na gestação ocorre esse trabalho psíquico da relação objetal, uma vez que inicialmente o bebê aparece como um estrangeiro que precisa ser decifrado pela mãe. Em um primeiro momento é necessário um deslizamento da percepção de feto como uma parte do próprio corpo materno, até que chegue o momento em que o bebê possa se constituir como um outro que, enquanto tal, possa se configurar como um objeto

alvo das projeções maternas e seu decorrente investimento. Dessa forma, ao longo da gestação espera-se que o bebê possa se transformar em familiar através das projeções e idealizações maternas que estão ancoradas na sua história infantil.

Por estas razões, Aragão (2007a) sugere que, durante a gestação, a criança tem um duplo *status*, pois ao mesmo tempo que está no interior da mãe e em seus pensamentos, mas está também ausente da sua realidade visível, de forma que só pode ser objeto de suas interações fantasmáticas. Assim, o bebê na barriga de sua mãe é um objeto narcísico e objetual ao mesmo tempo, e estas percepções terão intensidades e direções distintas no decorrer dos diferentes períodos gestacionais. Esta ‘evolução’ é explicada por Missonier (2004), que propõe o conceito relação com o objeto virtual (ROV).

Segundo Missonier (2004), a relação com o objeto virtual é um processo dinâmico e adaptativo que acontece tanto com a mãe quanto com o pai e está presente nos comportamentos, afetos e representações (conscientes, pré-conscientes e inconscientes) do embrião e posteriormente do feto. Missonier explica que a relação com o objeto virtual representa a matriz de todo curso posterior da relação com o objeto. Este conceito retrata um processo que vai de um investimento narcísico extremo (tendendo a um grau zero de percepção objetual), até a emergência progressiva de um investimento (pré) objetual.

Missonier, assim como Bydlowski e Aragão, compreende como fundamental os processos identificatórios envolvidos e explica que a medida que se cria um feto diferenciado e familiarizado, a mãe interna é reatualizada na vida psíquica da grávida. Dessa forma, o grau de maturação dos seus conflitos primitivos e edípicos permitirão, ou não, que a grávida alcance uma identificação da função maternal. Então, Missonier (2004) explica que:

“para descrever a plasticidade dos movimentos identificatórios maternos no enquadre da ROV, o esquema de uma identificação tripla é esclarecedor. A grávida se identificará: com o feto, com ela mesma como ex-feto no útero de sua mãe, e com a sua própria mãe uterina” (Tradução livre da autora, Missonier, 2004, p. 135).

Partindo destas considerações que evidenciam os processos psíquicos complexos que a grávida vivencia, torna-se desafiante a busca por uma compreensão de como estes processos se dão em uma maternidade experienciada com trigêmeos, como é o caso da mãe acompanhada neste estudo. As mulheres

que estão vivenciando o processo de maternidade com dois ou mais bebês ao mesmo tempo terão o desafio de, primeiramente, terem sua vida fantasmática despertada por bebês imaginários distintos e, depois, aprenderem a lidar com dois ou mais bebês reais simultaneamente.

Como Solis-Ponton (2004) explicou, a dificuldade de se confrontar com o bebê real está relacionada ao fato do bebê imaginário não ter sido concluído na gestação, o que pode levar a suposição de que se tratando de uma gestação que envolva mais bebês o confronto com a realidade pode se tornar ainda mais desafiante. Segundo Lebovici, a criança tem um papel ativo na parentalização dos pais (Solis-Ponton, 2004). Por esta razão, pode-se prever que a interação com os bebês reais também é decisiva nos vínculos que são desenvolvidos.

Tendo em vista as reflexões apresentadas, esta seção buscou demonstrar que as dificuldades maternas diante de uma maternidade gemelar, de dois ou mais bebês, vão além das questões que envolvem o cuidado. A grávida passa por um processo complexo de reconhecimento da alteridade do seu bebê, enquanto paralelamente vive um reencontro com sua mãe dos primórdios da sua infância para então se constituir enquanto mãe do seu bebê. Considerando a complexidade desta experiência, pensá-la dentro de um contexto em que ela ocorre simultaneamente com mais bebês torna-se um desafio. Na seção seguinte desta revisão de literatura, buscaremos discutir as possíveis implicações que a maternidade gemelar coloca para a mãe e para a constituição psíquica dos bebês.

2.2

Maternidades Simultâneas

A teoria winnicottiana defende que será através dos cuidados maternos suficientemente bons que o bebê começará a formar a base da sua personalidade e individualidade (Ribeiro, Santos e Zornig, 2016). Acredita-se que será através desta relação que o bebê constituirá sua subjetividade a partir da diferenciação que a descoberta eu/não-eu proporciona.

Para tanto, a dedicação materna e a empatia da mãe com seu bebê tornam-se essenciais. Segundo Winnicott (1965/1983), o acolhimento materno dos gestos espontâneos do bebê lhe proporcionaria o sentimento de continuidade do ser através da experiência de ilusão, em que o bebê acreditaria ter criado o objeto

encontrado conforme sua vontade, de forma que esta experiência o conduziria também ao sentimento de onipotência. O autor defende que a partir destas vivências o bebê poderá desenvolver a confiança no seu ambiente.

Por estas razões, o bebê exige de sua mãe uma extrema dedicação, que Winnicott (1957/1985) acredita que se trata de um egoísmo primário. Segundo este autor, poder ter vivenciado a experiência de ter tido uma mãe completamente devotada a atender às suas necessidades, seria condição para que no futuro o bebê possa naturalmente prescindir dessa dedicação exclusiva, compreendendo e permitindo que a mãe tenha outros interesses e investimentos. Assim, segundo Winnicott, para que um dia o sujeito venha a ter tolerância ao ponto de vista alheio ele teria que ter vivenciado uma firme experiência de egoísmo primário. Conforme foi exposto em artigo prévio: *“Quanto mais intensa essa experiência inicial de dedicação exclusiva do outro, mais fácil é abster-se dela posteriormente, dando lugar ao desejo do outro, sem grandes ressentimentos”* (Ribeiro, Santos & Zornig, 2016 p.45).

Tendo o reconhecimento desta necessidade inicial do bebê para sua constituição enquanto *self*, levanta-se a questão de como este processo se dá no caso de gêmeos, em que desde sempre há um outro que também chora e solicita a mesma mãe ao mesmo tempo. Sabemos que o nascimento de gêmeos é um fenômeno perfeitamente natural, uma vez que gestações gemelares sempre aconteceram na humanidade, contudo, ele carrega em si peculiaridades que merecem ser observadas, tendo em vista as dificuldades que essa condição naturalmente impõe (Ribeiro, Santos & Zornig, 2016). Para Winnicott (1957/1985), seria difícil para uma mãe atender as necessidades imediatas de dois bebês, sendo ela uma só, de forma que até certo ponto ela fracassaria e deveria se contentar em fazer o melhor possível. Contudo, Winnicott explica que com o passar do tempo as mães de gêmeos percebem que não precisam tratar os filhos de maneira idêntica, uma vez que são sujeitos com necessidades distintas, e então elas compreenderiam que devem tratar cada um dos seus filhos como se fosse único. Para tanto, o autor defende que as mães tentam descobrir as diferenças de cada bebê, para facilitar este processo. Assim, através desta busca pelo conhecimento da individualidade de cada filho, a mãe poderá desenvolver com cada um deles uma relação total e poderá, então, compreender que seus filhos vivenciam experiências paralelas e possuem diferentes temperamentos.

Esse é então um processo perfeitamente possível, mas provavelmente mais desgastante para a mulher que o vivencia, de forma que é preciso considerar que na grande maioria dos casos as mulheres não esperam engravidar de gêmeos (Ribeiro, Santos & Zornig, 2016). Winnicott (1957/1985) defende que quase todas as mães de gêmeos afirmam que não teriam escolhido a maternidade gemelar se pudessem ter tomado esta decisão. Neste sentido, pode-se pensar que a realidade de uma mulher que concebe três ou ainda mais bebês em uma gravidez múltipla pode ser ainda mais inusitada e desafiadora. Garel, Salobir e Blondel (1997) realizaram um estudo com onze mães que haviam tido trigêmeos quando as crianças estavam com quatro anos de idade. Segundos os autores, seus resultados apontavam para indícios de arrependimentos na fala destas mulheres quanto a terem tido três filhos. Outro dado revelado se refere ao fato dos pesquisadores terem percebido que as mães que participaram deste estudo isolavam um dos bebês de forma a considerá-los como diferente dos outros dois. Ao se deparar com este achado do estudo de Garel, Salobir e Blondel, a pesquisadora Klock (2004) atribuiu ao mesmo o significado de que estas mães pareciam formar um par de crianças e deixavam a terceira sobrando, como se fosse uma extra.

Refletindo acerca destas considerações na minha dissertação de mestrado, levantei a hipótese de que poderia haver inicialmente um limite subjetivo em relação ao número de bebês que as mães conseguem dar conta simultaneamente, que foi embasada pela constatação do estudo de Garel et al. (1997) de que o terceiro bebê era percebido como excluído pelas mães (Ribeiro, 2012). Neste trabalho, a eminente dificuldade de elaboração de uma gestação gemelar foi percebida como um estado de *com fusão*, onde apareceu uma dificuldade das mulheres grávidas de gêmeos de abrirem espaço psíquico para receber seus dois bebês. Esta percepção surgiu a partir da minha observação de fatos tais como: uma mãe comprar dois armários e dois bercinhos para seus filhos, mas ocupar apenas um, de outra mãe colocar seus bebês para dormirem juntos no mesmo berço, assim como a presença de atos falhos, tais como: “*nós dois, nós três né*”, quando uma mãe referia-se a ela e aos seus dois bebês. Estes dados foram compreendidos como uma dificuldade de assimilação em nível inconsciente da chegada de dois bebês, de forma que estas mães os uniam em apenas um, como apareceu nestas atitudes e falas (Ribeiro, 2012).

As autoras Ada Morgenstern e Adela Gueller (2015) também observaram um fenômeno parecido, as autoras afirmaram ser comum o uso do pronome pessoal no plural *eles* ou para as mães de filhos gêmeos se referirem a eles e concluem: “*configura-se, desse modo, um lugar – um – que se divide entre dois ou mais sujeitos – como se na somatória eles perfizessem o um completo*” (p.65). As autoras então concluem que ainda que a mãe de gêmeos vá desenvolver uma relação individual com cada bebê, existirá também uma relação dela com os bebês enquanto unidade. Gabriele, a mãe acompanhada nesta tese, se referia muitas vezes aos filhos como *os bebês*.

Parece que esse fenômeno de perceber os filhos como uma unidade representa uma certa dificuldade de assimilação por parte destas mulheres. Contudo, ainda assim as mães de gêmeos demonstram capacidade de emprestar sua vida psíquica distintamente a cada um dos seus filhos, o que já está presente em relatos de grávidas que falam de bebês imaginários, onde elas já buscam diferenciá-los e caracterizá-los.

Como fora afirmado em trabalho anterior, parece que estas mulheres conseguem se entregar ao processo de preocupação materna primária simultaneamente a dois ou mais bebês, visto que não há evidências de que estatisticamente gêmeos apresentem maiores índices de problemas de ordem psicológica ou social (Ribeiro, Santos & Zornig, 2016). Pode-se inferir que a vivência da preocupação materna primária com bebês distintos simultaneamente se torna possível justamente pela construção de relações distintas com cada um dos sujeitos, percebidos como singulares e reconhecidos em suas individualidades, despertando, assim, na mãe, expectativas e projeções diferenciadas.

A construção da relação da mãe com o seu filho, como sujeito singular, é um processo gradual. Como foi apresentado anteriormente a partir de autores como Bydlowski, Golse e Aragão, a mulher precisará passar por uma transição, visto que, inicialmente, ela percebe o feto como um objeto interno seu. Ao longo da gestação e dos primeiros meses de vida do bebê ela será capaz de enxergá-lo como um objeto externo.

Considerando esta concepção de que a percepção objetiva do bebê por parte da mãe é uma construção, pode-se inferir que este processo será mais custoso psiquicamente para a mãe de gêmeos, que passará por este processo com

dois ou mais bebês. Em artigo prévio foi defendido que, conforme é construída a percepção objetiva de cada bebê, a mãe poderá mergulhar na relação total com cada um dos seus filhos, se tornando uma mãe distinta para cada um deles (Ribeiro, Santos e Zornig, 2016).

Como David (2012) explica, a relação materna é uma relação contínua, que segue por toda a vida. Segundo a autora: “*é uma relação passional, amorosa, sempre complexa, dentro da qual o bebê e a mãe vivem uma dinâmica de ternura, de cólera e frustração, de inquietudes e brincadeiras*” (Tradução livre da autora, p.45-46). Para David, a relação maternal é inspirada por tudo aquilo que o bebê evoca na mãe e estas evocações são das mais diversas ordens: estão relacionadas à sua vida de casal, ao seu passado familiar, às pressões de sua cultura, entre outras vivências. Justamente por estes motivos, David defende que cada relação mãe-bebê é única e irreprodutível, de forma que uma mãe não reproduzirá a mesma relação com seus outros filhos.

Canevaro (2012) transcorre acerca da importância da mãe respeitar o ritmo de cada bebê. O autor afirma: “*os ritmos das aquisições, as posturas a adotar, a disposição e a sucessão das sequências psicomotoras, tudo isso se desenvolve de forma original em cada criança*” (Tradução livre da autora, p.60). Defendendo a importância de que a mãe possa respeitar as características de cada criança, reconhecendo-as, o autor complementa: “*cada criança é uma realidade que não se repete*” (Tradução livre da autora, p.59). E esta realidade vai despertar sentimentos, projeções, preocupações e paixões singulares na sua mãe, e esta díade vai formar, assim, uma díade única.

Assim, a relevância da mãe em reconhecer a individualidade de cada filho estaria presente pelo fato de, a partir deste reconhecimento, ela poder se relacionar distintamente com cada um dos seus filhos e assim possibilitar que eles, por sua vez, possam se reconhecer como indivíduos distintos (Ribeiro, Santos & Zornig, 2016).

Em meio ao reconhecimento da individualidade e do estabelecimento de relações distintas com cada filho, para a compreensão da experiência da maternidade gemelar torna-se pertinente considerarmos a dedicação dobrada que as mães de gêmeos precisam apresentar. Além do apoio ambiental que dá suporte à mãe – primeiramente pensamos na função paterna –, é preciso haver uma aposta materna na capacidade de espera dos seus bebês, que só poderá surgir a partir da

possibilidade de previsibilidade do que irá acontecer em seu ambiente (Ribeiro, Santos & Zornig, 2016). Conforme o tempo passa, a mãe estabelece determinados ritmos que perpassam suas reações e atividades com seus bebês e, assim, uma trama de continência é construída que capacita cada um dos irmãos a antecipar os movimentos do ambiente e vivenciar uma experiência de continuidade, conforme exposição de Alberto Ciccone em simpósio (2015). Para exemplificar, podemos pensar na seguinte situação: se um bebê compreende que muitas das vezes que a mãe se afasta com seu irmão, ele escuta um determinado barulho (do banho sendo preparado), e depois de alguns instantes ela retorna para buscá-lo, com o tempo ele irá cada vez mais permanecer tranquilo em sua ausência, pois pode prever o seu retorno. Assim, percebe-se que se estabelece um vínculo de confiança, em que o bebê compreende as ausências maternas, e a mãe, por sua vez, compreende que seu bebê poderá lhe aguardar, o que possibilitará que ela se dedique ao filho que está com ela no presente momento de forma total, oferecendo-se, assim, de forma inteira e total a cada um deles.

Tendo em vista a importância que o ritmo parece ter para a constituição subjetiva do bebê, a seguir será exposta uma subseção que se dedicará a apresentar este conceito. A mesma pretende demonstrar como o ritmo pode se revelar fundamental para a compreensão da maternidade gemelar e do desenvolvimento subjetivo dos bebês gêmeos.

2.2.1

A importância do ritmo para a constituição subjetiva do bebê

Graças ao ritmo estabelecido na relação da díade mãe-bebê, o bebê pode alcançar uma compreensão das noções de tempo através da espera, assim como de espaço, pois sua mãe se ausenta e retorna. Marcelli (2007) foi um dos autores que mais desenvolveu o conceito do ritmo neste contexto. O autor afirma que confundir o ritmo com a simples repetição ou cadência é um erro. Segundo Marcelli, repetição e cadência, período e medida, são partes do ritmo, mas o ritmo é mais que a soma destes elementos. Para o autor, o ritmo não é simplesmente uma sucessão, ele religa o que se trata de um registro de continuidade por um lado ao registro de suspensão, de ruptura, por outro. Explicando melhor este processo: o ritmo liga a continuidade do antes àquela do depois. Ele liga através do tempo a

continuidade e o corte, esta temporalidade se faz não apenas a partir das repetições que retomam a continuidade, mas também dos cortes que os elementos surpresas apresentam. Assim, Marcelli explica que a essência do ritmo está nessa tensão entre necessidade de regularidade e de espera por surpresa, porque será justamente através da sua ruptura que ele será inscrito como um ritmo.

Marcelli (2007) desenvolveu minuciosamente a presença do ritmo na vida de uma criança recém nascida e diferenciou o que ele chamou de microritmos e macroritmos, tendo ambos funções importantíssimas na organização da vida psíquica do bebê. Marcelli explica que a partir da sua constatação de que repetição e mudança são duas coisas indispensáveis para que o indivíduo nasça psiquicamente, percebeu que estes dois tipos de necessidades se situam em domínios distintos. Macroritmos foi a denominação que o autor deu ao domínio das interações de cuidado cotidiano que são necessários constantemente, de forma que através da sua periodicidade, frequência, e da forma como ocorre, oferece ao bebê o que Marcelli chamou de antecipações confirmadas. O bebê pode antecipar, pois antecipações são estabelecidas através de rotinas e vão lhe dando aos poucos a ilusão de que ele criou seu ambiente, ele vivencia o sentimento de ilusão de criar o mundo, também descrito por Winnicott (1963/1983).

Para Marcelli, através destas interações de cuidados repetitivas e circulares a continuidade narcísica do bebê é sustentada sob a satisfação da espera. O domínio das interações lúdicas foi nomeado pelo autor como microritmos, que contempla as surpresas e os enganos que ocorrem nas brincadeiras. Marcelli chama atenção para o fato de que estas seriam interações breves, de um ou dois minutos, que aparentemente são inúteis, contudo, sua relevância é imprescindível para constituição psíquica do sujeito. Isso se dá pois o bebê pode investir nos microritmos vivenciando uma incerteza onde a espera não é segura, mas é excitante. A espera pela surpresa permite um investimento libidinal da tensão, por saber que depois haverá um relaxamento. Assim, Marcelli explica como o indivíduo se organiza psiquicamente entre esperas confirmadas '*macroritmos*' e esperas enganadas, através das pegadinhas presentes nas brincadeiras '*microritmos*'. A conjuntura destes dois tempos cria o ritmo no qual o bebê vai se instalar. Albert Ciccone (2015) nos ajuda a compreender a relevância deste processo quando explica que a ritmicidade permite a antecipação, e será a partir da antecipação que o pensamento é gerado.

A partir do conceito de ritmo proposto por Marcelli, podemos pensar que as falhas maternas, já apontadas por Winnicott (1947/2000) quando o autor apresenta o conceito da mãe *suficientemente* boa, também instaura o ritmo de cada díade. No momento em que o bebê espera a mãe e ela não está lá, a mãe abre uma brecha na continuidade das antecipações esperadas do seu bebê. A falta resulta de uma antecipação em vão, onde a mãe não está aonde o bebê espera, mas conforme essa falta se mostra uma brecha, e não uma constância, o bebê conseguirá tolerar a lacuna entre o que ele espera e o que de fato acontece. Como Aragão afirmou, algumas disritmias são inevitáveis. Para Ciccone (2007), “*todo bebê é inevitavelmente confrontado às discontinuidades comuns*”. (Tradução livre da autora, Ciccone, 2007, p.30)

Contudo, se estas discontinuidades estiverem sob um fundo de permanência, ou seja, de previsibilidade, elas criam o lúdico, como Marcelli explica através do conceito de macroritmo/microritmo. A partir deste ponto o bebê vai, aos poucos, poder compreender sua mãe como um objeto objetivamente percebido, que tem seus desejos e necessidades.

No caso das mães de gêmeos podemos supor que estas brechas maternas podem ocorrer com mais frequências, devido ao fato de que a mãe deverá interagir com dois ou mais bebês que passam por necessidades de cuidados intensas. Tavares (2007) realizou um estudo que buscava analisar as relações triangulares em gêmeos, e seus achados podem nos auxiliar a compreender as reflexões aqui propostas. A autora trouxe uma constatação curiosa: os gêmeos permaneciam quietos enquanto a mãe fazia a higiene do irmão ou o alimentava. No entanto, se após finalizar a tarefa a mãe seguisse sua interação com o irmão, o outro gêmeo começava a reclamar. Perante estas observações, Tavares levantou a hipótese de que os gêmeos parecem ser capazes de compreender as necessidades de cuidados dos seus irmãos e por isso conseguem aguardar alguns minutos para receber a atenção materna. A autora também chamou a atenção para os revezamentos entre os irmãos de ciclos sono-vigília, segundo Tavares estes eram tão sincronizados que chegavam a parecer que eram combinados pelos gêmeos. A pesquisadora também relatou que após serem cuidados, os bebês muitas vezes adormeciam e permitiam que a mãe cuidasse do irmão. Contudo, Tavares propôs uma reflexão a respeito da impossibilidade do bebê gêmeo estar a sós com sua

mãe, pois mesmo na ausência física do seu irmão, quando este adormecia, ele permaneceria presente na mente materna.

Dentre os achados de Tavares (2007) surge um paradoxo que está relacionado ao fato de existirem momentos em que os gêmeos aceitavam aguardar o irmão ser atendido em contrapartida a outras situações nas quais esta espera não era facilmente tolerada (Ribeiro, Santos & Zornig, 2016). Normalmente, a intolerância era revelada em circunstâncias nas quais a mãe já havia terminado o cuidado com o irmão, mas seguia interagindo ludicamente com ele. Nestes momentos, os bebês chamavam a atenção das mães muitas vezes através de expressões faciais que demonstravam desagrado, as quais eram frequentemente serenadas com olhares, sorrisos e palavras maternas. Pode-se inferir que nestes casos não é a questão da previsibilidade, ou da sua falta, que está em questão, mas sim do desejo do bebê de que a mãe interaja ludicamente apenas com ele, pois como vimos anteriormente existe uma necessidade do bebê entender que tem poder sobre sua mãe, de que possui controle sobre ela, que seria o que Winnicott chamou de egoísmo primário (1957/1985). Contudo, a frustração de perceber que ele não tem este domínio que imaginava sobre a sua mãe vai educar o bebê quanto a sua existência enquanto ser separado. Se esta confrontação acontecer envolta de um ambiente materno acolhedor e empático ao bebê, ele poderá começar a compreender sua existência em separado da díade materna e tolerar suas ausências, usando, muitas vezes, do autoconsolo para aguardá-la, através de experiências narcísicas autoeróticas.

Com base nestas concepções teóricas, podemos supor que através da construção de ritmo, o estabelecimento da confiança do bebê em relação ao ambiente vai sendo estabelecida em meio a possibilidade da criança poder antecipar o que acontece em seu ambiente. Contudo, torna-se importante destacar que é preciso haver uma aposta do ambiente na capacidade desta criança em poder esperar e, mais do que isso, poder ter bons momentos mesmo que sem a sua presença.

Szanto-Feder (2012) explica que essa aposta materna (ou do cuidador que estiver com a criança) torna-se imprescindível em um contexto de cuidado que haja mais de uma criança a ser cuidada, para manter a qualidade da atenção que o adulto vai dispor às demais crianças, como podemos ver no seguinte trecho:

“Se a criança que brinca de maneira autônoma passa seu tempo de uma maneira que o adulto que a cuida também considera como rico e interessante, então este adulto se ocupará de uma outra criança, e o tempo que este adulto passará com esta outra criança será bem mais rico e interessante do que seria caso o adulto tivesse o sentimento de que a outra criança permanecerá sozinha sem fazer nada porque está lhe aguardando. O tempo rico que passa esta outra criança com o adulto servirá de alimento para sua segurança afetiva, e graças a estes momentos esta criança brincará de maneira autônoma quando este adulto estiver longe, não se sentindo abandonada” (Tradução livre da autora, Szanto-Feder, 2012, p. 9)

É possível compreender que um ciclo se fecha, a atenção dada a cada criança é integral, e esta entrega acontece pois a mãe, ou a cuidadora, pode confiar que o outro bebê estará bem lhe aguardando. Da mesma forma, esse bebê que aguarda será cuidado e terá seu envolvimento total com sua mãe quando ela estiver disponível, e isso lhe dará a confiança necessária para aguardar quando for a sua vez de esperar. Este retorno pode ser compreendido também através da afirmação de Konicheckis acerca do ritmo:

“o ritmo supõe um retorno, uma repetição, uma forma de círculo, suscetível de se opor às tendências de ninhada e de dispersão presentes na criança. Graça ao seu reinício no eixo da temporalidade, o ritmo acolhe e se instala no psiquismo de novas experiências, e, até então, de novas dimensões espaciais. Tempos de espera e de esperança, que ao chegar da noite permite a formação de novos objetos psíquicos com os sonhos” (Tradução livre da autora, Konicheckis, 2008, p. 69).

Conforme exposto anteriormente, ainda que possamos inferir que há uma dedicação integral materna com cada gêmeo, é preciso reconhecer que esta dedicação será intermitente, visto que os cuidados ocorrerão de forma alternada para cada bebê. Os gêmeos parecem sustentar o tempo de espera da mãe a partir desta possibilidade de previsibilidade e antecipação descritas acima, construindo vivências de continuidade. Porém, a experiência materna neste contexto caracteriza-se, certamente, por uma maior exigência psíquica da mulher convocada a construir em cada relação filial uma riqueza simbólica e afetiva que demanda seu total envolvimento pessoal (Ribeiro, Santos & Zornig, 2016).

Como já explicado anteriormente, a experiência vivenciada pela díade mãe-bebê no campo intersubjetivo proporcionam alternadamente experiências de fusão e separação. Esta alternância é constitutiva, através dela o bebê vai vivenciar o sentimento de ser e começar a se relacionar de forma objetiva com os objetos (Ribeiro, Santos & Zornig, 2016). No caso dos gêmeos, esta alternância

será vivenciada mais seguidamente, mas se o ambiente proporcionar a confiança e o ritmo explicados acima, eles poderão sustentar a ausência e a partir dela serem educados a respeito do mundo não-eu. Como Aragão (2016) descreve, o psiquismo do bebê se constitui ao mesmo tempo que o objeto ganha o estatuto de sujeito. Assim, o bebê compreende que se tem um objeto com quem ele se relaciona é porque ele é um sujeito separado desse outro sujeito.

Para Ciccone (2007), o ritmo é o elemento que proporciona a base segura desta relação. Contudo, para que se constitua enquanto tal, o objeto não pode desmentir a promessa dos reencontros, que devem se efetuar de uma maneira rítmica que garanta a sua continuidade. Conforme o autor afirma: “*a ritmicidade das interações é notadamente caracterizada por uma sucessão de engajamentos e retiradas (...) é importante que os pais, os adultos respeitem as retiradas do bebê, elas permitem a sua interiorização*” (Tradução livre da autora, Ciccone, 2007, p.24) No caso de bebês gêmeos, estas retiradas também acontecerão, naturalmente, devido a própria natureza do fato que a maternidade gemelar impõe, em que bebês com necessidades parecidas em tempos que coincidem precisarão aguardar, eventualmente, por cuidados. Estes distanciamentos proporcionarão ao bebê a vivência deste mergulho ao seu interior através de um movimento de preenchimento narcísico, que também é de vital importância para sua constituição subjetiva.

Aragão (2016) aborda em sua tese de doutorado a questão da *presença-ausência* materna para os processos de subjetivação do bebê. A autora explica que a capacidade de estar só, que pode acontecer na ausência ou presença materna, só se dá quando o bebê pode guardar dentro de si a mãe ausente, já transformada em uma representação. Para tanto, ele precisa ter feito o luto do objeto primário, que exige que a presença interna do objeto perdido esteja assegurada na sua ausência, de forma que o objeto, a mãe, já foi internalizado pelo bebê. Aragão destaca que a falta do objeto só ocorre uma vez que ele já tenha sido encontrado, ou seja, o objeto esteve qualitativamente presente, se permitiu encontrar. Em outras palavras, até para se vivenciar a falta enquanto tal, a qualidade da presença materna torna-se fator imprescindível.

Para Ciccone (2007), as experiências do bebê o confrontam às inevitáveis e constantes rupturas, aos momentos de presença objetual que se alternam aos de ausências. A seguir, o autor afirma que:

“Se o pensamento supõe a falta, nasce da falta, é evidente que a falta e a ausência são em si experiências traumáticas. É a ritmicidade da alternância presença/ausência que poderá sustentar a crença mental e o desenvolvimento do pensamento a partir da falta. A ausência não é tolerável e maturativa apenas se ela se alterna com a presença através de uma ritmicidade que garante o sentimento de continuidade. A descontinuidade não é maturativa que sob um fundamento de permanência. E a ritmicidade das experiências dão uma ilusão de permanência” (Tradução livre da autora, Ciccone, 2007, p. 14).

Koniceckis (2008) também explica como a presença efetiva do objeto torna-se pressuposto imprescindível para o desenvolvimento da capacidade de alucinação do bebê e consequente capacidade de autoconsolo, no seguinte trecho:

“As sensações perceptivas de toda jovem criança lhe servem de tela e de suporte para as alucinações satisfatórias. (...) para a criação simbolizante da criança, uma complementaridade entre as sensações provocadas pela presença efetiva do objeto e a atividade onírica representacional é necessária” (Tradução livre da autora, Koniceckis, 2008, p. 51-52).

Aragão (2016) destaca que para o bebê alcançar a capacidade de estar só em presença do objeto, é preciso que este tenha sido suficientemente presente de maneira confiável a ponto de que o bebê consiga relaxar e brincar com seu mundo interno, chegando a esquecer que o objeto está ali. A partir desta explicação a autora então introduz o conceito de Green (1993) sobre o trabalho do negativo. Este diz respeito ao apagamento do objeto primário e a sua transformação em estrutura enquadrante. Este apagamento ocorre através da alucinação negativa, que vai permitir o enquadre dos limites interno/externo, sujeito/objeto. Assim, o bebê vai compreendendo que é um ser distinto de sua mãe e, consequentemente, vai se percebendo fora da relação simbiótica.

Neste ponto, Koniceckis (2008) propõe uma diferenciação entre os conceitos de separação eu/não-eu e de descontinuidade. Esta distinção é esclarecedora para nos auxiliar na compreensão da vivência do distanciamento e dos seus impactos para o bebê, além de nos possibilitar inferir o desastre que pode ocorrer a nível psíquico quando o distanciamento precoce persistir por tempos demasiadamente longos para o bebê. Koniceckis explica que:

“um bebê jovem prova o sentimento de prolongamento no corpo do outro, continuidade que comporta um laço com sua própria existência. Os distanciamentos com este outro podem ser sentidos como uma ruptura na sua própria pessoa. A subjetivação consistirá em tornar subjetiva a estranheza desta experiência de distanciamento entre os corpos. Parece-me preferível abordar

estes distanciamentos corporais nas experiências precoces em termo de descontinuidade, do que de separação. A separação deixa supor a existência de objetos e de sujeitos psíquicos claramente definidos (...). A descoberta do objeto como um não-eu começa pela tentativa de tornar subjetiva a estranheza despertada e provocada por esta experiência de distanciamento. Tentando fazer desaparecer as diferenças entre ele (sujeito) e o objeto, a criança busca eliminar o sentimento de ruptura íntima. Os movimentos sensoriais precoces tendem manter o contato com os objetos exteriores” (Tradução livre da autora, Konicheckis, 2008, p. 20-21).

Neste ponto, torna-se pertinente apresentar a distinção que Aragão (2016) faz entre os processos de diferenciação e separação. A autora explica que a diferenciação é um prelúdio da separação, uma vez que o bebê primeiramente precisa se perceber como diferenciado do seu objeto primário. A partir desta constatação, ele se perceberá, então, como um ser separado deste objeto e logo constatará este objeto como um sujeito distinto, de forma que esta descoberta torna-se natural. Aragão, contudo, explica que nem sempre este processo ocorre desta maneira e, então, a autora apresenta as definições de angústia segundo Quinodoz. Quinodoz (1991) explica que se na fase de indiferenciação, quando o bebê ainda não se percebe como um indivíduo distinto do objeto primário, o sujeito passar pela vivência de separação, esta será extremamente traumática, pois vai ser vivenciada pelo sujeito como uma perda de um pedaço de si próprio.

Konicheckis (2008) da mesma forma explica que, nos laços precoces, o objeto é sentido como parte do *self*. Por este motivo, o autor afirma que: *“as sensações provocadas pelo objeto são experimentadas como alguma coisa pessoal, íntima, própria à individualidade”* (Tradução livre da autora, Konicheckis, 2008, p.51). Nestes casos, estaríamos diante de situações patológicas que fogem da normalidade do processo de constituição psíquica.

Defendo que nos casos gemelares é possível que a alternância ausência/presença seja utilizada pelos bebês em seu processo de diferenciação e subjetivação, de forma que o fato da mesma mãe ter que cuidar de dois ou mais bebês não seria prejudicial para estes indivíduos que estão passando pelo processo de constituição psíquica. Contudo, o que se torna cada vez mais evidente é que a qualidade da relação e do vínculo estabelecido com cada bebê, assim a estabilidade materna, tornam-se elementos indispensáveis para que este processo seja bem sucedido.

Conforme descrito anteriormente, as mães são convocadas a identificarem-se profundamente a dois bebês ao mesmo tempo através do estado de preocupação materna primária, imprescindível para o desencadear do processo de subjetivação das crianças (Ribeiro, Santos & Zornig, 2016). Assim, um mergulho profundo em cada uma das relações estabelecidas com cada bebê é possível, embora represente uma exigência psíquica adicional à mulher, justamente porque implicará uma entrega total, a nível do *self*, a dois objetos distintos que, por sua vez, evocam nesta mulher questões subjetivas distintas.

A respeito da subjetividade encontrada na natureza humana de cada bebê e de todas questões projetivas que cada um desperta, atravessa e é atravessado ao se relacionar com um sujeito em específico, Konicheckis (2008) afirma que:

“o sujeito psíquico é na origem o objeto para um outro sujeito. Ele é em passividade. Os objetos da criança são assim sujeitos também, dotados de uma subjetividade própria. A subjetividade se desenvolve em relação a outras subjetividades, que supõem a inclusão da organização narcísica e subjetiva dos outros na sua própria organização subjetiva” (Tradução livre da autora, Konicheckis, 2008, p. 21-22).

Nesse sentido, os casos gemelares fazem da preocupação materna primária, que é em si um estado muito intenso, um fenômeno ainda mais complexo, em que é necessário que a mulher se desdobre, vivenciado dois (ou mais) processos de construção da maternidade em paralelo, o que permite que ela se constitua como uma mãe diferente para cada uma de suas crianças (Ribeiro, Santos & Zornig, 2016). Dessa forma, ocorrem duas maternidades distintas *simultaneamente* na mesma mulher – e o simultaneamente é que torna a experiência gemelar distinta da experiência de uma mulher que tem mais de um filho em diferentes gestações.

E a singularidade desta experiência se revela também através de um fenômeno observado por lapsos do inconsciente, que demonstram que ainda que estas mulheres tenham plena consciência da gestação gemelar, ainda assim costumam apresentar, inicialmente, uma resistência psíquica de assimilar seus dois, ou mais, bebês, conforme explicado anteriormente (Ribeiro, Santos & Zornig, 2016). Neste ponto, torna-se importante ressaltar uma especificidade das maternidades gemelares:

“Embora a mãe seja capaz de se entregar a este processo singularmente com cada bebê, ela estará sempre, de certa forma, experienciando o outro mergulho

em paralelo. Aí reside o risco típico da condição gemelar: de aglutinação na psique materna dos seus dois ou mais bebês. Desse modo, faz-se necessário um longo trabalho psíquico no sentido de elaborar a maternidade gemelar, possibilitando, gradualmente, o processo de percepção objetiva de cada um dos filhos, para que então a mãe seja capaz de reconhecer a individualidade e singularidade dos mesmos” (Ribeiro, Santos & Zornig, 2016, p. 51-52).

Dessa forma, a hipótese teórica levantada no trecho acima é de que o processo de subjetivação do bebê se fundamenta na qualidade da relação estabelecida com a mãe e na sua confiabilidade, permitindo ao bebê constituir uma experiência de continuidade como base do *self* (Ribeiro, Santos & Zornig, 2016). Parece que na grande maioria dos casos de gêmeos, os bebês conseguem desenvolver uma capacidade de espera alicerçada na previsibilidade que faz com que estas crianças compreendam que, embora por vezes a mãe se ausente para ocupar-se do irmão, ela retornará em breve. Assim, conforme explicado, a mãe também poderá confiar na capacidade de espera do seu filho para então poder se entregar aos cuidados do seu irmão gêmeo, estando inteira nesse mesmo processo (Ribeiro, Santos & Zornig, 2016).

Com base nesta concepção de que a mãe vivencia com cada filho uma relação singular, proponho, nesta tese, a seguinte hipótese quanto à maternidade gemelar: *cada relação integral (mãe-bebê) será influenciada pela outra relação integral que está sendo construída em paralelo, a partir de comparações constantes que a mãe faz. Tratam-se, assim, de relações integrais que, contudo, se autoinfluenciam reciprocamente durante as suas construções, na medida que trazem parâmetros de comparações.* Esta hipótese foi construída a partir da análise do presente caso desta tese e será posteriormente ilustrada.

Morgenstern e Gueller (2015) trazem o seguinte questionamento, que pode auxiliar na compreensão desta hipótese:

“seria ser único um dos impossíveis da gemelaridade? A competição pela atenção materna assinala a dificuldade de ocupar um lugar único e incomparável, mas permite viabilizar distinções na dupla, já que cada um reage de um modo, forçando a mãe a reconhecer a diferença entre ambos” (Morgenstern & Gueller, 2015, p. 59).

As autoras destacam que muitas vezes as mães acabam por cindirem os irmãos em pares opostos, depositando em um dos gêmeos os aspectos idealizados e no outro, os rejeitados. Assim, Morgenstern e Gueller (2015) explicam que

muitas vezes os gêmeos ocupam lugares rígidos: “*um é passivo o outro ativo, um é competente e o outro incompetente, um é hiperviril e o outro afeminado*”. (p.65, 2015). A partir da compreensão deste fenômeno de comparação, proponho uma comparação que atue em um sentido mais amplo e em um nível mais profundo do que as características projetadas nos bebês. Permanentemente, desde a gestação, o olhar materno aos filhos vai enfatizando e destacando características que vão dando um colorido especial e intenso às suas projeções.

Sabemos que estas projeções maternas são permeadas pela transmissão psíquica, de forma que este fenômeno demonstra ter papel proeminente na forma como a mãe vai se relacionar com cada bebê, perpassando esta relação. Na seção seguinte deste capítulo de revisão de literatura será apresentada uma discussão teórica que transcorrerá acerca deste tema.

2.3

Transmissão psíquica e parentalidade: a busca do sujeito por se eternizar

Para Freud (1914), todo bebê assegura a ilusão da continuidade narcísica dos seus pais, de forma que a parentalidade perpetua a família e a espécie. Parece que o sujeito torna-se pai/mãe para que possa transmitir suas histórias e se manter vivo. As transmissões que perpassam geração à geração vem sendo alvo de investigações psicanalíticas que buscam a compreensão das origens do sujeito. Estas transmissões podem ser estruturantes e/ou patológicas. Lebovici (1998) explica que a transmissão de conflitos inconscientes podem vir a bloquear o desenvolvimento da criança. A este processo, Lebovici deu o nome de mandato transgeracional, fenômeno que impõe uma força restritiva aos descendentes.

Uma diferenciação entre dois tipos de transmissões foi proposta por Lebovici, Solis-Ponton e Barriguete (2004): a intergeracional, dos pais aos filhos; e a transgeracional, que se dá através da terceira geração. Konicheckis (2008) transcorreu extensivamente acerca deste tema e suas contribuições podem nos auxiliar na compreensão do que são os laços transgeracionais. O autor explica que estes se caracterizam pela ausência de um encontro direto entre as gerações das pessoas envolvidas. O laço transgeracional se encontra nas relações familiares, mas ele só será encontrado através da confrontação intergeracional. Para

exemplificar, podemos pensar que algo que será transposto do avô para o neto precisará ser confrontado para o bebê pelos seus pais. Desta forma, o psiquismo individual se encontra atravessado por uma lacuna que marca a diferença das gerações no interior do indivíduo, conforme é possível ver nesta passagem:

“a afiliação se estabelece de forma paradoxal: ela traz o sentimento de pertencimento, continuidade e afiliação sob um fundo de insuficiência, de sofrimento e exclusão. A diferença entre as gerações se instaura no interior do psiquismo pelo interdito, que separa o laço sensorial com o objeto” (Tradução livre da autora, Konicheckis, 2008, p. 233).

Ou seja, esta transmissão liga o indivíduo ao seu antecessor, contudo, simultaneamente, mostra ao sujeito que são sujeitos separados e distintos, onde há semelhanças, mas há diferenças. Assim, o sentimento de continuidade entre as gerações é, na realidade, resultado de uma elaboração psíquica complexa de descontinuidades e conflitos entre as gerações. Isso porquê, a diferença das gerações expõe o sujeito aos processos antagonistas, discordantes e de rivalidade, que comportam os laços de afiliação. Em meio a esse processo que entrelaça projeções, idealizações e expectativas, a criança que está chegando precisará encontrar o seu próprio caminho, se apropriando do que lhe foi transmitido, o que acontecerá através do processo de subjetivação.

O tornar-se mãe/pai revela-se um processo complexo, que não estaria atrelado ao momento do nascimento de um filho. Serge Lebovici desenvolveu o conceito de parentalidade, onde procurou trazer à maternidade e à paternidade a complexidade que está implícita nestas vivências. Em entrevista realizada para Solis-Ponton (2004), Lebovici explicou a concepção que atribuiu a este termo, defendendo que o ato de ter um filho se mostra como uma oportunidade de refletir a respeito da descendência do sujeito, o que começaria primeiramente pela aceitação de que quem concebe uma criança, tem, por sua vez, algo herdado dos seus próprios pais.

Para Palacio Espasa (2000), a parentalidade representa para o jovem adulto diversas mudanças psíquicas que aconteceriam sob a pressão do que o autor nomeou *luto do desenvolvimento*. Segundo o autor, este luto comporta duas tarefas: renunciar ao lugar de criança ocupado até o presente perante os seus próprios pais, e simultaneamente se identificar com eles a fim de funcionar também a partir da função paterna/materna. Assim, após o nascimento de um

filho, o sujeito deve lhe ceder o lugar de criança que ele tinha antes ocupado junto aos seus pais. A partir deste movimento, este adulto irá delegar ao seu filho parte dos seus próprios desejos e necessidades infantis. Contudo, Palacio Espasa alerta que esta renúncia dos pais ao lugar de criança vai reforçar neles vivências de perda e abandono da parte dos seus próprios pais. A complexidade da vivência da parentalidade se demonstra também neste fato, pois ao mesmo tempo que este adulto se sente vulnerável frente ao abandono dos seus próprios pais, ele precisará se identificar com eles para se assumir a função parental. Além disso, Ciccone (2014) lembra que a parentalidade não deixa de ser uma experiência de transgressão, onde o filho toma o lugar dos seus pais, os matando fantasmaticamente.

Zornig (2010) propõe que o processo de tornar-se pai e tornar-se mãe se inicia muito antes do nascimento de um filho. A autora defende que este percurso se inicia na infância de cada um dos pais e que o nascimento de um filho produz uma transformação no psiquismo parental, que pode atuar sobre sua história infantil. Neste mesmo sentido, Lebovici (Solis-Ponton, 2004) propõe que os avós têm um papel primordial acerca do que é transmitido à criança. Segundo o autor, um sujeito se torna pai ou mãe de acordo com um modelo, que seria seus próprios pais. Para tanto, os pais construiriam sua parentalidade no imaginário, lidando com seus próprios pais e, então, o autor conclui: *“para ser pais temos que ser filhos dos nossos pais (...) quando os pais não existem, precisam ser inventados. Temos que encontrar pessoas que queiram sê-los”* (Solis-Ponton, 2004, p.27).

Como visto, em meio a busca pela ilusão de continuação da existência que acontece o processo de parentalidade, e as transmissões psíquicas serão o fio condutor deste sentimento. Para Ciccone (2014), a ilusão de continuidade narcísica apresentada por Freud no processo de afiliação seria a primeira missão de um bebê: fazer reviver e assegurar a imortalidade do narcisismo parental, se portando, para tanto, como depositário e portador deste narcisismo. Assim, a missão do descendente seria assegurar a continuidade de geração. Ciccone propõe que a segunda missão do bebê em relação ao narcisismo parental seria a de reparar sua história. O autor afirma que:

“Todo adulto terá algo a reparar na sua história infantil, e toda criança terá sempre algo a reparar na história parental. As feridas, os traumatismos, as

falhas, as frustrações, serão em parte tratadas pelo laço desenvolvido entre o pai-mãe e o bebê. Assim, a maneira como o pai/mãe irá apresentar a realidade, anunciar os interditos, colocar os limites será diretamente relacionada ao nível de sua própria demanda de reparação das suas experiências infantis” (Tradução livre da autora, Ciccone, 2014, p. 22).

Ciccone (2014) propôs que a transmissão psíquica não se daria apenas através do processo de identificação, como havia sido proposto inicialmente por Freud, mas se daria prioritariamente através do mecanismo de identificação projetiva. Este consiste em depositar um conteúdo mental no espaço psíquico de outro sujeito e buscar controlar este outro a fim de que ele se comporte de acordo com o que lhe foi projetado. Palacio Espasa (2000) explica, na mesma direção da proposição de Ciccone, que no processo de parentalidade estas identificações projetivas não seriam, necessariamente, patológicas e que, pelo contrário, elas teriam uma função estruturante e estariam a serviço da empatia dos pais em relação às necessidades do seu filho. Em meio a estas questões, torna-se relevante pensar como estas transmissões recaem sobre uma criança que está apenas a iniciar seu processo de subjetivação.

Para Mathon-Tourné (2013), frente às identificações e projeções que são colocadas sobre os descendentes, estes podem assumi-las, totalmente ou parcialmente, ou rejeitá-las. Konicheckis (2008) nos auxilia a compreender este fenômeno ao afirmar que as origens do sujeito são exteriores à ele: *“o sujeito não pode se auto-originar”* (Tradução livre da autora, Konicheckis, p.16, 2008). Os desejos são atribuídos ao bebê, assim como as transmissões geracionais. Segundo o autor, será através do processo de subjetivação que o sujeito irá se apropriar desta experiência depositada sobre a sua pessoa.

Buscando a continuidade da existência, a parentalidade acontece para transmitir algo e, em meio a essa transmissão, acontecerá o processo de subjetivação do bebê que vem a dar continuidade à sua família. Como Ciccone (2014) propôs, esta é uma experiência onde nós não podemos *não* transmitir, *não* transferir, *não* projetar: *“todo bebê é inevitavelmente submetido a um legado que lhe faz objeto de uma transmissão”*. (Tradução livre da autora, Ciccone, 2014, p.21). Contudo, através do processo de subjetivação, o sujeito transformará o que lhe foi transmitido e, assim, se criarão novas transmissões. Eiguer (2011) esclarece este processo, explicando que através da afiliação será assumido um legado psíquico. Perante este, a criança terá *“uma carga no ato de receber o que*

lhe foi transmitido e de lhe fazer seu” (Tradução livre da autora, Eiguer, 2011, p. 13).

Neste sentido, Zornig (2010) nos auxilia a compreender o processo de subjetivação em meio ao que foi transmitido, ao propor que a diferenciação entre as gerações abre a possibilidade para a entrada do novo que rompe com a pura repetição. Assim, a dimensão ascendente da transmissão psíquica, que se dá dos filhos em direção aos pais, é fundamental para que através do reconhecimento do filho em sua diferença os pais possam construir uma relação que traz consigo o registro do novo e da criatividade. Dessa forma, Zornig explica que se torna possível superar uma repetição do passado e permitir que o bebê se aproprie das marcas e inscrições de sua história relacional inicial.

É possível compreender que o processo de subjetivação de um sujeito é atravessado pelas transmissões geracionais, onde estas são apropriadas pelo sujeito e transformadas por ele. Para Konicheckis (2008), o processo de subjetivação pode ser definido como uma experiência pessoal em que se realiza uma transformação, onde o externo e a história se tornam parte integrante do psiquismo:

“Pela subjetivação, os materiais coletivos, somáticos, compartilhados com o mundo exterior tomam sentido, significativo e sensorial, na realidade psíquica da pessoa. A subjetivação se efetua não somente em nível manifesto e representacional, mas através do ato mesmo de transformação. As experiências transgeracionais devem ser jogadas na vida do sujeito para serem utilizadas pelo psiquismo. O passado se torna efetivo quando se liga ao presente (...) os fantasmas das gerações precedentes se vinculam a uma elaboração atualizada” (Tradução livre da autora, Konicheckis, 2008, p. 23).

Aragão (2016) também transcorre a respeito da possibilidade do novo se instaurar através do processo de afiliação. Para a autora, o investimento materno no bebê é resultado dos restos dos objetos desinvestidos, odiados e perdidos das antigas relações da mãe. Contudo, Aragão ressalta que o bebê irá se configurar no imaginário materno como a possibilidade do novo, da reparação, uma vez que teria por parte da mãe uma aposta de que este bebê conserte as suas falhas narcísicas.

A partir destas considerações, é possível compreender que a vinda de uma criança não se revela somente como uma repetição. A sua chegada se impõe como a possibilidade do diferente e do novo, que não é representada unicamente pelos

personagens antigos, o que explicaria o processo de idealização dos filhos por parte dos pais. Freud (1914/2010), no seu texto *Introdução ao Narcisismo*, explicou a origem da idealização parental do bebê, a descrevendo como um fenômeno que faz com que os pais atribuam à criança todas as perfeições, da mesma forma que ocultam e esquecem seus defeitos, o que estaria relacionado inclusive à negação da sexualidade infantil. Freud afirma que para os pais:

“as coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais, ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida. Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será o centro e âmago da Criação. (...) a criança deve concretizar os sonhos não realizados de seus pais, tornar-se um grande homem ou herói no lugar do pai, desposar um príncipe como tardia compensação para a mãe” (Freud, 1914/2010, p. 25).

Contudo, para Freud (1914/2010) esta atitude de muitos pais para com seus próprios filhos na verdade revela a revivência e a reprodução do próprio narcisismo dos pais que há muito estava abandonado. Freud afirma que:

“a imortalidade do eu, (...) a segurança é obtida refugiando-se na criança. O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetual revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora” (Freud, 1914/2010, p. 25-26).

Koniceckis (2001) retoma este conceito de idealização freudiano para nos auxiliar a compreender que este processo responde primeiramente às próprias necessidades narcísicas dos pais, do que as da criança. Para o autor, os pais esperam verdadeiramente que sua criança salve e alivie a família de todos os seus males. Assim, haveria uma espécie de retorno, no qual a criança se tornaria o pai idealizado que guardará e protegerá seus próprios pais. Neste ponto, estamos diante do potencial patogênico que a transmissão possui.

A partir da noção do narcisismo parental como base do narcisismo primário infantil concebida por Freud, Koniceckis (2004) desenvolveu o conceito de nó traumático, que através de transmissões inter/transgeracionais, seria propagado para os próximos membros da família. Este nó seria composto de elementos do passado e do presente, de personagens e de afetos, de fantasmas e de realidade, de desejos e de medos, sendo formado por experiências frustrantes e gratificantes das mais diversas intensidades. Contudo, para que se constitua um nó

traumático, estas experiências devem se caracterizar por elementos inter/transgeracionais pouco ou mal assimilados pelos diferentes membros da família. Para Konicheckis, nos casos em que nós traumáticos estão instaurados “*a criança não tem que dar conta somente dos seus pais, mas também dos seus objetos internos (...) ela está sensível ao mundo interno dos seus pais.*” (Tradução livre da autora, Konicheckis, 2004, p. 67). Assim, nestes casos de transmissão inter/transgeracional, a revivência do narcisismo dos pais os levariam a idealizar seus filhos e a acreditar que eles podem superar suas questões pouco ou mal assimiladas, e esta incumbência pode vir a sucumbir o sujeito, o deixando encoberto por estes mandatos geracionais.

Outros autores da psicanálise desenvolveram a ideia de transmissões transgeracionais de potencialidade patológica. Um deles foi Palacio Espasa (2000), autor que transcorreu sobre a existência de projeções conflituosas sobre a criança, que são derivadas do narcisismo infantil parental e delegadas à criança, através de uma imposição de que ela a adote. O autor propõe uma diferenciação entre o que chamou de parentalidade normal e parentalidade neurótica. Para Palacio Espasa, na parentalidade normal, os pais conseguem efetuar movimentos identificatórios projetivos de característica mais fluente, que fazem movimentos de saída e de retorno, os deixando mais empáticos para com seus filhos. Esta empatia dos pais permite que as identificações projetivas sejam dissipadas e que o reconhecimento das características reais do filho emergja, o que seria possível nos casos em que os pais realizaram uma boa elaboração dos seus lutos do passado. Na parentalidade neurótica, as identificações projetivas são de natureza coercitiva, de modo que forçam inconscientemente a criança a se identificar com as imagens projetadas, a fim de anular os efeitos dolorosos dos lutos parentais mal elaborados. O autor chama atenção para o fato de que um pai pode vivenciar a parentalidade normal com um filho, mas desenvolver uma parentalidade neurótica com outro, ou até mesmo vivenciar ambas as formas de parentalidade com o mesmo filho quando este estiver em fases desenvolvimentais distintas, por conta dos conteúdos inconscientes despertados.

Eiguer (2011) também alerta para a potencialidade patogênica das transmissões psíquicas. O autor explica que os pais transmitem os valores, mas também transmitem as formas de se desviar deles. Para Eiguer, esta seria a parte maldita do legado, na qual o descendente seria tentado, inconscientemente, a

imitar os mal feitos dos ascendentes, até para buscar uma compreensão e poder dar ao ato uma dimensão mais digna.

Kaes (2010) desenvolveu o conceito *aliança inconsciente*, que, segundo o autor, seria um dos maiores processos de transmissão psíquica que herdamos dos nossos ascendentes. A aliança inconsciente seria uma formação psíquica intersubjetiva construída por sujeitos que estão vinculados para reforçar, em cada um deles, alguns processos, algumas funções ou algumas estruturas. A ideia de aliança inconsciente implica no efeito de uma obrigação e de um assujeitamento. Kaes descreveu algumas modalidades de alianças inconscientes, sendo uma delas a transmissão do negativo. Para o autor, o que foi engado, reprimido, escondido, será transmitido através do negativo.

Com base nestas considerações, é possível compreender que as transmissões inter/transgeracionais são de fundamental importância para o processo de afiliação e subjetivação do sujeito. Contudo, quando estas possuem cunho patológico, tornam-se perigosas para o desenvolvimento subjetivo do sujeito, que pode imergir em meio a projeções e expectativas de outrem.

Para finalizar, torna-se pertinente propor uma reflexão acerca de como se daria a transmissão psíquica nos casos de gêmeos, uma vez que o caso acompanhado nesta tese é de uma maternidade gemelar de três bebês gêmeos. Seria possível supor que nestes casos, tendo em vista que a mulher se torna mãe simultaneamente de mais de um bebê, a transmissão inter/transgeracional poderia se dar de forma aglutinada, ocorrendo uma só transmissão a todos seus filhos gêmeos. Contudo, o que este caso demonstra é justamente um movimento contrário, como será possível ver nas análises dos dados, onde é possível demonstrar que a mãe acompanhada vive processos identificatórios distintos com cada um dos filhos.

Para Mathon-Tourné (2013), cada vez que uma mulher tem um filho, um novo processo de maternidade psíquica se desenvolve: “*a mulher se torna e retorna mãe a cada nascimento*” (Tradução livre da autora, Mathon-Tourné, 2013, p. 4). A autora defende que características como o sexo da criança, a sua semelhança física com algum familiar, assim como a sua reatividade, constituem algumas das múltiplas razões existentes que fazem de cada maternidade uma experiência distinta. Da mesma forma acredito que ocorra nos casos gemelares,

ainda que se trate de uma mesma gestação. Cenários transgeracionais distintos entrelaçam cada criança à personagens e eventos passados.

Através da introdução de alguns conceitos relacionados ao fenômeno da transmissão inter/transgeracional, procurou-se demonstrar a importância da transmissão psíquica no processo de afiliação e subjetivação do sujeito, assim como para a experiência da parentalidade. Destacou-se a potencialidade patogênica das transmissões psíquicas mal elaboradas nos adultos, que acabam por se revelar como uma ameaça ao desenvolvimento subjetivo do sujeito, que pode imergir em meio a projeções e expectativas de outrem. A apresentação destes conceitos torna-se relevante na medida que o caso apresentado nesta tese identificou a presença de transmissões de caráter inter/transgeracional, que serão apresentadas nas análises deste trabalho.

Até o presente ponto desta revisão de literatura, foram apresentadas algumas questões que demonstram como a transição para a maternidade está recheada de atravessamentos, evidenciando a complexidade desta vivência. Tendo em vista que o caso acompanhado nesta tese teve o auxílio de Técnicas de Reprodução Assistida (TRA) para alcançar a concepção da gestação, a seguir serão apresentadas algumas informações acerca das pesquisas realizadas sobre a maternidade que ocorre em meio a este contexto peculiar de concepção.

2.4

Gestações múltiplas decorrentes de TRA

As TRA vêm possibilitando a concepção para aqueles que se deparam com uma iminente dificuldade de concepção. Esta tecnologia configura-se uma mudança importante para as perspectivas de procriação (Viska et al. 2009). Mann e Mann (2014) apresentam algumas estatísticas acerca da proporção de nascimentos provocados por TRA nos seguintes países: um nascimento a cada oitenta/cem nascimentos nos EUA, um nascimento a cada sessenta na Austrália, e um nascimento a cada cinquenta na Suécia.

Estas informações se tornam pertinentes uma vez que percebe-se que estas novas tecnologias estão relacionadas a um maior índice de gestações múltiplas. Freitas, Siqueira e Segre (2008) trouxeram dados quanto à realidade brasileira, em que foi verificado entre os anos de 1984 a 2003 que o número de nascimentos

como um todo nesse período elevou-se 9,5%, sendo que o número de nascimentos de triplos ou mais bebês foi cinco vezes maior. Segundo os autores, esta correlação poderia estar associada tanto à utilização TRA, quanto a uma idade materna mais elevada. Sendo assim, pensar na experiência de uma gestação múltipla na atualidade também é considerar este aspecto, que traz suas peculiaridades. Estas se devem primeiramente a descoberta da infertilidade, vista como ameaçadora, capaz de acarretar sentimentos de perda, medo, vergonha e tristeza para o indivíduo e para o casal, conforme indica Mann (2014). Contudo, percebe-se que os impactos emocionais não estão restritos à descoberta da infertilidade, visto que as TRA expõem os casais, muitas vezes, a repetitivos ciclos de esperança e fracasso em meio a tratamentos médicos invasivos que podem se repetir inúmeras vezes (Mann, 2014). Dessa forma, uma instabilidade emocional frente às tentativas de gestação pode surgir, preenchidas por sentimentos antagônicos de esperança e desilusão, como pontua Melamed (2006). Neste contexto, Mann (2014) sugere que a vivência da depressão e os sentimentos de culpa e apreensão podem tomar conta dos sujeitos.

Tendo em vista estas questões relacionadas à experiência de concepção perpassada pela iminente dificuldade de concepção e pela submissão a tratamentos médicos, a alta estatística de gestações múltiplas torna-se um agravante neste contexto e é considerada a principal complicação decorrente de TRA segundo a literatura internacional (Ribeiro, 2012). Por esta razão, estudos vêm sendo realizados para investigar quais as possíveis consequências desta forma de concepção sobre a experiência da maternidade gemelar. Pesquisas têm associado à gravidez múltipla de mães primíparas, derivada de TRA, maiores índices de estresse materno quando comparadas às mães que se submeteram ao tratamento e conceberam apenas uma criança, ou quando se estabelece uma relação com mães de gêmeos concebidos naturalmente (Sheard et al., 2007). Há também estudos que indicaram um maior risco à depressão nestas mães (Ellison et al.).

Contudo, este tema merece passar por maiores explorações, visto que os achados da literatura realizados até o presente momento não são conclusivos. Estudos como os de Viska et al. (2009) sugerem que tanto mães de um bebê como mães de gêmeos que haviam passados por TRA apresentam menos sintomas de depressão e ansiedade quando comparadas ao seu respectivo grupo controle.

Viska et al. justificam este achado pelo longo tempo de existência do desejo de conceber esta criança, incluindo um processo de aconselhamento que as mães que se submeteram ao tratamento poderiam ter passado, inclusive recebendo informações sobre a possibilidade de conceberem uma gravidez múltipla já sendo alertadas para as suas possíveis complicações, antes mesmo do casal começar o processo de TRA. Contudo, demonstram que o mesmo não ocorre quando comparam as mães que tiveram um único filho com as mães que tiveram gêmeos, concluindo que a gravidez múltipla pode se configurar um fator de risco mais proeminente à maternidade do que a submissão às TRA.

Ainda que se considerem as divergências dos achados internacionais acerca da maternidade gemelar concebida através de TRA, compreende-se que a gravidez múltipla é considerada um fator de risco físico e psíquico para a mãe e seus bebês, podendo levar inclusive à mortalidade perinatal (Cavagna, 2009). Por esta razão, internacionalmente existe uma tendência a considerar a implantação de apenas um único embrião a cada tentativa de TRA, com o objetivo de prevenir gestações múltiplas, conforme constatado em revisão de literatura prévia (Ribeiro, 2012). Cavagna (2009) explica que devido às estatísticas atuais de nascimentos múltiplos e as possíveis complicações decorrentes de uma gravidez múltipla, tornou-se, em alguns países (particularmente os escandinavos), fortemente estimulada a transferência de um único embrião, chegando, em alguns casos, até mesmo a ser prevista por lei. Sydsjö, Wadsby, Sydsjö e Selling (2008) entendem que a discussão acerca de quantos embriões transferir é controversa e se estenderá por muitos anos; contudo, colocam que os debates acerca deste tema geralmente trazem como foco a redução do número de embriões transferidos apenas para um, a fim de eliminar gestações múltiplas.

Freitas et al. (2008) informam que quanto à realidade brasileira existia a falta de uma legislação que controlasse o número de embriões transferidos, o que fez com que as gestações múltiplas aumentassem consideravelmente no país, ainda que houvesse uma recomendação pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) de que fossem transferidos no máximo quatro embriões até o ano de 2011. Contudo, em 2011, o CFM determinou novas regras para o número permitido para a transferência de embriões. Com uma nova cláusula, o estabeleceu o limite de dois embriões para mulheres com até 35 anos de idade, subindo este número para três naquelas que têm entre 36 e 39 anos, mantendo apenas para as mulheres com

mais de 40 anos o direito de receber quatro embriões (<http://www.sbra.com.br>). Todavia, esta resolução é recente e o limite anterior ainda traz uma significativa incidência de gravidez múltipla no país.

As informações trazidas acima buscaram apresentar as razões pelas quais as gestações múltiplas concebidas com o auxílio de TRA são alvos de pesquisas ao redor do mundo. Estas estão sendo realizadas em busca de uma compreensão das possíveis consequências que este contexto pode ter sobre a experiência da maternidade. Foi possível compreender o motivo pelo qual a gravidez múltipla é considerada a principal complicação destas técnicas, tendo em vista as suas possíveis complicações físico e psíquicas. Uma vez que as gestações múltiplas são decorrentes, principalmente, da quantidade de embriões implantados na mulher a cada tentativa de tratamento, compreendeu-se o porquê que esta torna-se uma discussão extremamente pertinente, que ainda está viva no cenário internacional. Contudo, o que se percebe é que as estatísticas que relacionam índices de gravidez múltiplas à submissão as TRA ainda são elevadas.

Considerando que a mãe acompanhada neste estudo concebeu sua gestação trigemelar através destas técnicas, as análises buscaram alcançar uma compreensão acerca de como a experiência da maternidade com três bebês gêmeos foi vivenciada por esta mãe, tendo em vista esta peculiaridade. Assim, este trabalho também pretende trazer uma contribuição neste sentido, uma vez que através do mesmo será possível ver as implicações que esta forma de concepção teve, ou não, na experiência de maternidade deste caso.

Outra característica que possui um grande destaque no caso analisado é a terceirização dos cuidados dos bebês. Conforme será apresentado na análise do caso, os bebês acompanhados pela pesquisadora recebiam cuidados de diversas profissionais. Este fato tornou proeminente a realização de uma investigação teórica acerca da relevância da relação mãe-bebê para que o mesmo possa constituir-se psicologicamente, assim como da busca pelas distinções existentes entre a relação materna e a relação que as cuidadoras desenvolvem com os bebês. Por estas razões, a seguir, será apresentada uma discussão teórica que transcorre acerca deste tema.

2.5

Amor materno e cuidado profissional

O caso acompanhado, que será extensivamente apresentado *a posteriori*, apresenta como característica uma terceirização de cuidados, em que os cuidados dos bebês são realizados por babás e enfermeiras. Tendo em vista a importância que a psicanálise atribui à relação da díade mãe-bebê para a constituição psíquica infantil, torna-se instigante investigar quais as peculiaridades e diferenças que estas relações proporcionam a este processo de desenvolvimento, assim como possíveis intercorrências no psiquismo infantil nos casos em que uma criança é entregue aos cuidados de alguém que não seja sua mãe. Abrigos, creches e babás constituem contextos totalmente distintos, mas que trazem em comum a característica do cuidado ao bebê ser realizado por uma profissional. Tendo em vista a relevância desta fase inicial da vida do bebê para sua constituição subjetiva, se torna pertinente investigar como estes cuidados realizados por pessoas outras que não a mãe, o pai, ou as avós dos bebês, impactam ou não nesta vivência subjetiva inicial do sujeito, assim como compreender melhor como estas relações se constituem. A relevância destes cuidados pode ser bem resumida na seguinte afirmação de Alberto Konicheckis (2008): “*um número importante das experiências sensoriais e corporais do bebê nascem em torno dos cuidados*” (Tradução livre da autora, Konicheckis, 2008, p.239) .

Miriam David (2012a) foi uma psicanalista que contribuiu muito para a compreensão deste contexto de cuidado, a partir da realidade apresentada no Instituto Loczy. Emmi Piker foi a criadora deste instituto localizado em Budapeste, criado em 1946, que acolhia crianças que haviam perdido seus pais principalmente devido à situação de guerra em que o país passava (Martino, 2001). Este trabalho se destacou na cena internacional devido à segurança afetiva presente na relação das cuidadoras com as crianças, partindo do entendimento de que cada criança é um ser singular. Assim, o ponto forte desta instituição era o respeito que as cuidadoras tinham com as crianças que eram vistas como indivíduos com necessidades e expectativas próprias. A partir deste reconhecimento, foram desenvolvidas nesta instituição práticas cotidianas de cuidado que eram padronizadas. Piker percebia a importância de algumas atitudes na relação das cuidadoras com os bebês, como o olhar nos olhos e a antecipação

dos cuidados, que eram sempre verbalizados para as crianças antes de serem realizados. Desta forma, a grande contribuição deste instituto foi comprovar que para o estabelecimento de uma relação afetiva e de um vínculo seguro não é a quantidade de tempo que a cuidadora passa com a criança que faz a diferença, uma vez que as cuidadoras cuidavam de algumas crianças ao mesmo tempo, mas sim a qualidade destas trocas afetivas. Por estas razões, é destacada uma presença respeitosa e afetiva das cuidadoras com as crianças, de forma que Piker pode mostrar que a segurança afetiva se constrói através da qualidade do vínculo desenvolvido, conquistado através da estabilidade das relações e das ações repetidas cotidianamente pelas cuidadoras, o que permite às crianças o desenvolvimento da capacidade de antecipar as ações e, assim, tolerar a espera.

Assim, usando de exemplo este orfanato que proporcionava às suas crianças um contexto para um desenvolvimento psíquico saudável, David (2012a) explica como neste instituto os processos psíquicos primários se desenvolviam, graças aos seguintes fatores: reconhecimento e respeito dos ritmos de vida de cada criança. Para tanto, era imprescindível que as cuidadoras conhecessem e levassem em conta os gostos dos bebês, os seus interesses, as suas capacidades e as suas dificuldades, de forma que reconheçam a singularidade de cada um deles.

Sem dúvidas cada situação traz um contexto peculiar. O orfanato prepara para uma possível adoção ou reinserção familiar, que não tem data nem garantia de que ocorrerá. Já as escolas infantis, as creches e as babás oferecem cuidados aos bebês durante um período do dia, para que depois eles sejam novamente entregues à mãe. Em todos estes casos, é imprescindível que o ambiente de cuidado proporcione uma constância ao bebê, dando a ele o *holding* necessário para que ele se sinta seguro para se desenvolver emocionalmente. Conforme David (2012a, p.43) explica: “*é indiscutível que o bebê tem necessidade de uma relação estável e calorosa com o adulto e, na ausência desta, ele sofrerá então da doença de carência*” (Tradução livre da autora).

Assim, David (2012a) atribui ao ato de cuidar um protagonismo ao destacar a sua importância particular na medida em que eles são, segundo a autora, um modo de troca e de diálogo privilegiado entre o bebê e o adulto. Dessa forma, o bebê também conhece o mundo e aprende a se relacionar com ele através destes cuidados. David afirma: “*o cuidado transmite ao bebê a qualidade da atenção que lhe é dada*” (Tradução livre da autora, David, 2012a, p.54).

Tendo em vista a relevância do que o ato de cuidado pode suscitar, ou não, em uma criança, Madeilene Vabre (2012) fala da importância de que quem pratica o ato de cuidar considere a criança como um verdadeiro parceiro de uma relação desparelha, onde o bebê encontra-se em dependência extrema em relação àquele que o cuida, mas que ainda assim há uma troca, em que o adulto deve reconhecer os feitos e gestos do bebê. Vabre (2012, p. 132) conclui que é necessário: “*agir com a criança e não sobre ela ou sem ela*” (Tradução livre da autora). Golse (2012a) também destaca as capacidades transferenciais dos bebês “*da atitude surpreendente de induzir, no adulto que dele se ocupa, um estilo interativo ou de modalidades de ajuste afetivo*” (2012a, p. 33), demonstrando a participação ativa da criança nestas relações (Tradução livre da autora).

Outra psicanalista que discorre sobre o cuidado é Natacha Kukucka-Bizos (2012), mas ela destaca a importância de que seja proporcionado um ambiente contínuo, sendo este essencial para que os bebês se desenvolvam. Kukucka-Bizos acredita que não é a separação em si que é traumática para a criança, mas sim a ausência de meios colocados à sua disposição que possam lhe ajudar a tecer esta continuidade, ou uma eventual incapacidade sua em utilizar estes elementos que mantêm a continuidade do ambiente. Por esta razão, seria essencial oferecer aos bebês um cuidado que os acolha como um indivíduo singular, entendendo também suas capacidades e restrições. A partir destas colocações de Kukucka-Bizos é possível pensar que o fato da mãe deixar seu filho com outras cuidadoras não impede que ele encontre neste ambiente uma continuidade através dos cuidados recebidos, ainda que identifique que os mesmos estão vindo de uma outra pessoa que não é sua mãe. Da mesma forma, se diferentes profissionais cuidarem de um mesmo bebê em momentos diferentes, mas todas mantiverem uma atitude de respeito no ato de cuidar, assim como o conhecimento às suas características individuais, este bebê poderá encontrar no próprio ato de cuidado o fio que trará esta continuidade.

Contudo, ainda que esse fio de continuidade seja imprescindível, torna-se de fundamental importância que haja distinção entre a relação que a mãe desenvolve com o seu bebê e a relação que a profissional, seja na creche, na escola infantil ou a babá que o cuida em casa, irá desenvolver com ele, incluindo inclusive a relação da profissional que cuida de um bebê em um orfanato, onde talvez o reencontro com a mãe não seja possível no campo do real. Diversos

autores transcorrem sobre a importância de distinguir as relações do bebê com sua mãe, das relações desenvolvidas com as cuidadoras.

Myriam David nos ajuda a compreender a diferença destas relações quando fala como o vínculo existente nelas foi constituído. Para David (2012a), a relação parental é passional, pois os pais cuidam do seu bebê porque o amam. Já a relação profissional acontece de forma inversa, é o cuidado que vem em primeiro lugar, e através desse cuidado a relação se constrói, como é possível ver na seguinte citação:

“é essencial compreender que uma relação entre um bebê e um terceiro que não seja a mãe mas que deve lhe cuidar deve se diferenciar da relação maternal trazendo à criança a segurança e o calor de um laço. A relação maternal e de a de cuidadoras são de naturezas fundamentalmente diferentes e não respondem ao mesmo objetivo. A relação materna é uma relação contínua, que segue por toda a vida. É uma relação passional, amorosa, sempre complexa, dentro da qual o bebê e a mãe vivem uma dinâmica de ternura, de cólera e frustração, inquietude, brincadeiras, etc. A relação maternal é inspirada por tudo aquilo que o bebê evoca na mãe, evocações que estão relacionadas à sua vida de casal, ao seu passado familiar, às pressões de sua cultura” (Tradução livre da autora, David, 2012a, p. 45-46).

Assim, David explica que por estes motivos a relação mãe-bebê é única e irreprodutível, inclusive a mãe não a reproduzirá com seus outros filhos. Já a relação estabelecida entre o bebê e a cuidadora seria, nas palavras da autora:

“um canal interativo que carrega a relação que vai se desenvolver entre bebê e cuidadora, que contrariamente à relação materna, é o cuidado que está no começo dessa ligação e é fundador da relação e não o inverso, esta relação não tem um fim em si mesma, ela resulta da qualidade do cuidado, mas certamente ela vai de forma circular motivar seu retorno (...) Esta relação de cuidado particular, nem melhor, nem menos boa, mas diferente de uma relação materna é suficiente para alimentar o processo de desenvolvimento do bebê enquanto ele esteja privado de sua mãe, lhe permitindo vivenciar a separação como um distanciamento, não como uma perda, e mantém a capacidade de reencontrar esta relação maternal”. (Tradução livre da autora, David, 2012a, p.48-49).

O destaque que David dá à importância de que o cuidado de uma profissional não deixe de manter viva a capacidade do bebê reencontrar sua mãe, também é encontrado no texto de Golse, onde ele analisa o contexto do internato, a partir de sua compreensão acerca do Instituto Loczy. Golse afirma que: *“o papel das enfermeiras consiste em levar à criança uma função continente suficientemente boa, mas que esta função mantenha plenamente aberto o lugar da*

imagem maternal real com aqueles reencontros posteriores talvez possíveis” (Tradução livre da autora, p. 31, 2012a).

Tendo em vista o destaque dado por David e Golse à capacidade das cuidadoras manterem viva a imagem materna enquanto cuidam dos bebês, torna-se necessário trazer a reflexão do que foge às teorias e se faz presente no dia a dia desses cuidados, onde o lado humano de cada cuidadora se faz presente. Assim como as mães são atravessadas por projeções e paixões que acabam com que elas sejam mães distintas para cada um dos seus filhos, as cuidadoras também são perpassadas por diversas projeções e sentimentos. Contudo, o lugar profissional que ocupam e o treinamento pelo qual muitas vezes passam as resguardam deste sentimentos, uma vez que elas aprendem a ativar mecanismos de defesa para lidar com eles. Entretanto, ainda assim eventualmente se torna inevitável que haja um encontro de ordem afetiva. Szanto-Feder afirmou que (2012) Emmi Pikler, fundadora do Instituto Loczy, estava convencida de que seria humanamente impossível para um adulto amar da mesma forma todas as crianças que lhe fossem confiadas ao longo de sua vida profissional.

Tendo em vista todo o treinamento pelo qual as cuidadoras do Instituto Loczy passavam, a afirmação de Emmi Pikler nos conduz ao seguinte questionamento: como as questões afetivas são tratadas por babás que não passaram por nenhuma espécie de treinamento, como é tão comum em muitas famílias brasileiras? Pode-se imaginar que este lugar de cuidado fica mais confuso, e que a rivalidade com a mãe dos bebês não deve ser um fenômeno tão raro. Além disso, é possível perceber que nosso contexto social vem transformando a forma como muitas mães estão vivenciando a maternidade no Brasil, aonde a delegação dos cuidados às babás não parece ter se tornado apenas uma alternativa para que a mulher possa desempenhar suas atividades profissionais e ter tempo para seguir sendo mulher para além das questões que a maternidade exige. O fenômeno que vem acontecendo parece que vai além desse ponto, onde o conhecimento íntimo do próprio filho muitas vezes também está sendo delegado.

Regina Lima (2014) pode nos auxiliar a pensar acerca desta realidade que vem sendo observada no contexto da classe média alta/alta brasileira. Lima destaca que a babá está muito presente na classe média brasileira. A autora conta que já escutou de um pediatra que nas consultas médicas comumente ele se dirige

diretamente às babás para saber da criança, de forma que parece que já é conhecido o fato de quem sabe dos bebês são as babás, que de fato cuidam deles. Lima relata que pôde observar que, em festas de aniversários dos amiguinhos das crianças, é comum que no lugar dos nomes dos pais das crianças estejam na lista de convidados os nomes das babás. A partir destas suas constatações, Lima propõe algumas reflexões acerca da tríade que se criou a partir deste novo contexto: mãe-bebê-babá. Para esta autora, a mulher brasileira que vai trabalhar e escolhe deixar seu bebê com a babá desenvolve com esta profissional uma relação peculiar, onde emoções ambíguas estão presentes e “*afetos e contratos se cruzam*” (Lima 2014, p.63). Lima conclui dizendo que estas famílias paradoxalmente não podem prescindir da babá, mas apagam o vínculo que ela cria com os seus filhos.

A antropóloga Liane Silveira (2015) também pode nos ajudar a pensar sobre este fenômeno e as suas consequências. Silveira realizou um estudo antropológico em que passou 17 meses observando babás e as crianças de que elas cuidavam em uma praça de um bairro nobre da cidade do Rio de Janeiro. A autora também participou de um curso ministrado para babás, onde a ideia principal girava em torno delas estarem em todos os lugares ao mesmo tempo, mas que suas presenças não fossem percebidas. Tendo em vista que as babás não poderiam ser percebidas pelos seus patrões, pais dos bebês, pode-se imaginar que facilmente as demandas dos bebês também acabam despercebidas, afinal o trabalho delas é justamente esse. Será que o lugar dos bebês para os pais se tornou um lugar onde o tédio e o cansaço despertados pelo cuidado diário não têm espaço, onde o prazer é privilegiado através do lúdico que a relação com o bebê pode proporcionar? Conforme Lima (2014) afirmou e foi exposto acima, parece que o olhar dos pais não reconhece a afetividade da relação da babá com o seu filho. Anterior a este não reconhecimento talvez esteja o não reconhecimento de que a lacuna afetiva que se abre nesta delegação de cuidados precisa ser preenchida. A partir destas considerações, fica o questionamento: que sujeito está sendo olhado pelo seus pais? Estas questões surgem sem respostas.

Tendo em vista os pontos aqui abordados torna-se importante trazer a reflexão de que estas questões não estão relacionadas diretamente ao fato de uma mãe contar com uma babá nos cuidados de seus filhos. Estas reflexões estão atreladas à forma como parece que algumas mães estão fazendo uso dessa

possibilidade de delegar seus filhos a alguém. Sem dúvida existem muitas mães que contam com o auxílio de babás, mas que acompanham de perto seus filhos e se demonstram conectadas nas ocasiões em que estão presentes. Assim, essa discussão teórica se encerra propondo uma reflexão e não uma generalização. Como foi apresentado anteriormente, é possível reconhecer que a relação do bebê com sua babá pode vir a preencher uma lacuna importante quando sua mãe não está presente, e a forma como essa relação bebê-babá se constitui é de fundamental importância para o desenvolvimento emocional e a constituição psíquica do bebê, contudo, ainda assim nunca irá substituir a relação da mãe com seus bebês. A questão talvez esteja no fato de que possivelmente algumas mães no fundo acreditam que possam ser substituídas.

Até o presente momento, foram expostas diversas questões teóricas que irão auxiliar na compreensão do caso acompanhado nesta pesquisa. Uma vez finalizada a revisão de literatura desta tese, a seguir, será apresentada o estudo de campo que orientou a realização da mesma.

3

MÉTODO

3.1

Participantes

Uma mulher que concebeu uma gravidez múltipla com o auxílio de TRA e seus três bebês.

3.2

Delineamento e procedimento

Neste trabalho foi realizado um estudo de campo, em que, para tanto, foi realizado um estudo de caso único. Neste delineamento, conforme sugere Stake (2005), o objetivo é compreender a dinâmica do caso, assim como o fenômeno em questão. Seu caráter é longitudinal, uma vez que a mãe e os seus três bebês foram acompanhados quinzenalmente durante o primeiro ano de vida das crianças e, posteriormente, ocorreram duas observações, aos 19 e aos 24 meses de vida dos bebês. Como método, foi utilizado o Método de Observação de Bebês Esther Bick (1967) conciliado com uma entrevista (ANEXO A) realizada com a mãe quando os bebês estavam com um ano de idade.

O Método de Observação de Bebês Esther Bick se demonstra uma ferramenta para aqueles que desejam se aprofundar em um Estudo de Caso. A construção de um caso é abordada por Fédida (1992), em que o autor defende que o objetivo do estudo de caso é propiciar ao clínico a possibilidade de produzir um escrito que evidencie problemáticas a partir de uma vivência pessoal. Assim, torna-se de fundamental importância compreender o caso acompanhado na sua individualidade, para que então o mesmo possa também levar a contribuições teóricas que possam superá-lo.

O método Bick consiste em o observador passar uma hora na companhia da dupla mãe-bebê durante um período e frequência previamente acordados com a mãe. Geralmente, estas observações ocorrem no primeiro ano de vida do bebê

semanalmente, passando para quinzenalmente no segundo ano de vida. Assim, o observador teria uma oportunidade singular de acessar e testemunhar o nascimento e desenvolvimento desta relação. Foi definido que o observador não tomasse nota no decorrer das observações, a fim de que não houvesse interferências nas ações maternas para com seu bebê. Desta forma, no término de cada observação é solicitado ao observador que faça um relato da mesma, incluindo suas percepções acerca da sua contratransferência. Para garantir a vivacidade desta experiência, torna-se importante que o observador sintasse incluído no seio familiar. Contudo, é preciso que esteja atento para não desempenhar possíveis papéis que possam ser atribuídos a ele, tais como aconselhar a família e fazer aprovações ou desaprovações. Para trabalhar estas questões, ocorrem seminários que são dirigidos por um supervisor, onde os observadores relatam suas observações e as discutem.

Inicialmente este método foi utilizado no Instituto de Psicanálise de Londres para capacitar os estudantes de formação em psicanálise a desenvolver uma compreensão da conduta não verbal do bebê e seus jogos (Bick, 1967). Em relação a esta potencialidade do método Bick de desenvolver o analista, Caron e Lopes (2015) propõem que este método serve como uma ferramenta para o desenvolvimento da escuta analítica, especialmente em relação aos fenômenos psíquicos mais primitivos. As autoras sugerem que o desenvolvimento desta capacidade possibilita que o analista possa lidar com o fenômeno transferencial e contratransferencial alcançando suas facetas mais primitivas.

Atualmente, este método é extensivamente utilizado como instrumento de pesquisa. Oliveira-Menegotto, Menezes, Caron e Lopes (2006) sugerem que o propósito da observação de bebês é a reflexão sobre as interações entre o bebê, a mãe e os demais cuidadores, permitindo ao observador pensar acerca do desenvolvimento do bebê e da sua relação com a mãe. As autoras esclarecem que o observador é orientado a participar da experiência, despindo-se, tanto quanto possível, dos seus hábitos terapêuticos e teorias para apenas observar, partindo do não-saber. Assim, a observação tem como primazia a descoberta, em relação à explicação, de forma que os interesses e os pensamentos da mãe sobre o bebê são apreciados e não julgados. Desta forma, o observador acompanha a construção destes laços sem interferir ou impedir o seu desenvolvimento, o que não significa

ausência de intervenção, uma vez que sua presença altera a dinâmica do sistema familiar.

Para Oliveira-Menegotto et al. (2006), a supervisão é dirigida em relação a dois focos: ao que é observado (mãe-bebê) e ao instrumento de observação (o observador), e deve aprimorar o 'instrumento', ajudando o observador a refletir sobre seu desempenho. O observador adquire uma visão binocular: observa o exterior e se observa desde o interior, de forma que sua participação é efetiva e não-verbalizada, apenas vivenciada. A supervisão o irá auxiliar a colocar em palavras as comunicações primitivas sentidas, de forma que este espaço se caracteriza pela sua continuidade que se faz necessária devido ao impacto sofrido pelo observador ao contatar o primitivo. Além disso, as autoras também enfatizam a importância do espaço de supervisão uma vez que o observador se torna recipiente de algumas projeções maternas, que poderão ser melhor compreendidas neste momento de acolhimento vivenciado na supervisão.

Oliveira-Menegotto et al. (2006) defendem o potencial deste método como instrumento de pesquisa, que vem sendo demarcado nas últimas décadas a partir da criação de revistas exclusivamente criadas para a publicação de estudos que são realizados utilizando este método, assim como a existência de congressos voltados a estes estudos. Contudo, as autoras destacam a potencialidade deste método em aprofundar o conhecimento qualitativo do caso.

Ainda destacando a potencialidade do método Bick como instrumento de pesquisa, Caron, Lopes, Steibel e Donelli (2012) propõe um quarto momento para o método: a escrita almejando a publicação. As autoras descrevem esta nova etapa que ocorre posteriormente, explicando que o material obtido através dos relatos e das supervisões serão transformados em publicações científicas. Para tanto, o material deve ser traduzido para uma linguagem endereçada a uma audiência maior e desconhecida, em comparação ao segundo momento do método, em que o observador escreve os relatos para os mesmos serem compartilhados com um grupo de colegas e um supervisor clínico. Almejando a divulgação do trabalho de uma forma científica, as autoras explicam que é necessário que o observador permita que o leitor experiencie um pouco a sua experiência, enquanto simultaneamente compartilha conclusões teóricas e práticas.

Na presente pesquisa, o método foi utilizado com algumas modificações. A família foi acompanhada durante o primeiro ano de vida das crianças,

ocorrendo apenas dois encontros no segundo ano de idade dos bebês – aos 19 e 24 meses de vida das crianças. Esta adaptação foi pensada uma vez que as maiores mudanças na vida da mulher e o seu desenvolvimento enquanto mãe ocorrem a partir da gravidez até meados do primeiro ano de vida do bebê, ao término do qual acredita-se que a mulher já tenha se reorganizado em torno do papel materno. Stern (1997) nos auxilia a compreender esta questão a partir dos quatro temas da Constelação da Maternidade, fenômeno no qual a mulher passa por uma reorganização identitária na maternidade. O tema *reorganização da identidade*, especificamente, está relacionado à necessidade da mãe de transformar e reorganizar sua autoidentidade, mudando seu centro de filha para mãe, de esposa para progenitora, de profissional para mãe de família, abrangendo as mudanças necessárias para que a mulher se identifique também enquanto mãe.

Houve uma adaptação acerca da frequência das observações, que ocorreram quinzenalmente a fim de facilitar a adesão da família à pesquisa, uma vez que se compreendeu que com esta frequência seria possível acompanhar o desenvolvimento deste vínculo. A duração das observações também foi flexível, visto que por tratar-se de um contexto mais complexo, com três bebês presentes, a observadora permanecia por cerca de duas horas. Após o término das observações, a pesquisadora realizava um relato. A entrevista foi realizada quando os bebês completaram um ano de vida foi incluída como instrumento complementar para trazer para a análise contribuições mais explícitas sobre a vivência do processo de maternidade no caso acompanhado.

3.3

Instrumentos

Como instrumento de análise, foram utilizados os relatos que foram produzidos pela observadora assim que a mesma se ausentava do ambiente da observação, buscando manter vivos os sentimentos e as lembranças decorrentes de cada observação. Também foi utilizada a transcrição da entrevista realizada quando as crianças estavam com um ano de idade. A mesma foi criada a partir do modelo de entrevista proposto pelo Núcleo de Infância e Família (NUDIF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o qual também tinha como público alvo mães de bebês de um ano de idade concebidos através de TRA

(NUDIF, 2000). Esta entrevista se configurou como instrumento complementar à análise e se encontra no Anexo A. Também foi realizada uma entrevista de dados demográficos (Anexo B).

3.4

Considerações éticas

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da PUC-Rio, o aceite deste Comitê encontra-se no Anexo D. Além disso a participante assinou o termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo C).

3.5

Análise dados

Os relatos produzidos pela observadora, assim como a entrevista realizada com a mãe, foram analisados de forma global pela pesquisadora. Objetivou-se que todos os elementos capturados, sejam verbais ou não verbais, servissem de base para a análise do caso.

Nesta análise, a pesquisadora buscou alcançar uma compreensão específica deste caso, contudo, o mesmo serviu de base para possíveis questionamentos e reflexões acerca do fenômeno da maternidade gemelar concebida através de TRA. A seguir, será apresentado o capítulo que contém a pesquisa de campo realizada com as análises dos dados capturados.

4

ANÁLISE DE DADOS

Tendo em vista a complexidade do caso analisado, as análises dos dados desta tese serão apresentadas através de quatro grandes eixos. Primeiramente, serão apresentadas considerações a partir da perspectiva da mãe acompanhada neste caso. Após, o olhar será voltado para os bebês presentes nesta pesquisa. Em um terceiro momento, será considerado e analisado o ambiente desta observação, considerando os elementos que vão além da presença materna. Por fim, será analisada de forma individual as consequências da minha presença enquanto observadora neste contexto. Com o objetivo de buscar a clareza das apresentações dos dados, sem perder a riqueza e a complexidade presente, cada um destes eixos foram divididos em algumas seções.

4.1

Do lado da mãe

4.1.1

História (Pré)Gestacional

Esta análise apresentará o acompanhamento de um caso em que uma mulher, denominada nesta tese Gabriele, concebeu seus três filhos, Fernando, Joaquim e Lia (nomes fictícios), através de uma gestação múltipla concebida com o auxílio de Técnica de Reprodução Assistida. Conforme explicado no método desta pesquisa, este acompanhamento se deu através de observações regulares realizadas na casa desta família durante o primeiro ano de vida dos bebês, seguida por uma entrevista realizada após o término deste acompanhamento e duas observações realizadas posteriormente, a primeira na época das festas de final de ano quando os bebês estavam com 1 ano e 7 meses de idade e a segunda na época do aniversário de 2 anos das crianças.

Este caso revela uma verdadeira batalha travada entre o desejo de engravidar e seus empecilhos: nove tentativas de Fertilização *in Vitro* (FIV)

fizeram parte desta história pré-gestacional, incluindo dois abortos e duas vivências de um quadro clínico denominado hiperestimulação ovariana, derivado de uma grande ingestão de hormônio envolvida, que desencadearam internações hospitalares de Gabriele. O triunfo chegou na nona tentativa que se destaca na narrativa de Gabriele pelo seguinte fato: aquela havia sido a primeira vez que ela havia implantado três embriões, nas outras oito tentativas haviam sido implantados apenas dois embriões por vez. Este fato foi decisivo na compreensão que Gabriele teve de ter sido nesta tentativa que o sucesso da gestação foi atingido, pois, para ela, Deus queria que viessem três bebês. A partir deste ponto, apresento um paradoxo que vai perpassar este caso: a fé e a ciência – esta última representada pelo alto controle que Gabriele busca ter sobre as mais diversas circunstâncias, como o próprio percurso de tentativas de FIV para engravidar, assim como seu exercício de maternidade. A fé é trazida em alguns momentos, muitos dos quais o controle lhe escapa e a fé aparece para dar um sentido.

Quanto à história pré-gestacional deste casal, constata-se que o motivo da necessidade do uso de FIV se revela pelo fato de o marido de Gabriele, Alessandro, ter sido casado e ter tido dois filhos nesta outra relação, o que o levou a realizar uma vasectomia. A partir deste dado, percebe-se através do relato de Gabriele na entrevista realizada que, na sua história com Alessandro, a gestação já estava presente desde o início: tão logo que haviam se conhecido, Alessandro revelou a Gabriele que havia se submetido a este procedimento. Gabriele, que já estava apaixonada por Alessandro, disse a ele que não poderiam seguir juntos, pois seu grande sonho era a maternidade. Com menos de um mês de relacionamento, Alessandro tranquiliza Gabriele explicando que talvez este procedimento pudesse ser reversível. Assim, os dois procuram juntos um médico que lhes explica a possibilidade de concepção nestes casos a partir de duas alternativas: a reversão da vasectomia de Alessandro, que possibilitaria ao casal engravidar naturalmente, ou a utilização da técnica de FIV, em que o médico através de um procedimento tem acesso aos espermatozoides e então realiza o procedimento que busca a concepção. O casal decide pela FIV, escolha justificada por Gabriele como mais garantida, visto que ela já estava com uma idade mais avançada para tentar a concepção natural. Como destacado anteriormente, a escolha pelo método científico vai estar presente neste caso através de algumas

‘sistematizações’ e busca por garantias, em que a opinião de profissionais são sempre privilegiadas.

Neste ponto torna-se relevante lembrar que Gabriele vivenciou quatro anos de tentativas de FIV e em nenhum momento a vasectomia do seu marido foi revertida para que pudessem tentar uma concepção natural paralelamente. Uma das compreensões possíveis em relação a esta postura, seria pensar que como Gabriele impôs a maternidade como uma condição para permanecer neste relacionamento, talvez ela tenha decidido sofrer o processo para ‘compensar’ a aceitação de Alessandro do desejo dela, como se ela assumisse tudo que diz respeito a este ‘projeto’, sensação que vai permanecer em relação ao exercício da maternidade e da paternidade. Fica evidente o esforço de Gabriele para esta gestação se concretizar e não tanto do seu marido. Posteriormente nesta análise será possível perceber que questões relacionadas à casa e aos bebês são totalmente organizadas por Gabriele, de forma que Alessandro não aparenta participar. Da mesma forma, Gabriele faz um esforço consciente, verbalizado na entrevista realizada ao término das observações, para se manter ativamente no papel de esposa de seu marido, verbalizando que como ela não teve uma família completa, gostaria que seus filhos tivessem e que, depois do nascimento dos bebês, manter o casamento vivo se tornou ainda mais importante para ela. Interessante perceber que, ainda que Gabriele destaque neste momento a importância que ela acredita ter para os bebês terem um pai presente, Gabriele em sua fala coloca Alessandro muito mais no papel de marido, e não tanto como o pai dos bebês.

Neste ponto, torna-se pertinente introduzir uma outra característica deste caso: na família de Gabriele, a mulher tem um papel proeminente, de muita força. Sua mãe é uma grande empresária, que não apenas sustentou seus dois filhos como em um dado momento chegou a sustentar inclusive seu ex-marido, pai de Gabriele. Este pai aparece como uma figura ausente e parece que sua falta é dolorosa, mas reprimida por Gabriele, que a assume ao desejar que seus filhos tenham seu pai presente. Assim, possivelmente Gabriele também veio a assumir o lado difícil e dolorido deste processo de concepção, pois possivelmente entenderia que, assim como sua mãe, ela enquanto mulher teria mais força para se submeter a este fardo e sair dele com sucesso. Gabriele também assume as decisões relativas à casa e aos filhos, sendo que ela é uma grande empresária também, assim como seu marido. Esse posicionamento afirma o lugar da mulher como um lugar forte,

que se sobrepõe ao lugar do homem na família, que é visto como mais frágil. Gabriele em seu discurso fala da fragilidade do marido, do quanto ele é carente e tem dificuldade de lidar com frustrações. Da mesma forma, acredita que sua filha mulher, Lia, mandará nos seus dois filhos homens. Acredito que este lugar de fragilidade em que se encontra o masculino neste caso é responsável pela ausência da presença masculina no mesmo. Como será possível perceber ao longo deste escrito, existe uma falta concreta e também presente no discurso de Gabriele acerca do seu próprio pai, assim como uma decorrente ausência de Alessandro no cotidiano dos bebês, que evidenciam este lugar de fragilidade masculina perante o sistema familiar.

Outra característica deste caso é o entendimento de que o papel profissional de Gabriele como uma grande empresária fez com que ela se tornasse empresária dela mesma. A maternidade é um grande exemplo disso, ela tinha um projeto - ser mãe. Seus filhos são o resultado deste projeto, e a apresentação deles para a sociedade, através das fotografias tiradas em inúmeros ensaios fotográficos, ou com a realização de eventos grandiosos como o batizado e a festa de aniversário, possibilitam que Gabriele possa apresentar sua grande conquista, seus bebês, à sociedade.

4.1.2

Distância e Tecnologia

A distância e a tecnologia vão atravessar este caso em diversos momentos, nos quais a tecnologia vem substituir um encontro real, ainda que possibilite que ele se efetue de alguma forma. Primeiramente, vejamos a forma como este casal se conheceu. Amigos em comum queriam apresentar Alessandro a Gabriele, mas por falta de oportunidade, Alessandro acabou pedindo o telefone de Gabriele. A partir de um primeiro contato telefônico, os dois passaram alguns meses, em virtude da vida atribulada de ambos, se conhecendo através de telefonemas. Por esta razão, Gabriele explica o porquê que as coisas aconteceram tão rapidamente em relação aos dois falarem de filhos num momento tão inicial da relação: segundo Gabriele, quando eles se encontraram já estavam apaixonados um pelo outro.

Entretanto, podemos inferir que a distância já era algo muito familiar para Gabriele, uma vez que sua relação com sua própria mãe se dá através de um distanciamento, considerando que sua mãe sempre foi uma grande empresária que trabalhava muito e viaja frequentemente em função do trabalho, como ainda acontece atualmente. No dia em que a entrevista final foi realizada, Gabriele estava sem trabalhar em virtude de um acidente que havia sofrido. Não tinha sido grave, mas ela havia se ferido e estava de repouso. No meio da entrevista, sua mãe telefonou e as duas ficaram cerca de vinte minutos conversando. Eu percebi que sua mãe lhe fazia muitas perguntas relacionadas à sua recuperação, suas dores e idas em médicos, parecendo muito empática e preocupada com Gabriele. Ao término da ligação, Gabriele me contou o quanto sua mãe estava preocupada com ela, mas que ela estava viajando e então ela me descreveu sua mãe com muito orgulho, como uma mulher que sempre foi muito independente e que vive uma vida atribulada. Neste momento, percebo que um dos grandes paradoxos da maternidade de Gabriele se encontra também na sua relação com sua própria mãe: existe uma mãe presente, mas que também está ausente.

Esta distância aparece frequentemente na forma como Gabriele se relaciona com seus bebês. Quando os bebês estavam com cerca de um mês de vida, ela já começou a retomar aos poucos ao trabalho, iniciando seu retorno com algumas reuniões. Uma das formas que ela encontrou para lidar com esse retorno precoce ao trabalho foi instalar diversas câmeras pelos vários cômodos da sua casa, de forma que ela podia olhar a qualquer momento seus bebês pelo celular. Mais uma vez a tecnologia trouxe uma solução para Gabriele, que sentia uma maior segurança em relação ao que estava se passando com seus filhos, além de possivelmente aliviar sua culpa de estar distante deles.

Por fim, o distanciamento aparece efetivamente também em dois momentos ao longo do primeiro ano de vida dos bebês em que Gabriele viaja com seu marido: primeiramente nas festas de final de ano e depois no feriado de carnaval. Recordo-me de uma das babás contando que Gabriele telefonava por câmera para ‘falar’ com os bebês, que estavam com aproximadamente seis meses. É possível afirmar que possivelmente os bebês reconheciam sua voz, contudo não seriam capazes de compreender o que estava se passando, mas para Gabriele este meio era uma forma de ela sentir que podia se fazer presente, ainda que estivesse de fato ausente. Esta experiência na realidade é o que possivelmente ela vivenciou

com sua própria mãe desde o início de sua vida. Da mesma forma que eu presenciei uma presença efetiva de sua mãe no telefonema que aconteceu durante a entrevista, em que existia um acolhimento, uma preocupação e de uma certa forma uma presença real através do telefone, possivelmente este tipo de contato se estabeleceu ao longo de sua infância, visto que sua mãe sempre foi uma empresária que viajava muito.

Assim como sua mãe faz com ela, parece que por identificação Gabriele também usa a tecnologia para exercer a maternidade. Contudo, muito precocemente esta presença-ausente não pode ser compreendida por parte dos bebês, como nesta circunstância em que Gabriele procura contatá-los através de uma ligação por vídeo. Entretanto, podemos pensar que essa presença faz diferença na forma como ela, Gabriele, compreende que está cuidando e se tornando presente para os seus bebês. Assim, ela usa a tecnologia para se fazer presente, de forma que ela não se percebe tão ausente como de fato está, aliviando sua culpa. Digamos que as tecnologias vêm para auxiliar Gabriele a lidar com sua oscilação entre entregar-se ou não à maternidade, onde Gabriele não quer deixar de privilegiar seu papel de esposa e empresária em prol desta experiência, contudo, tão pouco quer abrir mão de se tornar mãe – o que é percebido através da sua verdadeira empatia com os bebês. Gabriele é uma mulher que neste ponto parece não fazer uma escolha, ela quer dar conta de todas as possibilidades, como uma heroína, como sua própria mãe teria feito.

Ao término da nona observação, eu tive a notícia de que Gabriele e Alessandro viajarão no ano novo e Gabriele comentou que sua sogra ficaria com os bebês, juntamente com a equipe profissional. Por impulso perguntei: “*e a tua mãe Gabriele?*”, e ela me respondeu: “*são amores diferentes*”, se referindo aos amores que sua mãe e sua sogra sentiam pelos bebês. Por muito tempo me questioneei acerca do real significado da resposta de Gabriele. Na entrevista final, Gabriele expôs o orgulho que sente de sua mãe por ela ter conduzido sua maternidade privilegiando seu trabalho, e em contrapartida me disse que seu marido não tinha orgulho da sua mãe, sogra de Gabriele, que era uma mulher que vivia para os filhos. Neste momento percebo o quanto a sua hesitação relacionada à entrega para a vivência da maternidade é alimentada por suas relações íntimas, não apenas pelo que vivenciou com sua própria mãe, mas também pelo discurso

do seu marido. Vejamos como estas questões podem ter atravessado a experiência de maternidade neste caso.

4.1.3

Uma maternidade terceirizada

A literatura psicanalítica explora a oscilação vivenciada pela mulher na experiência da maternidade, uma vez que este processo exige que temporariamente a mulher abdique de suas próprias necessidades em função das necessidades do seu bebê e desta relação. Atualmente, considerando o espaço que a mulher conquistou nos mais diversos setores, como por exemplo a possibilidade de exercer sua sexualidade de forma mais livre, assim como sua estabilidade no mercado de trabalho, percebe-se que oscilação entre se entregar ou não a este processo torna-se ainda mais proeminente e evidenciado, como Badinter (2010/2011) acredita. Para esta filósofa, a conciliação entre os deveres maternos e o próprio desenvolvimento pessoal da mulher torna-se uma equação difícil de ser solucionada. No caso de Gabriele este paradoxo relacionado às suas próprias necessidades como mulher (que tem uma vida própria e independente, que inclui seu trabalho e a vida conjugal) e a sua entrega às relações diádicas estabelecidas com cada um dos três filhos é marcada fortemente pela relação que ela mesmo vivenciou com sua própria mãe. Gabriele desenvolve um discurso de proteção e admiração em torno de sua mãe e da forma como a mesma vivenciou a maternidade, sempre trabalhando e viajando muito. Da mesma forma, aparece no discurso de Gabriele a opinião de seu marido em relação a como uma mulher deve escolher viver a maternidade, priorizando sua vida enquanto mulher, visto que a mãe de Alessandro era dona de casa e ele afirma não ter admiração por ela.

Tendo em vista sua história enquanto filha e esposa, além de sua vida agitada socialmente e profissionalmente, esta oscilação entre se entregar ou não à experiência de maternidade esta presente em Gabriele. Ela se demonstra muito empática em relação aos seus bebês e, por diversas vezes, demonstra uma vontade de vivenciar esta relação com uma maior proximidade, mas isso não se torna possível neste contexto pelas razões aqui expostas.

Torna-se interessante fazer uma reflexão acerca do termo *ambivalência materna*, como é classicamente usado na psicanálise, destacando-se o texto de

Winnicott *O ódio na contratransferência* (1947/2000). A ambivalência neste contexto diz respeito a um sentimento que é vivido em meio a uma relação total, integral, que a mãe desenvolve com o objeto, no caso, com seu bebê. A mãe se entrega tanto a este ser que tem inúmeras necessidades e uma urgência muitas vezes sufocante, que vem a se deparar com o sentimento de ódio, como Winnicott expôs, visto que as exigências do bebê muitas vezes não deixam espaço para a mulher lidar com as suas próprias necessidades. Contudo, neste caso, parece que esta ambivalência descrita por Winnicott que é derivada da entrega à relação mãe-bebê não acontece, visto que Gabriele não assume os cuidados dos seus filhos, não precisando lidar com as suas demandas, de forma que sua presença nas observações é marcada pelo lúdico. Por esta razão, parece que estamos diante de um processo muito anterior a este vivenciado pela maioria das mulheres, em que presenciamos uma oscilação entre se entregar ou não a esta relação de forma total.

Geneviève Serre (2002) pode nos auxiliar a pensar acerca da resistência de Gabriele à entrega que a maternidade exige. Serre realizou este estudo com mulheres que haviam decidido não ter filhos e percebeu que seus discursos não carregavam a marca de uma perda, mas sim de um ganho, um ganho de liberdade. Nas suas análises, ela levanta duas hipóteses para este fenômeno: um relacionado ao complexo de Édipo, em que o ato de não ter filhos afastaria a mulher da realização do fantasma incestuoso, e o outro diria respeito a uma problemática narcísica, onde a gravidez traria o temor da perda de si mesma, em que a mulher teme ser destruída após a gravidez e a chegada de um filho. Esta última possibilidade pode nos auxiliar na compreensão do caso de Gabriele, da sua resistência de se entregar de forma mais ampla para a maternidade. Gabriele não apenas é uma mulher de sucesso profissional, mas também demonstra ser uma mulher que precisa ter um controle grande sobre todos os aspectos de sua vida. Assim, a entrega a esta relação primitiva que provoca um sentimento de dependência extrema na mulher, por identificação com o seu bebê, poderia ser insuportável para ela, causando este temor de não conseguir retornar deste estado.

Neste sentido, podemos compreender melhor esta resistência de Gabriele a uma entrega mais profunda considerando que é comum as mulheres terem medo de não conseguirem retornar ao seu lugar psíquico anterior, devido às inúmeras mudanças que esta vivência provoca, as quais a mulher é arremetida aos primórdios de sua infância, se encontrando, assim, em uma posição fragilizada.

Estas mudanças foram apresentadas na discussão teórica desta tese, principalmente através das proposições de Regina Orth de Aragão. Aragão (2007a) explica que através do afrouxamento do mecanismo do recalque, que ocorre através da transparência psíquica, a mulher revive a relação primordial com sua própria mãe, o que possibilita uma identificação com sua mãe que a capacitará a passar da sua posição subjetiva filial para a posição materna. Esta revivência dos primórdios de sua infância também a auxiliará a se identificar com o seu bebê, o que a capacita a ter uma empatia diferenciada para com o seu filho. Contudo, este processo coloca a mulher em um lugar de fragilidade, principalmente devido à sua identificação profunda com o bebê e com o estado de dependência em que ele está mergulhado.

A história infantil de Gabriele se revela um ponto chave, visto que ela sofreu muito na sua primeira infância devido à ausência do seu pai e à presença/ausência de sua mãe. Com este histórico, Gabriele chega a verbalizar na entrevista final o esforço que ela faz para que os filhos tenham uma realidade familiar diferente, fazendo de tudo para que seu casamento permaneça fortalecido. Contudo, paradoxalmente, ela fala algumas vezes que o seu modelo materno é a sua mãe, de quem ela sente orgulho.

Parece que neste caso a identificação de Gabriele com a mãe está evidente, uma vez que ela inclusive verbaliza na entrevista final buscar este modelo. Entretanto, ao mesmo tempo, percebemos um esforço muito significativo de Gabriele em se diferenciar de sua mãe. Parece que Gabriele está identificada com o modelo materno que ela elaborou racionalmente, de uma mãe poderosa de quem ela tem orgulho e em quem busca espelhar-se. No entanto, suas vivências infantis a confrontam com um modelo materno que lhe trouxe sofrimento e que a colocam em um lugar de fragilidade, onde sua mãe não estava lá para ela da maneira como ela parece ter necessitado. A identificação com seus bebês neste nível poderia justamente revelar a falta da presença materna, a qual ela tanto não quer/pode reconhecer. Identificar-se profundamente com seus bebês seria trazer à tona esta falta, pois se ela se tornar uma mãe diferente da sua reconhecerá que sua mãe poderia ter feito diferente. Mesmo demonstrando seu desejo de se diferenciar da mãe de que ela recorda em seus primórdios, sua elaboração psíquica busca a proteger frente a esta falta, assim, Gabriele se prende à identificação da

construção materna que ela desenvolveu em relação à sua mãe. Todos estes processos tornam sua construção materna ambivalente e frágil.

Além da identificação ambivalente de Gabriele com sua própria mãe, um evento traumático contribuiu para sua insegurança e consequente terceirização dos cuidados presentes neste caso. Para cuidar dos bebês, Gabriele conta com duas equipes formadas sempre por três funcionárias, sendo estas uma enfermeira e duas babás. Essa forma de cuidado foi instituída no início da vida dos bebês, após um incidente com um deles após a alta da UTI (Unidade de Terapia Intensiva) perinatal. Fernando, o mais frágil fisicamente dos três por ser menor e mais magrinho sempre ao longo deste acompanhamento, se engasgou ao tomar uma mamadeira e foi salvo pela enfermeira que o reanimou. No entanto, ele teve que ser internado, permanecendo no hospital por duas semanas. Gabriele relatou que este foi o pior momento para ela e comparou com a época do nascimento em que os bebês precisaram ficar na UTI Perinatal, mas disse que ela sabia que naquela ocasião os três estavam evoluindo bem. Já neste episódio com Fernando, Gabriele sentiu muito medo de perdê-lo. A partir desta situação, ela reduziu temporariamente as suas reuniões de trabalho, uma vez que ela já havia retornado às atividades desde o primeiro mês de vida dos bebês. Além disso, ela definiu que sempre haveria uma enfermeira presente enquanto os bebês estivessem menores.

Considerando estas informações, torna-se relevante lembrarmos da história gestacional de Gabriele, que se submeteu a técnicas de reprodução assistida. Alguns estudos demonstram que mulheres que precisaram de especialistas para atingir a concepção apresentam uma insegurança acentuada em relação ao seu saber materno e ao seu conhecimento acerca do seu filho, como se devido ao fato de terem necessitado de ajuda profissional para engravidar tivesse ocorrido uma espécie de deslegitimação deste saber. Na cena narrada, quem salvou Fernando foi a enfermeira, o que parece ter trazido a confirmação do saber que vem de fora, dos especialistas. Neste sentido, a segurança passada pelos especialistas vem a se somar com a história de Gabriele, desencadeando a sua decisão pela terceirização dos cuidados maternos de forma mais definitiva.

No caso apresentado, o termo terceirização de cuidados se refere a um distanciamento efetivo de Gabriele em relação aos cuidados dos bebês, visto que ela não trocava suas fraldas, não participava do banho dos filhos, assim como também não trocava suas roupas, demonstrando um distanciamento que privou

ambos – mãe e bebês – de vivenciar o toque corporal que estes cuidados proporcionam. Há dois momentos em que esta distância de Gabriele em relação aos cuidados dos corpos dos bebês fica ainda mais explícita. Em um deles, durante uma sessão de fotos dos bebês, Gabriele havia separado algumas roupas para Lia vestir. A babá, depois que Gabriele saiu, comentou com sua colega que uma das roupas não servia mais em Lia e que a outra era muito desconfortável para a bebê. A outra cena que eu gostaria de apresentar aconteceu quando uma das babás estava dando banho em Joaquim e chamou Gabriele para mostrar que o bebê estava com uma mancha vermelha no bumbum. Ela não se aproximou e não tocou em Joaquim, apenas tirou uma foto da mancha, avisando a babá que mandaria a foto para o pediatra para escutar o que ele achava que poderia ser.

Aparentemente, Gabriele demonstrava se sentir impossibilitada de cuidar do corpo dos seus bebês, parecia haver um impedimento em aproximar-se, o que nos conduz à hipótese de que possivelmente ela não recebeu de sua mãe este contato também. Esta cena demonstrou não apenas um distanciamento de contato físico em momentos de intimidade dos seus bebês, mas também uma autodeslegitimação enquanto mãe, visto que Gabriele nem ao menos arriscou a se perguntar o que poderia ser aquela mancha, ou o que poderia ser feito para tratá-la. Nesse sentido, parece não ter ocorrido uma transmissão materna acerca de teorias domésticas do cuidado, assim, a busca por um especialista se faz necessária. Todo este contexto permeado por vivências de sua primeira infância pode ser ainda mais intenso quando lembramos o contexto prévio que envolve este caso, em que, como foi explicado acima, mulheres que precisam de especialistas para engravidar sentem-se deslegitimadas quanto ao seu saber materno.

Importante destacar que Gabriele não era chamada durante a noite, os bebês dormiam com as funcionárias e eram acudidos por elas caso chorassem. Em meio a um contexto em que as cuidadoras eram tão presentes, chama a atenção momentos em que eu presenciava Gabriele ter notícias dos seus filhos pelas babás: situações como a reação deles ao experimentar uma determinada fruta pela primeira vez, ou como havia sido a ida na pracinha eram narradas pelas cuidadoras quando encontravam Gabriele. Assim, percebe-se que os bebês se constituíam também através dos olhares das cuidadoras, como será exposto posteriormente nesta análise. Uma curiosidade é que enquanto observadora, eu

acabei vivenciando também um lugar de receber as notícias mais recentes, visto que as cuidadoras também relatavam muitas coisas dos bebês para mim, o que eu atribui como uma necessidade delas em compartilhar as conquistas dos bebês com outras pessoas.

Perante este contexto, torna-se pertinente destacar os momentos em que era possível perceber uma participação efetiva de Gabriele com os filhos. Primeiramente, destaco sua presença nas atividades dos bebês, que desde pequenos possuíam uma agenda atribulada com aulas de movimentos corporais, musicalidade e natação, além de consultas médicas e sessões fotográficas periódicas. No dia a dia, quando Gabriele estava presente ela participava das refeições com algum dos filhos, isso aconteceu tanto na fase de amamentação quanto da alimentação com comida. Contudo, Gabriele literalmente participava do momento da refeição, visto que quem preparava os alimentos eram as babás. Não apenas nos momentos de alimentação, mas de uma forma geral o que percebia era que as babás preparavam todo o cenário e Gabriele chegava pontualmente para o momento esperado. Outra situação que ilustra bem esta conclusão ocorreu na observação que eu acompanhei os bebês em uma aula de musicalidade. Neste dia, as babás e o motorista desceram com os bebês, as mochilas de cada um deles e seus carrinhos, e prepararam tudo no carro da família. Neste momento, Gabriele chegou na garagem do prédio e entrou no carro que já estava pronto, de forma que ela não se envolveu com a preparação prévia. Já nos momentos em que Gabriele estava em casa com os bebês ela sempre se fazia presente de uma forma mais lúdica, interagindo afetivamente com os filhos e quando algum deles chorava ela procurava consolar. O que parece é que Gabriele justamente estava ‘brincando’ de ser mãe, enquanto administrava muito bem todos os cuidados dos bebês que seriam realizados pelas cuidadoras, assim como possivelmente ela está acostumada a fazer quando administra seus negócios. O que parece acontecer é que ela chega, supervisiona os cuidados que devem ser feitos aos bebês, interage com eles, e depois parte, seguindo sendo Gabriele, a mulher e empresária de antes – mas que agora tem três bebês em casa.

Podemos inferir que, ainda que o cuidado ocorra através de outras pessoas e até mesmo da tecnologia em muitos momentos, ele ainda assim se configura efetivo de alguma forma, como foi exposto anteriormente, visto que para Gabriele a crença de que ela está se fazendo presente parece ser determinante na relação

que ela estabelece e mantém com seus filhos. Neste sentido, Figueiredo (2011) pode nos auxiliar a pensar nesta questão através do conceito de cuidado transubjetivo, onde o cuidado não está na tarefa em si, mas sim na preocupação com a mesma. Figueiredo retoma a origem latina da palavra cuidar que vem de *cogitare*, que significa cogitar, pensar, o que deriva a noção de um aparelho para cuidar, para pensar sobre o outro. Em seu texto *A metapsicologia do cuidado* (2007), este autor explica que o ato de cuidar muitas vezes se restringe a reconhecer o objeto de cuidado (no caso, o bebê) no que ele tem de próprio e singular, não se restringindo apenas às tarefas práticas.

Neste ponto, trago uma curiosidade que pode nos ajudar a compreender esta forma de cuidado vivenciada por Gabriele e descrita por Figueiredo através do conceito *cogitare*. Durante o período das observações, a casa passou por algumas reformas. Levanto a hipótese de que sua necessidade de mudar o ambiente constantemente refletia seu processo interno, onde parecia que Gabriele estava constantemente realizando acertos para compor com todas as questões que atravessavam sua construção do papel materno. Estas mudanças também podem estar relacionadas a uma busca incessante pela perfeição, onde sempre há o que melhorar. Este pode ser um dos fatores que contribuíram para que Gabriele vivenciasse a maternidade de uma forma tão prática e eficiente, onde o controle e o alcance da perfeição seriam por ela buscados.

Neste sentido, parece que Gabriele equipara os cuidados de que os bebês precisam, a uma eficiência na forma como os mesmos são realizados. Um exemplo seria o fato de Gabriele ter estabelecido inúmeras atividades para os bebês: as aulas de musicalidade, movimentos corporais e natação estabeleciam uma rotina intensa desde os primeiros meses de vida aos bebês. Através destes compromissos, Gabriele se demonstra uma ótima mãe que não permite que nada falte aos seus filhos e que faz de tudo para que eles, desde pequenos, explorem ao máximo as suas potencialidades. Assim, Gabriele apresenta preocupação em relação aos cuidados dos bebês, mas esta preocupação está muito relacionada a perfeição da execução dos mesmos.

Tratando-se ainda da importância que Gabriele parece dar à perfeição, torna-se relevante apresentar como a questão da estética se faz presente neste caso, demonstrando-se importante para Gabriele não apenas em relação à decoração de sua casa. Muito vaidosa, sua única filha mulher recebeu o encargo

de seguir o mandato geracional, conforme Lebovici propôs (1998), de ser como as mulheres da sua família, fortes e bonitas, como será visto quando for apresentada a análise da relação de Gabriele com Lia. Contudo, justamente Lia, sua menina, teve um de seus olhos ‘esmagados’ durante a gestação e este fato incomodava visivelmente Gabriele. Logo na minha primeira observação ela me mostrou o olho de Lia explicando que quando ela completasse quatro anos seria possível realizar um procedimento cirúrgico para fazer uma correção. Gabriele também demonstrava preocupação dos bebês deixarem seus dedinhos tortos e por isso pedia para as cuidadoras não os deixarem chupar seus dedos. Neste tipo de circunstância eu sentia as atitudes de Gabriele pouco empáticas às necessidades dos filhos. Por fim, a estética também se fez presente em relação a Joaquim, como uma espécie de compensação no discurso de Gabriele. Na observação realizada quando as crianças estavam com 19 meses de idade, Gabriele demonstrou preocupação com as questões desenvolvimentais de Joaquim, contudo ela suavizou o que acabava de desabafar para mim dizendo que ele era o mais bonito dos três bebês.

É possível perceber que Gabriele apresenta uma sintonia afetiva com os bebês, mesmo delegando algumas tarefas relacionadas ao cuidado. Gabriele parece buscar a singularidade de cada filho, reconhecendo suas especificidades. Assim, ainda que sua atitude demonstre um distanciamento prático, ela se mostra conectada aos filhos, vivenciando, à sua maneira, a preocupação materna primária e a maternidade. Da mesma forma, ela parece sonhar, desejar e fazer projeções distintas em relação a cada um dos bebês. Por estas razões, Gabriele vai se revelando um complexo e lindo caso de estudo, onde ela parece encontrar uma solução para sua hesitação perante a entrega que a maternidade exige, através de um distanciamento que a permite se relacionar com seus bebês quando ela está presente.

Importante mencionar que, perante estas questões, enquanto observadora eu vivenciei sentimentos contratransferenciais ambivalentes em relação ao que eu testemunhava. Havia dias em que eu saía da observação confusa e mexida com tamanha praticidade com que Gabriele parecia conduzir a maternidade, que acarretava em mim um total desamparo. Em outros, saía tocada pelo seu carinho e empatia com os filhos. A partir destes sentimentos tão paradoxais, iniciaram os meus questionamentos acerca de como Gabriele se sentia em relação à

maternidade. Então, eu vim a inferir que esta oscilação vivenciada por ela, de ora se entregar à maternidade, ora se distanciar da mesma, parecia falar do conflito que ela vivenciava no seu caminho de encontrar-se enquanto mãe. A seguir, será desenvolvida uma discussão que buscará agregar a compreensão desta construção do tornar-se mãe no caso de Gabriele.

4.1.4

Constelação da Maternidade – ser mãe para Gabriele

Para refletir acerca da experiência de maternidade vivenciada por Gabriele, perpassada pela terceirização de cuidados presenciada, vejamos o que o autor Daniel Stern (1997) propõe para auxiliar os estudiosos da maternidade a compreender as mudanças vivenciadas pela mulher ao tornar-se mãe. O autor criou e desenvolveu o conceito de constelação da maternidade, descrito como um fenômeno extremamente intenso, de forma que, enquanto está atuante, se torna o eixo organizador dominante na vida psíquica da mulher, fazendo com que os demais organizadores e complexos fiquem em segundo plano.

Stern propõe que a constelação da maternidade se refere a três preocupações e discursos diferentes, ainda que relacionados, que acontecem interna e externamente: o discurso da mãe com sua mãe, seu discurso consigo mesma e seu discurso com o bebê. Assim, após o nascimento do bebê, a vivência deste fenômeno faria a mãe realinhar os seus interesses, de modo que passaria a se relacionar mais com a sua mãe do que com seu pai e, neste sentido, mais com a sua mãe-como-mãe e menos com a sua mãe-como-mulher; mais com o seu-marido-como-pai-e-contexto-para-ela-e-bebê e menos com o seu marido-como-homem-e-parceiro-sexual; e, principalmente, mais com o bebê e menos com quase tudo. Assim, inaugurar-se-ia como eixo organizativo uma nova tríade: mãe da mãe-mãe-bebê. Neste ponto, já é possível ver uma primeira dificuldade de Gabriele passar por estas transformações das relações existentes. Aparentemente, quando Gabriele olha para sua mãe, o modelo materno que ela vê está plenamente atravessado pelo seu papel enquanto mulher, a mulher que priorizou sua trajetória profissional à família. Da mesma forma, quando Gabriele fala de Alessandro, em nenhum momento fala dele enquanto pai dos seus filhos no sentido do exercício da paternidade, mas sim como marido e, conseqüentemente, um pai presente aos

seus filhos, mas seu destaque está em garantir que ele esteja presente no seio familiar e não na forma como ela o vê enquanto pai.

Stern aponta quatro temas que compõem a constelação da maternidade e dizem respeito a diferentes tarefas que a mulher precisa passar, que estão relacionados entre si. O primeiro tema é denominado *vida-crescimento*, em que a questão central é se a mãe será capaz de manter o bebê vivo. O segundo tema é o *relacionar-se primário* e se refere ao envolvimento social-emocional da mãe com o bebê, em que os questionamentos básicos se referem à possibilidade de a mãe ser capaz de amar seu bebê e de sentir que seu bebê a ama. Já a *matriz de apoio* diz respeito à necessidade da mãe de criar, permitir, aceitar e regular uma rede de apoio protetora, para que possa realizar as duas primeiras tarefas anteriores. Por fim, o tema da *reorganização da identidade* se relaciona à necessidade da mãe de transformar e reorganizar sua autoidentidade, mudando seu centro de filha para mãe, de esposa para progenitora, de profissional para mãe de família.

A partir destas concepções, podemos inferir que para Gabriele a vivência da constelação da maternidade está sendo problemática. Em relação ao primeiro tema, *vida-crescimento*, é possível perceber o quanto ela se sente incapaz de cuidar dos seus bebês na medida que coloca uma equipe composta por uma enfermeira permanentemente. Como havia sido comentado anteriormente, é possível que esta dificuldade esteja alicerçada ao penoso processo de tentativas de engravidar que Gabriele se submeteu, em que precisou seguir a risca as recomendações médicas na realização de tratamentos, processo que durou quatro anos e resultou em nove tentativas de Fertilização *in Vitro*, além da vivência de dois abortos. Contudo, ainda assim acredito que suas inseguranças quanto à sua capacidade materna também estejam alicerçadas na falta de um modelo que fosse efetivamente materno. O segundo tema, *relacionar-se primário*, irá apontar para o desafio que Gabriele como mãe de trigêmeos vive em se relacionar com cada um de seus bebês individualmente, como será discutido mais extensamente na segunda parte da apresentação deste caso. Como indica Stern, o relacionar-se primário refere-se à qualidade das interações iniciais mãe-bebê e, neste sentido, Gabriele parece conseguir estabelecer, com cada um dos filhos, uma relação singular, projetando, para cada um deles, vivências diferenciadas. O terceiro tema, *matriz de apoio*, relacionado ao estabelecimento de redes protetoras para a díade, é ocupado, no presente caso, pelos cuidados profissionais, já que aparentemente

Gabriele não conta com sua família nuclear nem com seu marido neste sentido. Por fim, o tema *reorganização da identidade* é definitivamente fundamental, pois aponta para a dificuldade de Gabriele de transitar entre a maternidade e a feminilidade, resistindo se distanciar, ainda que provisoriamente, dos papéis de esposa, filha e profissional, para vivenciar integralmente o papel materno.

Tendo em vista as questões apresentadas até o momento, é possível retomar a ideia de que Gabriele não vivencia com seus filhos a ambivalência classicamente vivenciada pelas mães, que se dedicam tanto a relação mãe-bebê que se sentem invadidas pelos bebês. Nesta perspectiva, Gabriele parece vivenciar não uma ambivalência, mas uma clivagem mais arcaica entre feminilidade e maternidade, ancorada em sua história infantil, na qual ela se encontra entre a possibilidade de se entregar, ou não, a esta experiência. Assim, Gabriele parece estar submetida a uma clivagem em relação à sua figura materna, em que a integração das duas vivências, do feminino e da maternidade, torna-se dificultada, possivelmente por não ter presenciado esta integração na sua própria mãe.

Neste sentido, apresento minha principal hipótese acerca da dificuldade que Gabriele apresenta em se entregar aos cuidados maternos, onde os meus questionamentos buscam compreender as suas restrições quanto à qualidade das suas trocas afetivas com os seus bebês, que não incluem o toque corporal, por exemplo. Esta hipótese diz respeito a um possível receio de que ao se entregar para a vivência plena da maternidade Gabriele pudesse vir a perceber que sua mãe, que ela tanto admira, possivelmente não tenha sido capaz de ter feito o mesmo por ela. Acredito que Gabriele foge destas trocas que a maternidade oferece para não se deparar com este vazio da relação primordial com sua própria mãe.

Ciccone (2012) nos auxilia a compreender o porquê que esta vivência plena da maternidade pode ser tão assustadora para Gabriele, quando explica que a parentalidade revela os aspectos infantis e os aspectos vivenciados pelo adulto enquanto bebê. Para Ciccone, o contato do pai/mãe com suas próprias experiências infantis e experiências enquanto bebês é essencial para poder se identificar com o bebê. Contudo, o autor alerta que *“tem casos que as manifestações dos aspectos bebês nos pais são frequentemente as testemunhas das provas dolorosas infantis que estão ativas, sendo assim fonte de sofrimento na parentalidade”* (Tradução livre da autora, Ciccone, 2012, p.11). Assim, se

proteger deste contato e desta profunda identificação é se proteger destas memórias.

Gabriele desenvolveu uma identificação com sua própria mãe e por este motivo talvez esteja tendo dificuldades em ressignificar o que é ser uma mãe rompendo com seu principal modelo. Conforme o seu relato, sua mãe não teve tempo de cuidar dela e do irmão em função de suas intensas atividades profissionais como executiva de uma grande empresa. No entanto, ao mesmo tempo em que este relato traz uma queixa referente a uma ausência materna, Gabriele enfatiza que ela e a mãe nasceram no mesmo dia e que ela a admira muito pelo seu sucesso profissional. Em sua fala, parece que elas devem permanecer necessariamente conectadas, a deixando ainda mais colada, grudada, a esta identificação materna. Neste ponto, podemos retomar a ideia de Lebovici de um “mandato geracional” que impede Gabriele de ressignificar a constituição da maternidade, pois é necessário denegar o vazio vivenciado na primeira infância.

Além disso, parece que em meio a este mandato geracional também há a existência de um paradoxo apresentado pelas duas avós dos bebês neste caso: a mãe e a sogra de Gabriele. Elas aparecem como complementares e ao mesmo tempo excludentes: a avó paterna, a sogra, é ‘apenas’ avó, dona de casa e está presente em muitas observações, sendo uma das figuras que garantem uma espécie de continuidade para os bebês; já a avó materna é a executiva, que nunca está presente. Parece que Gabriele entra em um conflito em relação a estes dois modelos, por um lado admira sua mãe executiva, mas por outro quer garantir que seus filhos tenham a família que ela não teve. Assim, Gabriele busca encontrar seu lugar de mãe entre os dois lados. Na entrevista realizada, ela me diz que não se considera, nem de perto, uma mãe tão ocupada como a sua própria mãe fora, e explica que ela trabalha muito menos que sua mãe trabalhava. Desta forma, ela demonstra consciência de que deseja fazer diferente do que a sua mãe fizera, ainda que seu discurso esteja em volto de uma defesa perpassada pela admiração da sua mãe. Contudo, não pode ser desconsiderada a informação de que seu marido não admira sua própria mãe, a sogra de Gabriele, justamente por ela ter sido dona de casa e ter dedicado à sua vida aos filhos. Parece não haver espaço para Gabriele ser uma mãe diferente da que sua mãe fora, sem perder a admiração de Alessandro. Assim, este encontro conjugal justamente vem a fortalecer o enredo que Gabriele criou para sua infância: uma mulher não pode deixar de ser

mulher para dedicar-se à maternidade. Parece não haver espaços para arejar esta construção e buscar uma conciliação entre os papéis de mulher e de mãe.

4.1.5

Trigêmeos – um álibi ou uma impossibilidade?

Tendo em vista os pontos analisados até então, pode-se inferir que a transmissão intergeracional que passa da mãe de Gabriele para ela própria seja a grande responsável pela forma como a construção da maternidade vem se dando neste caso. Talvez Gabriele esteja fugindo do vazio de se deparar com uma mãe nos seus primórdios que não pôde viver o processo da maternidade de forma plena e, assim, ela não consegue se entregar a esta relação do seu outro lado, enquanto mãe. Contudo, é possível imaginar que existem outros pontos que se entrelaçam a este fazendo com que Gabriele recue desta entrega à maternidade.

É possível inferir que o fato de uma mãe de trigêmeos precisar se conectar com três bebês simultaneamente, precisando entrar em um estado de regressão intenso, que certamente possui uma demanda psíquica intensa, pode ser aterrorizante para qualquer mulher. A possibilidade de não conseguir retornar deste estado de entrega pode ter freado ainda mais este processo, tendo em vista que Gabriele é uma mulher que administra diversas responsabilidades.

Neste sentido, também penso em uma outra hipótese que pode se correlacionar à anterior: talvez o confronto com um possível sentimento de fracasso em relação a um ideal de maternidade, já que ser mãe de trigêmeos aponta para a necessidade de fazer escolhas, tenha contribuído para seu afastamento na relação com os bebês. Esta hipótese é de certa forma corroborada em uma fala de Gabriele na quinta observação. Joaquim havia começado a chorar pedindo o colo da mãe enquanto ela consolava Fernando, neste momento Gabriele olhou para mim e disse: *“não dá para querer exclusividade com trigêmeos”*. Senti neste seu desabafo algo da ordem de uma impossibilidade, como se ela justificasse para ela mesma e me usasse como testemunha que a verdade é que ela tem tantos bebês, mas ao mesmo tempo não pode ter nenhum e de uma certa forma ela estava tentando se conformar com isso. Nesta situação Lia dormia, e Gabriele havia colocado os dois meninos em um mesmo berço, como que para facilitar o estar com os dois ao mesmo tempo.

Contudo, tendo em vista as questões apresentadas previamente, especialmente a relação que Gabriele tinha com sua própria mãe, podemos pensar em um viés distinto dos atravessamentos da trigemelaridade neste caso. Primeiramente, poderíamos compreender a trigemelaridade como um alibi, em que a ajuda das babás e das enfermeiras fica justificada perante a sociedade e, principalmente, perante ela mesma, frente à impossibilidade de cuidar de três bebês. Dentro desta hipótese, o que se destaca é que as questões que influenciariam sua resistência à entrega a maternidade são de outra ordem, como sua relação com sua própria mãe, de forma que a trigemelaridade apenas veio a exacerbar questões que já estavam presentes em Gabriele e o fato dela ter sido mãe de trigêmeos pode ter contribuído para que seu afastamento fosse socialmente aceito e justificado.

Contudo, delegar os cuidados dos bebês a terceiros certamente exigiu de Gabriele uma elaboração psíquica também. Ela apresenta a seguinte teoria que foi verbalizada para mim na 13^a observação: os bebês não diferenciam as cuidadoras e se acostumam a perdas facilmente, pois se adaptam rapidamente às novas cuidadoras quando alguma é demitida, ideia verbalizada na seguinte frase de Gabriele: *“eles já estão tão acostumados com tantas pessoas que basta estar de branco para eles se adaptarem”*. Esta sua fala pode ser vista por dois prismas que se entrelaçam. Primeiramente, como a mãe não pode ficar com os bebês, acaba negando a vinculação real que se desenvolve entre seus filhos e as cuidadoras. Regina Lima (2014) demonstra que esta não é uma reação exclusiva de Gabriele, ao demonstrar que em muitas famílias onde a babá é uma figura central, é possível perceber uma relação paradoxal, onde estas famílias não podem prescindir desta babá, mas apagam o vínculo criado entre elas e seus filhos. Liane Silveira (2015) também demonstra que esse comportamento não é exclusivo de Gabriele. Silveira observou por alguns meses babás e bebês da classe alta da cidade do Rio de Janeiro em uma mesma praça e, ao longo de seu estudo, presenciou uma renovação constante de babás, derivadas de algumas demissões. Em sua pesquisa, Silveira também participou de um curso ministrado para babás aprenderem a serem ‘boas’ babás, em que a ideia principal girava em torno delas estarem em todos os lugares, mas, ao mesmo tempo, não estarem lá, não serem percebidas. Este curso demonstra a existência de um discurso de anulação deste vínculo entre

os pais e as próprias babás, e não apenas a negação do vínculo existente entre estas cuidadoras e seus filhos.

O outro prisma seria considerar que Gabriele acreditava que, como os bebês vivem em um grupo desde sempre, visto que são trigêmeos, nunca teriam total exclusividade com nenhuma cuidadora e, por este motivo, acabariam por não diferenciá-las. Dentro desta perspectiva, podemos pensar que a forma como esta logística foi pensada, em que não havia uma cuidadora determinada para cada bebê, ilusoriamente resguardava Gabriele de presenciar as cuidadoras vivenciarem com seus filhos o que ela mesmo não conseguia, uma relação com exclusividade.

Todavia, sabemos que os bebês reconhecem as diferentes cuidadoras, e esta diferenciação é inclusive fundamental para o desenvolvimento dos bebês, pois possibilita que os mesmos se vinculem a elas, o que será desenvolvido e apresentado posteriormente nesta análise. Porém, tendo em vista este não reconhecimento materno desta vinculação e diferenciação, os bebês vieram a sofrer diversas perdas afetivas com demissões de algumas funcionárias, inclusive ocorrendo uma perda importante aos nove meses de idade, um período do desenvolvimento em que a capacidade de diferenciação já estava mais adiantada.

4.1.6

Trigemelaridade – Maternidades simultâneas

Tendo em vista as questões consideradas até o presente momento que envolvem a construção da maternidade para Gabriele, torna-se relevante abordar o fato de que em meio a tantas peculiaridades, Gabriele tornou-se mãe simultaneamente de três bebês, o que pode vir a tornar esta sua vivência ainda mais desafiante. Como exposto acima, Gabriele expressou verbalmente sua frustração de não conseguir dar a exclusividade necessária para cada filho. Assim, pode-se supor que lidar com a trigemelaridade torna-se um desafio por si próprio, que vai além das questões intrínsecas deste caso. Como vimos na discussão teórica deste trabalho, os bebês são frutos de inúmeras expectativas e projeções parentais, que foram compreendidas e apresentadas por Serge Lebovici (1988/1992), psicanalista que introduziu a ideia de que, além do bebê real, os pais lidam com diversas representações psíquicas dos seus filhos.

Em meio a tamanha relevância dada às percepções psíquicas que os pais desenvolvem acerca dos seus filhos, poderíamos facilmente cair em uma compreensão equivocada e inferir que os bebês pouco interferem no processo da construção desta relação, quando, na verdade, sabe-se que neles há um sujeito em potencial para se desenvolver. Bernard Golse (2002) deu um destaque ao protagonismo dos bebês com seus estudos acerca da depressão infantil e do autismo, tirando-os de um lugar passivo e buscando o reconhecimento de que os bebês possuem uma vida psíquica que, como qualquer outra, convive com o risco de sofrimento. Dessa forma, Golse traz a importante contribuição de que ao olharmos para um bebê, não podemos pensar em uma consequência direta da patologia parental, o que não tira a relevância das relações primordiais, mas destaca a capacidade do bebê de reagir e agir singularmente frente ao seu ambiente. Por estas razões, cada bebê despertará questões singulares em seus pais e lidará com as projeções e expectativas dos mesmos de formas distintas.

Tendo em vista estas concepções teóricas, é possível perceber no caso acompanhado que desde o início os bebês são reconhecidos por Gabriele como bem distintos um do outro. A identificação do bebê real e as interações com os outros bebês do seu psiquismo, como o bebê imaginário e o bebê narcísico, já despertam sentimentos distintos e marcam diferenças nas relações que Gabriele está constituindo com cada um dos filhos. Já na minha primeira observação eu percebi que existia um esforço de todos presentes, não apenas de Gabriele, mas também da avó paterna e das cuidadoras, em marcar esta diferenciação. Como não são gêmeos univitelinos, as questões orgânicas também aparecem para auxiliar nestas diferenciações, o que ficará mais claro na apresentação de cada um dos bebês. Joaquim desde o nascimento é o mais gordinho e mais ‘preguiçoso’, dorme mais que os irmãos. Fernando é o mais magrinho dos três e possui muita energia, parece sempre estar atento e pronto para uma brincadeira. Lia é a única menina e parece fazer uma marca entre os irmãos. Mais parecida com Joaquim fisicamente, tem por outro lado mais disposição, como Fernando. Assim, parece que Lia tem o papel de fazer uma diferenciação entre os dois bebês meninos, o que está inclusive marcado na estrutura do quarto, aonde existe na parede três quadros negros, nos quais as babás vão escrevendo as informações de cada bebê (o peso ao longo dos meses, os remédios que estão tomando e outras possíveis informações). Este quadro existe para que qualquer funcionária que chegue tenha acesso facilmente a

estes dados e não confunda as recomendações individuais a cada bebê. A disposição destes quadros é a seguinte: Fernando – Lia – Joaquim, assim como a disposição dos berços, o de Lia permanece entre os irmãos. É possível inferir que, em um momento inicial, como os bebês ainda eram muito pequenos talvez esta tenha sido uma forma de ajudar a distanciar os olhares aos dois bebês meninos, de forma a facilitar a diferenciação e o olhar singular a cada um deles. Da mesma forma, cada um dos bebês possuem cores determinadas: Joaquim-azul, Fernando-verde e Lia-rosa, o que também foi ajudando a formar uma identificação dos bebês e de certa forma marcando sua individualidade frente à mãe e às cuidadoras.

Frente a estas considerações que revelam a importância de uma mãe de gêmeos conseguir identificar a individualidade de cada um dos seus filhos, como Gabriele demonstra fazer, torna-se relevante trazer uma reflexão acerca do quanto esta conquista é fundamental para a relação que a mãe desenvolve com cada um dos seus filhos, assim como para a constituição psíquica dos bebês. Neste ponto, eu apresento uma hipótese acerca das relações das mães que tem filhos gêmeos e exercem uma maternidade simultânea: nestes casos, não estamos diante de uma relação de uma mãe com seus três bebês enquanto um grupo, ainda que esta exista também. A relação primordial é sempre uma relação diádica, de forma que acredito que nos casos de maternidade gemelar, incluindo o acompanhado nesta tese com trigêmeos, relações diádicas simultâneas são desenvolvidas. Assim, Gabriele estabeleceu três relações diádicas, uma com cada bebê, vivenciando três experiências distintas de maternidade que se construíram simultaneamente.

Recapitulando o que foi exposto previamente, isto seria possível através da ritmicidade estabelecida nestas relações, pois para o bebê este é um elemento fundamental para estabelecer uma relação de confiança. Como visto, o ritmo é extremamente importante para que o bebê possa desenvolver a capacidade de antecipar os acontecimentos, logo, antecipar as atitudes maternas. Através desta conquista, o bebê consegue consolar a si mesmo nos momentos em que a mãe não puder se fazer presente, contando que haja para tanto uma relação em que a mãe exerça uma maternidade suficientemente boa, se colocando de forma empática e disponível para seu filho. Assim, a criança entende que pode confiar nesta disponibilidade, mesmo em momentos de sua ausência ou em que ela esteja ocupada, pois consegue prever o comportamento materno. Desta forma, quando o bebê alcança esta capacidade de espera, a mãe por sua vez pode confiar que ele

estará bem enquanto ela se dedica ao seu irmão e, assim, torna-se possível e viável que ela se entregue a cada relação diádica de forma integral, sem estar preocupada com os outros filhos gêmeos que não estão sendo atendidos.

No presente caso, torna-se importante pontuar sua característica peculiar que se relaciona ao fato de a presença materna se apresentar de forma instável no sentido da previsibilidade de sua presença, como já foi discutido anteriormente, devido ao seu retorno precoce ao trabalho e às suas eventuais viagens. Contudo, ainda que Gabriele tenha desenvolvido vínculos diádicos possivelmente fragilizados com os bebês, poderíamos apostar no fato de que Gabriele sempre se mostrou de forma constante aos filhos, realizando determinadas interações e não outras, e demonstrando uma estabilidade no seu humor. Talvez esta característica possa ter estabelecido em algum nível a constância necessária para que os bebês pudessem antecipar o que podem e não podem esperar da sua mãe, já que não podem antecipar o seu retorno. O outro ponto, não menos importante, diz respeito a forma como ela se apresentava aos filhos que sempre foi constante, pois quando ela estava presente ela se disponibilizava aos bebês sempre da mesma forma. Ela não participava dos cuidados dos bebês, mas como ela não fazia isso nunca, não existia uma expectativa de que ela o fizesse. A sua interação passava mais pelo lúdico, pelo colo, pela conversa e, eventualmente, por momentos em que ela dava refeições a algum deles. Percebe-se que ainda que sua presença não fosse previsível e, que a sua entrega à maternidade resguarde oscilações, onde ela parece em determinados momentos avançar e em outros recuar, é possível identificar algo de constante que possa ter inserido um ritmo nas relações que ela estabeleceu com os bebês.

Conforme foi exposto anteriormente, Marcelli (2007) desenvolveu uma teoria acerca dos ritmos estabelecidos na díade mãe e bebê, onde ele distinguiu os macroritmos dos microritmos. Os macroritmos estariam mais relacionados aos cuidados cotidianos e possibilitariam através da rotina o desenvolvimento da capacidade de previsibilidade. Já os microritmos estariam presentes na interação lúdica da mãe com seu bebê, onde haveria espaço para a quebra desta previsibilidade, através de surpresas que aconteceriam em meio a interação e poderiam ser toleradas, visto que estão envolvidas por um contexto de macroritmos que traz a constância e segurança necessária para se superar, por alguns instantes, o incerto. Pensando no caso de Gabriele, é possível afirmar que

ela participa muito pouco do universo dos macroritmos estabelecidos com seus bebês, visto que a questão da rotina dos cuidados dos filhos é delegada às babás. Por outro lado, ela atua diretamente nos microritmos dos filhos, visto que suas interações lúdicas com eles eram constantes. Contudo, poderíamos criar a hipótese de que, conforme defendido acima, considerando que Gabriele se apresenta de forma constante para os filhos, de certa forma a sua presença também poderia desenvolver uma espécie de macroritmos dela com seus bebês, trazendo uma rotina da sua interação com eles que não passa pelos cuidados diretos, mas que nem por isso deixa de possibilitar uma certa previsibilidade.

Torna-se interessante destacar que Gabriele conseguiu estabelecer formas de comunicação distintas com cada um dos seus filhos, marcando a singularidade destas relações, onde também é possível identificar uma constância sua para com os bebês. Com Lia, a relação muitas vezes passa pela alimentação e pela musicalidade. Nas vezes em que Gabriele participou de alguma refeição dos bebês, normalmente era para Lia que ela dava comida, tornando-se este um momento das duas. Além disso, por Gabriele gostar de dançar ela estimulava a filha a dançar, o que era reforçado pelas cuidadoras, e, para tanto, Gabriele cantava e dava as mãos para que Lia pudesse dançar. Com Joaquim o contato se passava através do toque e do colo. Em algumas observações presenciei, em um dado momento, Gabriele pegando Joaquim no colo e vivenciando uma troca de carinhos com o filho. Consequentemente, algumas vezes presenciei esta cena e percebia que Gabriele conversava de longe com o filho Fernando, que atentamente ouvia enquanto a olhava, de forma que parece que com Fernando a relação passava por um diálogo falado, pela observação à certa distância. Isso mudou conforme Fernando passou a caminhar e a falar, e, então, começou a reivindicar mais a presença materna, como será visto adiante.

Contudo, ainda que Gabriele possa prover uma previsibilidade acerca do que cada filho pode esperar dela, é possível inferir que a sua ausência vivenciada precocemente terá repercussões para os três, mas que cada um deles vai lidar com ela de uma forma distinta, como será mostrado na próxima seção desta análise. Assim, a natureza humana de cada bebê entra em cena. Lia demonstra problemas em se entregar a um sono contínuo, chorando a cada três horas de sono, se acalmando apenas com o acalento humano. Fernando apresenta uma incapacidade de ter desenvolvido um objeto transicional, de forma que, pelo contrário,

apresenta uma busca por um objeto que lhe traga a segurança de que não será abandonado – ao criar o hábito de agarrar fortemente com as mãos os cabelos da mãe e das cuidadoras quando elas o pegam no colo. Já Joaquim apresenta um quadro mais grave, ao 1 ano e 7 meses ele parece ter renunciado a presença materna, uma vez que sua ausência possivelmente lhe foi insuportável, e uma das babás parece ter se apropriado desse lugar. Os detalhes destas constatações serão discutidos na próxima seção desta análise.

Por fim, considerando a hipótese teórica apresentada em artigo prévio (Ribeiro, Guimarães & Zornig, 2016), que afirma que nos casos gemelares a relação diádica se dá de forma total e integral com cada um dos bebês, ainda que seja vivenciada de forma intermitente, acrescento a esta hipótese teórica o seguinte ponto, que foi fundamentado na observação deste caso. Tendo em vista que a construção destas relações ocorrem simultaneamente, o diferencial da experiência de uma maternidade gemelar em relação a maternidades de mais de um filho que ocorrem em diferentes gestações, *seria que a constituição de cada relação diádica está sendo construída em comparação com as outras relações diádicas*. Como estas relações estão nascendo e se desenvolvendo no mesmo período psíquico, as comparações podem vir a interferir na constituição das outras relações que estão sendo constituídas paralelamente. Vou ilustrar esta hipótese com o presente caso.

Ao longo deste acompanhamento, foi possível identificar que muitas falas de Gabriele em relação a um dos bebês eram seguidas por comparações acerca de outro filho. Como será visto na próxima seção desta análise, Joaquim é visto por Gabriele como o seu filho mais sensível, aquele que mais sente sua falta quando ela está ausente. A partir desta constatação, sua conclusão natural é de que Fernando e Lia não sentem tanto sua falta. Considerando este exemplo, acredito que posso inferir que se caso Joaquim, Fernando e Lia tivessem vindo em momentos distintos, através de diferentes gestações, possivelmente Gabriele iria conseguir identificar que tanto Lia quanto Fernando sentem sim a sua falta, contudo, as manifestações se dão de formas distintas. Uma outra observação pode ser feita a partir do fato de Lia ser a única menina. Como vimos, o papel da mulher tem um lugar de poder na história familiar de Gabriele, de forma que Lia recebe todas as projeções deste lugar. Por esta razão, no discurso materno muitas vezes Gabriele fala que Lia irá mandar em seus dois irmãos e que ambos a

obedecerão. Desta forma, Gabriele os coloca em um lugar de submissão perante a irmã, lugar que inclusive não considera as inúmeras diferenças existentes entre Fernando e Joaquim. Como este discurso se encontra na base do estabelecimento destas relações, possivelmente essa questão está sendo transmitida aos irmãos que irão possivelmente perpetuá-la. Estes foram apenas alguns exemplos para demonstrar como comparações que acontecem desde os primórdios do desenvolvimento destas relações podem se influenciar mutuamente.

A partir deste ponto, fazemos a passagem para a segunda seção da análise deste caso. Nesta, será discutida a relação de Gabriele com cada um dos seus bebês, assim como o processo de individuação vivenciado por cada um deles.

4.2

Os bebês: Joaquim, Fernando e Lia

4.2.1

Joaquim – o sedutor

Joaquim é permanentemente comparado ao seu pai, Alessandro, desde minha primeira observação, e esta comparação transpassa muito a percepção materna e a relação que Gabriele estabelece com seu filho. Conforme Konicheckis (2008) sugere, a intergeracionalidade ocorre quando há transmissões de uma geração para a imediatamente próxima: pai/mãe – filho. Este parece ser o caso vivenciado por Joaquim. Esta transmissão ocorre através de vários discursos, visto que além de Gabriele a avó paterna de Joaquim, mãe de Alessandro, sempre o compara com o filho e não esconde que Joaquim é seu neto favorito. As cuidadoras falam e repetem com orgulho que Joaquim é como seu pai, e que a semelhança é percebida inclusive em pequenas coisas, como sua recusa em repetir a mesma comida no dia seguinte. Da mesma forma, tanto elas quanto a mãe o descrevem como romântico, e uma das cuidadoras complementa: *“ele possivelmente namorará apenas uma menina e será fiel.”* Gabriele me descreve o olhar de Joaquim para ela como um olhar apaixonado, igual ao do seu pai. Por fim, descreve os dois, pai e filho, como tranquilos e calmos, mas que quando

ficam chateados por alguma coisa, se magoam e se irritam muito, sendo difícil para ambos lidar com a frustração.

Uma das características marcantes de Joaquim é o seu olhar. Ele me olhava intensamente, seu olhar parecia sorrir para mim, e eu me sentia completamente seduzida, sentia como se fosse um pedido para que eu fosse interagir com ele. Com o tempo, fui percebendo que o olhar que Gabriele atribuía como apaixonado, possivelmente era a forma como Joaquim tinha de atrair a atenção para ele. Somado a esta sua doçura, gritava sua constituição orgânica, pois Joaquim sempre foi o bebê mais gordinho dos três. No discurso de Gabriele era comum perceber a fala em relação a um dos filhos estar atrelada a um dos outros filhos, de forma que muitas vezes Joaquim era comparado sutilmente a Fernando. A diferença do metabolismo entre os dois era muito evidente, Joaquim come menos que Fernando, contudo é bem mais gordinho que o irmão, que é magrinho. Talvez por sua natureza mais plácida, Joaquim sempre foi mais passivo, de forma que dormia mais, se movimentava menos, demonstrava gostar de brinquedos que não exigiam movimentos e era apaixonado por assistir televisão - ao contrário de Fernando, que tinha outro tipo de disposição para brincadeiras. Com estas características, Joaquim ganhou da mãe o atributo de ser “*o bebê mais lindo*”, já que seu jeito bebezão sempre foi o seu principal trunfo para atrair a atenção.

Uma outra característica de Joaquim dizia respeito ao seu temperamento. Na fala de todos sua sensibilidade era destacada, devido ao fato de Joaquim demonstrar se magoar profundamente quando não gostava de algo – característica atribuída também ao seu pai. Será possível perceber que esta sua sensibilidade posteriormente será expressa através de uma recusa ativa da sua parte em relação à sua mãe. Essa recusa pode ser melhor compreendida analisando a evolução desta relação diádica, que parece ter passado por uma grande virada. Inicialmente, Gabriele se demonstrava mais às voltas de Fernando, possivelmente pelas complicações que ele havia apresentado após o nascimento, além da intercorrência que o levou novamente por duas semanas à UTI perinatal. Devido a este contexto, nas primeiras observações percebi Gabriele mais próxima de Fernando, passando mais tempo com ele no colo, enquanto Joaquim muitas vezes a chamava com o olhar e com balbucios. Contudo, conforme esta situação se distanciava, percebia que Gabriele se aproximava mais de Joaquim.

Com a chegada do final de ano, Gabriele fez uma viagem com Alessandro e deixou os bebês que estavam com pouco mais de seis meses (considerando a prematuridade, pode-se perceber que eles eram muito pequenos ainda) com as cuidadoras na casa da sua sogra, o que veio a se repetir no Carnaval, quando Gabriele e Alessandro fizeram outra viagem. Torna-se relevante comentar que os bebês foram ficar na casa da avó paterna, de forma que além de perderem a presença da mãe, também perderam seu referencial de ambiente espacial. Outra observação referente a primeira viagem de Gabriele diz respeito ao fato de Joaquim também estar sem sua babá de referência, que não estava presente nesta semana. Tendo em vista estes fatos, acredito que esta foi uma experiência pré-traumática para Joaquim, a partir da qual houve um ponto de corte no seu processo de subjetivação que vinha ocorrendo, como poderá ser visto.

Quando Gabriele retornou da viagem de final de ano, as cuidadoras relataram que quem havia sentido mais a sua falta havia sido Joaquim. Na primeira observação que se seguiu ao retorno de Gabriele, a 11^a observação, ela me mostrou a nova ‘brincadeira’ de Joaquim: ele colocava a língua para fora e forçava uma tosse para chamar sua atenção. Eu pude presenciar essa cena, que realmente chegava a ser engraçada, em um momento que Gabriele estava brincando com Lia. Quando Joaquim viu a brincadeira da mãe com a irmã, colocou a linguinha para fora e começou a forçar um barulho. Achei interessante Gabriele ter feito a leitura que era para chamar sua atenção, demonstrando-se conectada com as comunicações dos filhos. Contudo, essa forma ‘engraçadinha’ de chamar atenção na realidade comunicava a sensibilidade de Joaquim em relação à presença e também à ausência materna, visto que tinha desenvolvido esse comportamento durante este período de ausência de Gabriele. Na medida que isso foi identificado por Gabriele, possibilitou que esta sua atitude em um segundo momento se tornasse uma brincadeira entre mãe e filho, a qual Gabriele respondia com risos e carinho ao filho.

Aos cinco meses de vida, antes dessa viagem de Gabriele, Joaquim demonstrava uma aparente capacidade de se consolar sozinho, apresentando um temperamento calmo. Joaquim dormia muito durante o dia, brincava muito tempo com um mesmo brinquedo e ficava hipnotizado assistindo televisão. As cuidadoras comentavam que como ele dormia o dia todo, durante a noite seu sono era leve. Aos sete meses de idade, após essa primeira ausência de Gabriele,

percebo que Joaquim começa a resistir para permanecer mais tempo acordado durante o dia e nesse período ele chora muito, o que eu não percebia antes. Aos nove meses de idade, após a segunda viagem de Gabriele, eu presencio a seguinte cena: Gabriele está indo trabalhar e quando ela vai se despedir de Joaquim ele reage ao seu *tchau* com indiferença, permanecendo atento ao programa de televisão, ainda que a mãe insistisse chamando seu nome várias vezes.

Nesse momento, eu começo a perceber que o que eu inicialmente compreendia como uma capacidade de autoconsolação, talvez estivesse se caracterizando como uma recusa da ausência materna. Talvez inicialmente Joaquim dormia muito tempo justamente para voltar-se para seu interior. Sua predileção por brincadeiras mais passivas e por assistir televisão me despertavam a sensação de anestesia em Joaquim, parecendo que ele recebia aquele estímulo passivamente e se alienava do que estava ao seu redor. Suas brincadeiras prolongadas com um mesmo objeto demonstravam uma atitude passiva em relação a possibilidade de explorar seu ambiente, parecia que Joaquim elegia algo que o distraísse. Percebia que ele não podia ficar um instante separado do brinquedo que esta separação poderia suscitar a angústia de separação, então ele se colava ao objeto. Assim, fui percebendo a presença de uma postura alienada que aparentemente o protege dos seus afetos, como é possível identificar nesta cena em que Gabriele tenta se despedir e ele ativamente se recusa. Possivelmente esta recusa é uma consequência da falta de previsibilidade da presença materna, visto que não é possível para os bebês criarem uma marca que os indiquem quando a mãe retornará.

Para Kreisler, Fain e Soulé (1981c) na perspectiva da vivência do bebê, todo acontecimento que acarreta um desinvestimento prolongado demais de sua mãe, ou nos casos em que a mãe acaba sendo ineficaz, um estado de carência se desenvolve, em que “*a carência reduz a criança a ela mesma*” (Tradução livre da autora, p.405). Para os autores, as formas como a criança irá resistir a esta carência está diretamente relacionada ao nível dos sistemas autônomos, do quanto que os mesmos estão, ou não, suficientemente sólidos.

Percebo que a forma de Joaquim se defender frente a esta carência, que suscita uma angústia de separação, é se fechando nele mesmo, e seu sofrimento é muito intenso. Durante o desenvolvimento deste trabalho me questionei diversas vezes se estava diante de uma angústia de separação, que só poderia ocorrer se

Joaquim já se percebesse como um ser integrado e diferenciado do objeto. A sua dificuldade de diferenciar-se, de se separar do objeto se fazia iminente, pois o desamparo vivenciado pela separação, tendo em vista a não constância materna, não fornecia a ele a segurança e estabilidade necessária para conseguir vir a se perceber como indivíduo distinto. Contudo, no momento que penso que Joaquim levantou defesas para não perceber a diferenciação, fico com a constatação que em algum nível ele já havia percebido, caso contrário não haveria a necessidade de se defender a este fenômeno.

Minhas preocupações em relação a Joaquim se tornariam ainda maiores nas minhas duas últimas observações, aos 19 e 24 meses. Como trouxe anteriormente, Joaquim sempre chamou minha atenção pelo seu olhar sedutor, que buscava o olhar dos outros adultos, como se fosse uma ‘estratégia’ sua para conseguir o carinho de que sentia falta, ao menos em termos quantitativos, da sua mãe. Aos 19 meses de vida, Joaquim não tinha mais aquele seu olhar. Dos três bebês, ele foi o que demonstrou mais sensibilidade à minha presença nessa ocasião, ele chorava muito. A sua preferência por uma das babás, que sempre foi evidente, se destacou ainda mais. Nesta observação, ele pediu pela babá o tempo todo e não buscava por Gabriele, que tentava interagir com o filho, que por sua vez reagia de forma indiferente à sua presença. Ele apresentou um choro desconsolado quando viu a ‘sua’ babá com a irmã, Lia, no colo. Frente a esta ‘substituição’ do referencial materno para esta babá, me questionei acerca de como deve ter sido ainda mais desestruturante para Joaquim vivenciar as despedidas semanais com a sua babá, ainda mais considerando que esta babá apresenta uma característica de humor depressivo, de forma que, possivelmente, ela passava para Joaquim um sofrimento relacionado às suas despedidas.

Esta característica depressiva presente no vínculo de Joaquim com esta babá foi manifestada em algumas cenas. Primeiramente, em uma observação a babá me contou que ela havia pedido desculpas à Gabriele por amar seus filhos. Depois, ela disse que quando ela ia embora ficava dois dias escutando os choros dos bebês em sua casa. Interessante repararmos que ela lembrava do choro dos bebês, não das brincadeiras, o que possivelmente fala um pouco desta babá. Essa conversa se deu em uma observação que se seguiu à demissão de uma enfermeira, que inclusive era uma das cuidadoras a que Lia havia se vinculado. Eu percebo que essa demissão demonstrou para esta babá que seu vínculo estreito com

Joaquim não era suficiente para garantir seu lugar no emprego e, a partir desta constatação, ela propõe para as suas colegas que elas não poderiam ficar com os ‘seus’ bebês, pois se fossem mandadas embora eles sofreriam ainda mais. Ainda que eu compreendesse essa sua atitude como uma proteção para os bebês, percebia o quanto ela manipulava as situações para na verdade se certificar do quanto Joaquim gostava dela, uma vez que ela causava algumas cenas inclusive na frente de Gabriele que me despertavam a sensação de que ela queria mostrar para Gabriele que Joaquim a procurava mais do que a ela. Isso ficou claro na observação realizada quando Joaquim estava 19 meses, em que esta babá evitava ficar perto dele, que chorava de forma angustiada ao olhar para ela.

Em um dado momento, Gabriele me ‘explicou’ que o filho estava chorando porque estava vendo sua babá preferida com a irmã no colo. Frente a esta sua explicação, fiquei me perguntando como era para Gabriele vivenciar esta rivalidade com a babá, que evidentemente se colocava em um lugar de disputa com ela. Esta babá disputava por seu filho mais idealizado, uma vez que todos diziam que Joaquim era o bebê mais bonito. Além disso, Gabriele demonstrava um afeto diferenciado por Joaquim, que pode ser compreendido através da transmissão psíquica que relacionava Joaquim ao pai, de forma que inúmeras vezes Gabriele falava para Joaquim: “*quem é o amor da mãe? O amor da mãe é o Joaquim*” - o que não acontecia com os demais bebês. Além destes aspectos, parece que esta babá se relaciona com Joaquim com uma insegurança de quem não sabe até quando estará com ele, trazendo uma hesitação que transpassa sua relação. Por esta razão, minha preocupação ficou ainda maior em relação a Joaquim, uma vez que ‘sua’ babá de referência, ao invés de trazer consolo, parecia trazer uma angústia ainda maior com suas próprias questões recheadas de uma rivalidade em relação à Gabriele.

Na observação realizada às vésperas de Joaquim completar um ano, a enfermeira me falou da sensibilidade de Joaquim e do quanto ele se magoava facilmente. Na entrevista com Gabriele, quando os bebês completaram um ano de vida, ela me falou a mesma coisa, que Joaquim era muito calmo, mas que se magoava muito fácil, e que quando isso acontecia ele ficava muito magoado mesmo, assim como seu pai. Frente a estas informações e as que foram expostas acima, parece que Joaquim sentiu muito intensamente a falta materna em níveis quantitativos – visto que qualitativamente Gabriele se dedicava a cada um dos

bebês, ainda que a sua maneira. Contudo, apesar desta qualidade, ela não fornecia constância nem previsibilidade suficiente para Joaquim em suas ações.

É possível pensar que talvez Joaquim tenha sentido mais as ausências maternas que os seus irmãos, tendo em vista que ele tinha uma intensidade de presença recheada pelo intenso amor/paixão materno “*quem é o amor da mamãe?*”, que era seguido por sua ausência. O efeito desta alternância pode ter sido sentido por ele de uma forma parecida que um bebê que tem uma mãe *borderline* ou depressiva sente, onde o afeto desprendido para o bebê eventualmente não lhe confere a previsibilidade necessária para que o bebê saiba que pode de fato contar com sua mãe. Frente a este sofrimento, parece que Joaquim renunciou à sua mãe, voltando-se para uma relação intensa com a babá, que possivelmente não o resguarda de vivenciar uma angústia de separação de forma extrema. Nesse ponto, acho importante lembrar que na observação de um ano e sete meses ele foi o bebê que mais estranhou a minha pessoa. Parece que a sua relação intensa com a babá o coloca como objeto de desejo para ela e em uma circunstância que parece que a transmissão psíquica ocorre muito através desta relação. Esta afirmação se deriva da observação de que as babás de referência de Fernando e de Lia, como será visto posteriormente, transmitiam e perpetuavam as questões advinda da própria família, de Gabriele e de sua sogra. Já a babá de referência de Joaquim não, ela passava as questões dela para Joaquim, ela apresentava um humor deprimido e interpretava as resistências dele às brincadeiras através desse viés.

Myriam David desenvolveu o tema que envolve a relação da cuidadora com o bebê e as diferenças da natureza desta relação em comparação à da díade mãe-bebê. Em seu texto *Pour une meilleure connaissance du bébé. Contributions de l'Institut Emmi-Pikler* (2012), David explica que é necessário que a relação que a cuidadora desenvolva com o bebê seja suficiente para alimentar o seu processo de desenvolvimento enquanto ele esteja privado de sua mãe. Desta forma, a cuidadora permitiria que o bebê vivenciasse a separação como um distanciamento, não como uma perda, a medida que esta outra relação está ali para acolhê-lo, mas não para substituir a relação primordial. Assim, a cuidadora manteria a capacidade do bebê de reencontrar a relação maternal. Golse, em seu texto *Les très jeunes enfants en insitution: un paradigme pour les psychanalystes* (2012a), mantém os argumentos de David e afirma “o papel das enfermeiras consiste em levar à

criança uma função continente suficientemente boa, mas uma função que mantenha plenamente aberto o lugar da imagem maternal real com aqueles reencontros posteriores são talvez possíveis” (Tradução livre da autora, Golse, p. 31, 2012a).

Tendo em vista estas reflexões teóricas, podemos inferir que a babá de preferência de Joaquim parece não conseguir se relacionar a partir do lugar de cuidadora, de forma que parece rivalizar na presença e na ausência de Gabriele, o que pode ter dificultado que Joaquim seguisse buscando reencontrar sua mãe, como David explica. Posteriormente, será possível observar que Fernando e Lia tiveram uma outra realidade consequente de outros tipos de relações com as suas babás de preferência.

Gabriele, ainda que tenha desenvolvido uma forma de exercer a maternidade que resguarda peculiaridades, demonstra investir psiquicamente em Joaquim, transmitindo ao filho legados geracionais que passam muito pela sua semelhança com Alessandro. Estes afetam diretamente a forma como ela se relaciona com o filho, despertando projeções que colocam Joaquim em um lugar de desejo materno. Como dito anteriormente, nesta relação está presente uma intensidade afetiva e, ao mesmo tempo, uma inconstância. Deve ter sido difícil para Joaquim lidar com esta oscilação: um amor intenso demais, que some sem aviso prévio. Assim, ainda que esse investimento de Gabriele esteja presente, possivelmente não é suficiente para estancar o sofrimento de Joaquim frente à ausência materna e a relação ambivalente com a babá.

Frente a este contexto não acolhedor, parece que a diferenciação necessária no processo de subjetivação se torna tão ameaçadora para Joaquim que ele rejeita mergulhar neste processo de reconhecimento da alteridade, como é possível ver demonstrado em alguns pontos. Primeiramente, seu atraso de linguagem. Tendo em vista que a linguagem representa a aceitação de que há um objeto perdido, ela é a maior representação desse corte entre o eu e o outro: há uma necessidade de falar para que o outro possa compreender, e Joaquim passou mais tarde por este processo. Além de seu déficit de linguagem, Joaquim apresentou uma resistência aos alimentos sólidos quando estes foram introduzidos. As cuidadoras relatavam que quando davam papinha, ao perceber a existência de algum grão de comida evidente, Joaquim se recusava a comer, de forma que durante muito tempo só aceitava alimentos pastosos, demonstrando um

rechaço a aquilo que lhe era estrangeiro, estranho, diferente dele, que seria o grão na comida. Assim, parece que Joaquim demonstrava uma maior dificuldade para assumir à sua individualidade, ainda se comportando como um ‘bebezão’, se alimentando com papinha e não se comunicando com palavras.

Na observação que realizei aos dois anos de idade, uma cena me impressionou: os animadores entregavam a cada um dos bebês etiquetas com os seus nomes escritos. As crianças pegavam alegremente e aguardavam ansiosas até que os animadores as chamassem pelos seus nomes e as entregassem as etiquetas, para que então elas as colassem no peito. Lembro-me de Lia inclusive pegando uma etiqueta para um coleguinha que estava mais distante e alcançando para ele sua etiqueta, demonstrando seu reconhecimento inclusive de quem era quem entre os coleguinhos. Contudo, Joaquim não atendeu a esta brincadeira e, após o animador colocar a etiqueta em sua blusa, ele a amassou, não a reconheceu como algo que o identificasse. Gabriele então desamassou e colou a etiqueta novamente na blusa do filho, explicando que era seu nome. Além deste episódio, em uma música que os animadores davam alguns comandos (girar, agachar, etc), Joaquim não parecia compreender, e muito menos seguia a estes comandos como os demais faziam. Em uma determinada canção que enumerava as partes do corpo, lembro-me de Joaquim conseguir apenas colocar a mão sobre seu nariz após um determinado tempo, não conseguindo acompanhar as demais partes.

Como foi previamente explicado, durante muitos meses Joaquim era visto como um bebê calmo, que não reclamava. Lembro-me da oitava observação, quando os bebês estavam sendo introduzidos à banana, da cena em que Joaquim estava aceitando a papinha de banana, comendo sem a rejeitar, até que de repente ele vomitou e em seguida seu rostinho ficou sereno e ele sorriu para mim, que estava atrás da babá que estava dando para ele a papinha. Nesta cena, é possível perceber que quem dá limite é o seu corpo, ele parecia ser incapaz de perceber que precisava demonstrar sua recusa ao alimento.

Acredito que sua demora em começar a caminhar contribuiu para a sua dificuldade em perceber a diferenciação. Minha hipótese é de que ao conquistar uma postura erétil, possivelmente Joaquim se deparou com a alteridade evidente, através do alcance de uma distância efetiva dos objetos, e frente a esta percepção da alteridade o sentimento de desamparo prevaleceu.

Para compreender esta dificuldade de Joaquim, a compreensão do processo de separação e individuação desenvolvido pela Margareth Mahler pode nos auxiliar. Mahler (1975/1993) defende que o nascimento psicológico da criança é um processo, de forma que o mesmo não coincide com o nascimento biológico. A partir desta compreensão, Mahler descreveu este processo do nascimento psicológico da criança em cinco fases. A primeira foi nomeada fase autista normal, que estaria presente imediatamente após o nascimento da criança, onde o objetivo principal é adquirir o equilíbrio homeostático. A partir do segundo mês de vida, teria início a fase de simbiose normal, em que o bebê compreende ele e a mãe como uma unidade. Aos seis meses de idade, a criança entraria no processo de separação-indivuação, que está subdividido em quatro subfases: diferenciação, desenvolvimento locomotor, aproximação e, por fim, obtenção da constância objetal emocional, onde o objeto materno já teria sido internalizado com sucesso pela criança. Assim, no final deste processo, a criança já percebe sua mãe como uma pessoa distinta no mundo externo, mas que possui uma representação interna.

Tendo em vista os pontos apresentados, Joaquim parece ter demonstrado que, além de estar vivenciando intensamente a angústia de separação, estava também com seu afeto deprimido, o que foi manifestado através da relação com sua babá, como dito anteriormente. É através desta relação que ele parece ir reconhecendo a sua diferenciação e separação eu/outro, e consegue atravessar as subfases do processo de separação individuação descrito por Mahler (1975/1993). Joaquim demonstra ter vivenciado este processo de forma sofrida, chorando cada vez que percebia a distância entre ele e a babá. Nesse período, Joaquim ainda não falava e aparentemente havia deixado de investir na mãe. Seu humor deprimido também se tornava evidente pela indisposição apresentada nas situações que demandavam maior desprendimento de energia, como na aula de natação e em brincadeiras mais intensas, além de ser o primeiro dos irmãos a adormecer.

Como dito, parece haver uma identificação entre essa babá e Joaquim quanto ao humor. Apesar dela se demonstrar sensível aos sentimentos de Joaquim, ela parecia não conseguir tirar ele dos estados e momentos mais depressivos, apesar de identificá-los, como aconteceu, por exemplo, na aula de natação. Nesta situação, ao perceber que ele não gostava de se movimentar ela enfatizou o desgosto de Joaquim pela aula, ao invés de tentar animá-lo, como as outras babás

mais próximas de Lia e de Fernando costumavam fazer neste tipo de situação. Um outro ponto a ser levantado, é que nas afirmações da babá de Joaquim, tais como “*ele não gosta de natação*”, eu percebia que tinha algo em sua fala que queria demonstrar que ela era quem conhecia Joaquim de forma mais íntima.

Assim, Joaquim demonstrou vivenciar com muita dificuldade este processo de separação entre o eu/outro, possivelmente por não ter um vínculo de confiança que sustentasse esta separação. Como dito, parece que aos 19 meses ele estava vivenciando a angústia de separação com sua babá, que se relacionava com ele causando ainda mais insegurança, a cada tentativa dela de verificar seu apego quando ela se afastava dele. Parece que Joaquim renunciou a mãe para não perdê-la mais. Na presença das duas (mãe e babá), Joaquim perde duplamente. Penso na hipótese de que talvez a avó paterna, que sempre deixou evidente sua predileção por Joaquim em virtude dele ser muito parecido com seu filho, possa ajudar de alguma forma criando com ele um vínculo mais estável emocionalmente, assim como através do seu investimento psíquico no neto.

Acredito na hipótese de que o desinvestimento de Joaquim no objeto materno tenha se dado quando Gabriele viajou e as babás relataram que ele havia sido o bebê que mais havia demonstrado sentir a falta da mãe, inclusive apresentando processos de somatização, desenvolvendo problemas respiratórios. Sua serenidade e capacidade de autoconsolo pareciam isolar Joaquim em si mesmo, trazendo muito sofrimento perante a separação iminente. Com um ano e sete meses Joaquim me parece uma criança amortecida, sem vivacidade, que não interagia com a mãe e reagia pouco aos seus estímulos. Aos dois anos de idade, percebi uma reatividade reduzida, de forma que Joaquim demorava um tempo maior que as outras crianças para perceber o estímulo e reagir a ele. Frente a estas considerações, parece que ao perceber a alteridade Joaquim apresentou, com um ano e sete meses de vida, um humor depressivo e, com dois anos de idade, os seus comportamentos parecem indicar uma dificuldade na sua constituição subjetiva.

Em relação aos períodos que Gabriele se distanciou por alguns dias, Ciccone nos auxilia a entender como este afastamento pode ter sido vivenciado por Joaquim, ao afirmar que: “*o objeto não deve se ausentar um tempo além do qual o bebê é capaz de guardar sua lembrança viva*” (Tradução livre da autora, Ciccone, 2007, p.15). O autor explica como funciona a dimensão do tempo para os bebês, propondo a seguinte regra de proporcionalidade: “*oito horas para um*

bebê de três meses corresponde à quarenta e quatro dias para um adulto de trinta anos, e cerca de sessenta dias para uma adulto de 40 anos” (Tradução livre da autora, Ciccone, 2007, p.15).

Tendo em vista estas considerações teóricas, podemos inferir que o tempo de ausência de Gabriele, somado a uma relação que não trazia uma constância suficiente para as necessidades de Joaquim, possivelmente não lhe possibilitou desenvolver uma relação que passasse por esta área intermediária dos fenômenos transicionais. Assim, sem o amparo psíquico dessa área intermediária, o reconhecimento da alteridade parece ter se tornado difícil para Joaquim, que possivelmente acionou defesas primitivas que o levaram a este processo depressivo inicialmente e, em um segundo momento, a uma anestesia do que acontecia em seu entorno. Em meio a mecanismos de defesa acionados, parece que Joaquim passou por um processo de descatexia do objeto materno, transferindo sua referência para a babá. Este processo conseqüentemente o levou, em um tempo posterior, a uma anestesia em relação a alguns estímulos externos de forma geral, e não apenas em relação à sua mãe.

Selma Fraiberg (1982/2002) pode contribuir para o entendimento do caso de Joaquim, uma vez que ela observou os mecanismos de defesas primitivos desenvolvidos por bebês que se encontravam em situações extremas. Fraiberg apresenta o mecanismo nomeado por ela como *evitamento*, no qual o bebê evita de forma total ou parcial o contato com a mãe. Ela descreve este mecanismo como uma defesa que indica precocemente uma perturbação da relação mãe-bebê, em que estaria presente uma situação patológica extrema. A autora chama a atenção de que, nestes casos, o evitamento acontece de forma discriminatória e seletiva, tendo em vista que era possível perceber que o bebê evita sua mãe, mas não o faz com outras pessoas. Fraiberg explica que nestes casos a integração visual e auditiva da imagem materna é suprimida ou atenuada pelo bebê. A autora supõe que a imagem da mãe está associada a dor para o bebê, que por isso a evita.

Como foi descrito anteriormente, Joaquim demonstra perceber e buscar sua babá, enquanto parecia ignorar a mãe. Refletindo acerca das considerações apresentadas por Fraiberg (1982/2002), podemos pensar na possibilidade de que Gabriele teve sua imagem associada à dor vivenciada por Joaquim na época em que a ausência materna trazia uma angústia extrema, uma vez que o tempo que Gabriele havia ficado distante era superior ao tempo que Joaquim podia suportar.

Nestes casos, Fraiberg (1982/2002) explica que o bebê apaga o objeto materno, ele faz a mãe desaparecer enquanto objeto interno, ela pode estar ali ao seu lado na realidade externa, mas ele demonstra indiferença, como foi visto com Joaquim em algumas ocasiões, uma indiferença que parece ter se instalado de forma ativa, como uma defesa frente a esta angústia extrema. Contudo, acredito que no caso de Joaquim o evitamento não se deu de forma extrema, mas sim atenuada. Na observação que realizei quando ele estava com dois anos de idade, percebia que ele atendia pelos chamados da mãe, ainda que demorasse para olhar. Por esta razão, acredito que ele tenha atenuado a imagem materna, e não a suprimido. Entretanto, Joaquim parecia nesta ocasião ter desenvolvido uma anestesia em relação aos estímulos de forma geral.

A partir destas observações, levanto a hipótese de Joaquim ter desenvolvido uma depressão. Antoine Guedeney (1997) desenvolveu cuidadosamente o conceito de depressão infantil, que pode vir a nos auxiliar a compreender o que, aparentemente, Joaquim estava vivenciando. Para Guedeney (1997), a depressão infantil seria um protótipo da depressão do adulto, de forma que o autor defende a semelhança destes dois processos psicológicos. O autor afirma que *“a reação depressiva nunca é um processo puramente biológico. Não importa o quão cedo ele comece, ele é um resultado de um trabalho psíquico, que leva a manutenção de um objeto depressivo”* (Tradução livre da autora, Guedeney, p.346, 1997). Tendo em vista esta sua crença de que este não é um processo puramente biológico, Guedeney defende que a depressão está diretamente relacionada à ansiedade de separação e à ruptura dos laços de apego, e conclui afirmando que, nos casos depressivos, torna-se relevante considerar possíveis distúrbios de relacionamentos. Partindo deste pressuposto teórico, e da premissa de que Joaquim sofreu muito no processo de diferenciação e separação, é bem possível considerar que ele tenha de fato desenvolvido este quadro. O diagnóstico de depressão inclusive justificaria minha percepção de que ele apresentava uma reatividade reduzida, em que demorava um tempo maior que as outras crianças para perceber um estímulo e reagir a ele.

Segundo Ciccone (2007), todo bebê enfrenta descontinuidades, que poderão ser superadas com a ajuda do objeto. Contudo, em algumas ocasiões o bebê não consegue superá-las, possivelmente devido a um destes dois fatores: ou por sua constituição inata, ou porque de fato estas descontinuidades eram por

demais intensas e extensas. Para Ciccone, quando o bebê fracassa na reparação destas experiências de descontinuidades, ele se encontra em estado de desorganização. O autor então afirma que os bebês difíceis de serem consolados passaram por esta dificuldade, e conclui dizendo que os bebês inconsoláveis são os bebês inseguros. Partindo destas reflexões, recordo-me de uma observação que Joaquim chorava desesperadamente, Gabriele estava presente, mas demorou para conseguir acalmar o filho. Nesta ocasião, ela me disse que Joaquim era um bebê que raramente chorava, mas que quando o fazia nada era capaz de acalmá-lo.

Frente a este contexto preocupante, é possível perceber a preocupação de Gabriele com o filho. Nas observações finais que realizei, aos 19 e 24 meses de vida de Joaquim, Gabriele expôs para mim sua preocupação com o filho, que estaria relacionada à sua dificuldade com a linguagem. Parece que apesar dos médicos e da escola procurarem lhe acalmar, Gabriele compreendia que algo não estava indo bem com seu filho. Frente a este seu desabafo, eu ofereci ajuda e me coloquei à disposição dela e da escola, contudo, Gabriele agradeceu, mas disse não ser necessário. Esta sua recusa talvez aponte uma dificuldade sua em reconhecer que Joaquim estava apresentando algumas questões mais sérias.

4.2.2

Fernando – o observador

A história de Fernando começa pelo seu nome, escolhido por dois motivos. Neste ponto, torna-se importante lembrar o leitor que Fernando é um nome fictício, sendo o verdadeiro nome de Fernando um nome de um santo da Igreja Católica, do qual Gabriele é devota, e esta foi uma das razões da sua escolha. A segunda razão foi homenagear o avô paterno, que possui o mesmo nome que Fernando, será possível ver como essa homenagem pode vir a operar como um mandato geracional, conceito apresentado em capítulo teórico precedente, desenvolvido por Serge Lebovici (1998) e aprimorado posteriormente por Alberto Konicheckis. Para auxiliar na ilustração deste conceito, vejamos a seguinte afirmação de Konicheckis (2008):

“Quando nascemos ainda não somos um sujeito. Os desejos são atribuídos ao bebê, as transmissões transgeracionais, tanto que o seu nome, por exemplo, comportam as realidades íntimas, lhe concedem os sentimentos de identidade e,

ao mesmo tempo, estas diferentes experiências nasceram fora da própria pessoa” (Tradução livre da autora, Konicheckis, 2008, p. 16).

Torna-se relevante esta afirmação de Konicheckis pois neste caso inclusive o nome atribuído a Fernando é o do seu avô, a quem ele será desde muito cedo comparado. O avô paterno é um homem muito poderoso, dono da empresa da qual o pai dos bebês é o presidente. Na sua vida pessoal, este avô teve alguns casamentos e quatro filhos com suas diferentes esposas. Gabriele me conta que seu marido havia feito vasectomia no seu primeiro casamento, justamente pelo fato de que não queria repetir a história de seu próprio pai. Pela ironia do destino, ele acaba tendo cinco filhos (dois são do seu primeiro casamento e três são os trigêmeos que teve com Gabriele), de forma que o pai dos bebês veio a ter mais filhos que o seu próprio pai.

O nome em comum com o avô paterno vai despertar diferentes projeções que vão influenciar suas relações com diferentes membros familiares. A avó paterna de Fernando, primeira mulher deste avô, parece guardar rancor deste homem. Ela nunca escondeu sua predileção por Joaquim, que era muito semelhante ao seu próprio filho, mas teve uma determinada cena que foi muito impactante. A avó chegou em casa com fotos antigas do seu filho, pai dos bebês, da época que ele era bebê. Ela mostra as fotos e conta orgulhosa que Joaquim era a cara do pai. Depois complementa dizendo que apesar de todos dizerem que Lia era parecida com Gabriele, ela também achava a neta Lia parecida com seu filho, e argumenta que Lia também era muito parecida com a outra filha de Alessandro do primeiro casamento, a irmã mais velha dos bebês. Eu, particularmente, acho Joaquim e Lia muito parecidos. Após escutar seus relatos, espontaneamente acabei perguntando com quem ela achava que Fernando era parecido, uma vez que ela havia falado dos outros dois netos e não havia comentado nada sobre Fernando. Neste momento, ela me responde: *“esse aí eu não sei de onde veio”*. Gabriele então olha para mim e me fala sem expressar som, apenas com leitura labial: *“o pai do Alessandro”*. Nesse momento me recordei da informação que havia recebido alguns meses antes, de que Fernando tinha o nome do avô paterno.

Segundo Alberto Konicheckis (2008) *“o laço transgeracional se encontra lá, mas ele não pode ser encontrado a não ser pela confrontação intergeracional”* (Tradução livre da autora). Ou seja, o mandato será transmitido pela geração que está imediatamente acima do bebê, que intermedia as duas

gerações. No caso de Fernando, não é só através da sua mãe, e possivelmente do seu pai, que essa transmissão irá se dar. A transmissão também ocorre através das cuidadoras, que valorizam e enriquecem as transmissões familiares a partir de interpretações acerca do comportamento de Fernando. Um exemplo disso, diz respeito a sua própria disponibilidade física, pois Fernando tem muito energia, Gabriele o apelidou de *serelepe*, pois ele está sempre procurando por diferentes estímulos e gosta de brincadeiras que envolvam movimentos corporais, ao contrário de Joaquim, dificilmente o vi assistindo a televisão por mais que alguns segundos. Também destacando sua diferença em relação ao irmão Joaquim, seu ritmo de sono aos cinco meses de idade foi relatado como exatamente o oposto do irmão, segundo as cuidadoras ele se agitava o dia inteiro e a noite dormia direto até o outro dia. Seus movimentos eram intensos desde pequeno, “*ele não pára*” foi uma frase que eu escutei diversas vezes para caracterizar Fernando. Ele também foi o primeiro dos três irmãos a ficar em pé no berço e o primeiro a engatinhar, contudo, aprendeu a caminhar um pouquinho depois de Lia. Esta sua característica de vitalidade e disposição é interpretada pelas cuidadoras com o seguinte discurso: “*ele vai ser impossível, vai ser aquele tipo de menino que vai ir para as festas e estará cada hora com uma menina diferente*”.

A outra influência do nome recebido por Fernando, diz respeito ao fato de que ele também foi dado em homenagem a um santo, o que também parece marcar Fernando com um amparo ‘superior’ frente às dificuldades. Quando Gabriele estava grávida, uma psicóloga ‘mística’ que trabalhava na clínica onde Gabriele fez seu tratamento para engravidar teria lhe dito que Fernando iria passar por muitas situações difíceis, que tudo de ruim que tivesse que acontecer com um dos seus filhos aconteceria com ele. Contudo, ela afirmou para Gabriele que Fernando seria forte o suficiente para superar e conseguiria sair com êxito dessas situações. Frente a este mandato, recebido e aceito por Gabriele, podemos trazer duas situações que ocorreram com Fernando e que a mãe correlacionou a esta fala desta psicóloga. A primeira e mais grave foi logo após a volta dos bebês para casa após o nascimento, quando Fernando se engasgou com a mamadeira e não morreu por pouco. Havia uma enfermeira presente que conseguiu salvar Fernando, fato que fez com que Gabriele decidisse que, enquanto os bebês ainda fossem pequenos, sempre teria uma enfermeira presente. Após ser salvo pela enfermeira, ele precisou retornar para a UTI perinatal e permanecer lá por cerca de 20 dias,

apresentando risco de vida e sequelas. Contudo, felizmente após sua saída ele se recuperou bem e seguiu seu desenvolvimento normalmente. Passando um tempo dessa situação, Gabriele passou por mais um susto com Fernando: uma enfermeira estava com ele no colo a noite, adormeceu e deixou Fernando cair. Gabriele escutou o barulho, mas felizmente nada aconteceu com o filho. Essa situação foi o determinante que faltava para Gabriele instalar câmeras pela casa.

Coincidências ou ironia dos destino, parece que mais um mandato geracional se colocava sobre Fernando, o que inicialmente influenciou diretamente a relação diádica com Gabriele. Nas minhas primeiras observações, percebo que quando Gabriele estava presente, ela estava frequentemente com Fernando no colo. Contudo, assim que passa essa fase permeada pelo medo de perdê-lo, há uma virada e Gabriele passa a se tornar mais próxima de Joaquim. Apesar de toda transmissão transgeracional que ocorre do avô paterno para Fernando, é inegável que Fernando é muito parecido fisicamente com Gabriele. Suas feições lembram a mãe, assim como seu corpo bem mais magrinho que seus irmãos e metabolismo acelerado – Gabriele é magra e aparentemente me parece muito ativa, sempre em volta de muitas atividades e compromissos.

Como havia dito anteriormente, a relação de Gabriele com Joaquim passava muito pelo colo, já sua relação com Fernando acontecia muito através da palavra. Muitas vezes enquanto Gabriele interagia com Joaquim ou Lia mais de perto, olhava para Fernando e conversava com o filho à distância, que a observava atentamente. Pode-se imaginar que é humanamente impossível para uma mãe ficar muito próxima fisicamente de três bebês simultaneamente. Assim, eu percebia que Fernando era aquele que, após Gabriele ter se recuperado dos “sustos” com ele, ficava mais à distância, e o vínculo era alimentado pelo diálogo.

Acredito que Gabriele tenha tido essa postura com Fernando pois via nele uma identificação consigo, como expliquei acima, a natureza deles dois era muito parecida. Assim, Gabriele poderia acreditar que Fernando “aguentaria” mais essa distância que os irmãos, afinal ela própria parece se posicionar de forma muito forte, não havendo espaço para sofrimentos (como ela me fala ao ser questionada do processo doloroso pelo qual ela passou para conceber as crianças). Por outro lado, Joaquim, o mais sensível, era o que ‘mais precisava’ de sua presença. Talvez essa confiança na capacidade de Fernando suportar sua distância física, que era compensada com palavras carinhosas ao filho, tenham de fato o capacitado a

confiar na presença materna, como será visto posteriormente, nas duas observações finais, aos 19 e 24 meses, Fernando demonstrou conseguir chamar a mãe para si e impor sua presença a ela de forma ativa. Todavia, até chegar a alcançar esta conquista, Fernando demonstrou sofrer alguns percalços no caminho, que poderão eventualmente trazer algumas consequências futuramente na sua forma de se relacionar afetivamente.

Fernando era um bebê muito observador, que me olhava atentamente, com um olhar de investigação, como se buscasse compreender quem eu era. Era visível que ele fazia uma diferença entre mim e as cuidadoras, o que me fez lembrar da seguinte frase de Gabriele: *“basta estar de branco para eles se adaptarem”*. Parece que em algum nível essa afirmação procedia, pois eu não me apresentava com a referência da cor, e tão pouco cuidava dos bebês. Contudo, para eles eu era alguém que de vez em quando aparecia, interagia e ficava presente por um tempo. Imagino que seu olhar observador questionava o que eu fazia ali, já demonstrando sua capacidade de identificar a diferença entre eu e as demais.

Na observação que realizei quando Fernando estava com um ano e sete meses, estávamos caminhando pelo condomínio (eu, Gabriele, as babás e os bebês) retornando da aula de natação que eles fazem ali mesmo, e um senhor que se aproximava chamou muito a atenção de Fernando. Ele começou a chamar o senhor com uma palavra que queria dizer Papai Noel, ele não conseguia pronunciá-la direito, mas era possível compreender. Gabriele então me explicou que este vizinho sempre desce no horário que os bebês estão lá embaixo para a aula de natação, e que Fernando é louco por ele porque acha que ele é o Papai Noel, pois ele tem a barba e os cabelos brancos. Neste momento, fica evidente a capacidade de Fernando de reconhecer o outro mesmo sendo um outro estranho, que ele vê ocasionalmente, com quem praticamente não tem muita interação.

Tendo em vista estas observações, Fernando demonstrou não apenas compreender que eu era uma estranha em meio a pessoas familiares, mas também demonstrou ter conhecimento da sua individualidade e da diferença entre o eu/outro. Contudo, parece que a inconstância da presença materna e das babás de referência (que se ausentavam semanalmente) levou ele a vivenciar esse processo de forma insegura. Esta inferência veio do fato de Fernando ter criado uma relação com um objeto consolador, e não transicional (Winnicott, 1975). Este objeto encontrava-se na seguinte atitude de Fernando: agarrar o cabelo de

Gabriele ou das babás quando elas o pegavam no colo, o que despertava a sensação de que ele estava buscando ter a garantia de que elas não iriam embora.

Na 16^a observação, quando os bebês estavam com 10 meses, a babá preferida de Fernando, a quem ele mais manifestava esse comportamento de puxar os cabelos, me comenta que a enfermeira havia lhe orientado a não deixar que ele se agarrasse daquela forma no cabelo dela, demonstrando que essa enfermeira percebia que havia algo errado em seu comportamento. Contudo, sua babá de referência era sensível ao fato de que parecia ser esta uma necessidade de Fernando, e sentia pena de interromper esse seu gesto.

Tendo em vista que o objeto transicional foi definido por Winnicott (1975) como algo que não faz parte do corpo da mãe, embora ainda não seja plenamente reconhecido como pertencente a realidade externa, sendo transicional justamente por fazer a transição entre o que é subjetivo e o que é objetivamente percebido, este objeto não pode ser parte da mãe, justamente por representá-la. Assim, o ato de agarrar o cabelo da mãe ou das cuidadoras pode ser entendido como um objeto consolador, o que indica um fracasso do objeto transicional, pois este objeto apesar de consolar não substitui a presença materna, como o objeto transicional.

O objeto transicional não permite ao sujeito um controle pleno do objeto, como se dá com o objeto interno. Contudo, não se demonstra totalmente fora do controle como o objeto externo está. No caso de Fernando, a confiança necessária para atingir esse espaço intermediário em relação ao objeto não foi alcançada, visto que seu ato de agarrar-se no cabelo de quem está lhe cuidando demonstra justamente uma falta de controle do objeto, derivado de sua não confiabilidade. Este ato indica o seu reconhecimento da alteridade, contudo, esse reconhecimento parece estar acompanhado de uma falta de confiança na sua permanência, fazendo com que ele busque se colar ao objeto, justamente para impedir o seu afastamento. Exatamente de forma oposta ao que faria o objeto transicional, que justamente carrega o poder de permitir que o afastamento do objeto externo seja viável.

Contudo, torna-se interessante pensar que o cabelo era algo em comum entre sua mãe e as cuidadoras, de forma que o cabelo se tornou um eixo que conectava Gabriele às babás para Fernando. Assim, de alguma forma talvez ele estivesse fazendo uso das babás como uma espécie de objeto transicional de sua mãe. Contudo, ainda assim é importante destacar que o ato de se agarrar aos cabelos da mãe ou das babás parece carregar o medo do término desse contato.

Na observação que realizei aos 19 meses dos bebês, que ocorreu após o Natal, percebi que Fernando havia conseguido concluir o processo de separação e individualização (Mahler, 1975/1993). Na ocasião, eu levei um presentinho para cada um dos bebês. Quando eu entreguei o presente de Fernando, Gabriele ajudou o filho a abrir a embalagem. Contudo, o brinquedo ficava dentro de uma caixa que estava difícil de abrir, e me chamou atenção a impaciência de Fernando que começou a chorar porque o *seu* brinquedo não estava sendo entregue a ele. Nesse momento, Gabriele tentou distraí-lo com os presentes que eu havia levado para os irmãos, mas não adiantava, ele queria o *dele*. Quando o presente foi finalmente entregue, Fernando imediatamente se acalmou e então ele apontou para o presente de Joaquim, que a mãe havia lhe mostrado minutos antes para distraí-lo e ele não mostrou atenção. Gabriele então explicou que aquele era o presente do irmão e então Fernando prontamente aceitou esta resposta serenamente e começou a brincar com o seu brinquedo.

Frente a esta cena, é possível pensar que Fernando parece não suportar a espera, possivelmente devido ao fato de que ele já espera sempre pela presença de sua mãe e, neste momento que algo havia lhe sido dado, mas não havia sido entregue, ele sentia como se estivessem tirando dele o que era de seu direito. Da mesma forma, ele não quer o que pertence aos irmãos, quer apenas o que lhe pertence. Importante mencionar que nesta observação eu percebi uma mudança muito importante na forma de Fernando manifestar sua necessidade do olhar materno. Enquanto nas observações ao longo do primeiro ano de vida dos bebês Fernando permanecia mais calado, muitas vezes inclusive presenciava a mãe dando mais atenção aos irmãos com o seu olhar observador e respondia com o seu olhar às falas maternas que eram direcionadas a Fernando por Gabriele em momentos que ela estava mais próxima de Joaquim ou Lia, aos um ano e sete meses ele se posicionou de outra forma. Nesta observação, Fernando chamava Gabriele de forma ativa, ia até a mãe, chamava seu nome, pedia por colo, de forma que impôs sua presença em meio a este contexto em que o pouco momento que tinha com a mãe presente sempre era dividido com seus irmãos.

Aos dois anos de vida, na observação que se seguiu ao aniversário dos bebês, percebi que a interação de Fernando com a mãe parecia estar muito bem construída. A cena dos presentes se repetiu de forma muito bonita. Eu levei um presente de aniversário para cada um deles e, após Fernando explorar o seu, ele

foi explorar os brinquedos dos irmãos. Para Lia, eu havia levado brinquedos para dar de mamar e comidinha para as bonecas, quando Fernando viu estes brinquedos, ele pegou e começou a brincar. Nesse momento, Gabriele se sentou no chão ao lado do filho e pediu que ele desse a comidinha para ela. A relação parecia muito harmônica, e a comunicação entre os dois fluída. Em um segundo momento desta observação, fomos para a aula de música das crianças e Gabriele carregava Fernando no colo, que estava segurando a chave do carro. Gabriele colocou Fernando na cadeirinha do carro, enquanto as babás acomodavam seus irmãos. Nesse momento, Fernando começou a falar que a chave do carro que estava com ele, lembrando sua mãe disso. Gabriele respondeu para o filho que sabia que a chave estava com ele e que ia pegar para eles irem para a aula de música e que ela precisava para dirigir o carro. Gabriele então me falou sobre o quanto ela achava Fernando organizado, pois ele estava preocupado que ela não estivesse se lembrando que a chave do carro estava com ele. Esta cena demonstra a refinada capacidade de Fernando em conseguir pensar a partir do lugar do outro, assim como a capacidade de Gabriele reconhecer isso.

Chegando na aula de música, Fernando participou ativamente, respondendo as interações prontamente. As brincadeiras aconteciam de forma fluída e ele demonstrou ter conhecimento do seu próprio nome, das partes do seu corpo, de como executar movimentos específicos quando estes lhe eram solicitados, como girar e agachar, e demonstrou reconhecer os coleguinhas.

Mais uma vez, neste momento percebo que Fernando chamava ativamente a atenção de sua mãe, parecendo ter lidado de forma saudável com a circunstância de ter que conviver sempre com a presença/disputa dos irmãos e com uma presença materna nem sempre constante. Dessa forma, acredito que Fernando parece ter conseguido superar as questões presentes no seu percurso de individuação, parecendo ter se apropriado de si mesmo plenamente, assim como demonstrou se encontrar em uma relação saudável com a mãe. Conforme Konicheckis (2004), *o sujeito e o objeto se formam simultaneamente. O sentimento de existir do objeto traz um sentimento de existência do self*". (Tradução livre da autora, Konicheckis, 2004, p.62)

4.2.3

Lia – a princesa herdeira

Lia é a única menina e isso deu a ela o título e o lugar da princesa da casa, sendo este o apelido mais usado pela mãe para se direcionar a filha. O fato de ser uma menina entre seus irmãos a colocava em um lugar intermediário. Como descrito anteriormente, seu berço ficava entre os berços dos irmãos, assim como o seu quadro na parede. Sempre que os bebês eram posicionados em cadeirinhas para se alimentar, Lia era colocada no meio dos irmãos. Parece ocorrer uma relação diferenciada com ela, enquanto os irmãos Joaquim e Fernando parecem se alternar na relação materna, Lia está sempre presente. A relação de Gabriele com Lia passa muito pelas questões do seu lugar enquanto menina, de forma que o cuidado também é transpassado por esta questão. Gabriele sempre demonstrou preocupação com a aparência da filha e sempre a estimulou muito com músicas, dizendo que a Lia seria bailarina, o que as cuidadoras repetiam, de forma que eu imagino que Gabriele dança ou dançava.

Assim, parece que o fato dela ser menina traz o peso de um mandato geracional, conforme Lebovici (1998) propôs, muito explícito, afinal, ser mulher na família de Gabriele não é pouca coisa. A força do feminino é evidente nesta família, verbalizada por Gabriele quando ela descreve sua própria mãe, uma empresária sindicalista que se separou do seu pai quando seus dois filhos eram muito pequenos, e não apenas os criou sozinha como inicialmente sustentou inclusive o ex-marido. Gabriele parece ver a mãe como uma heroína.

Parece que este seu modelo a influenciou diretamente na forma como lidar com as diferentes questões de sua vida. Na entrevista realizada, eu questionei se ela havia sofrido com as inúmeras tentativas de fertilização as quais ela havia sido submetida, e ela demonstrou que não se abalou com essa experiência. Parece que assim como sua mãe sempre lidou de forma assertiva com suas questões, Gabriele não deixa espaços para fracassos, o que se reflete na forma como Gabriele lida com todas questões de sua vida – de forma prática e eficiente, mas muitas vezes dissociada dos sentimentos.

Bem, se nesta casa Gabriele é a rainha, cabe a Lia o lugar de princesa e o mandato já está lançado. Inúmeras vezes presenciei Gabriele verbalizando a seguinte frase, que muito foi propagada pelas cuidadoras: “*a Lia é danada, ela vai mandar nos dois irmãos*”. Por estas razões que suponho que Lia está recebendo um mandato transgeracional, visto que ele vem da sua avó materna, mas também

intergeracional, uma vez que Gabriele não apenas transmite o mandato da sua própria mãe para a filha, mas ela mesma também o vivencia e o transmite diretamente. Assim, Lia sustenta a continuidade desta linha de sucessão: avó materna-mãe-filha.

Contudo, apesar dessa fortaleza ser projetada sobre Lia, ela na verdade se apresenta de forma muito sensível desde o início, demonstrando sentir intensamente as ausências e a inconstância materna. O seu ritmo de sono e ritmo de mamada demonstram o seu sofrimento em busca da certeza do contato humano. Ao contrário dos seus irmãos, Lia nunca adormece por mais de três horas, o que na observação realizada quando Lia estava prestes a completar um aninho foi interpretado pela enfermeira da seguinte forma: *“ela acorda para ter certeza que tem alguém por perto.”* Assim, parece que Lia lida com a angústia da separação acordando durante a noite, momento que ela também é amamentada, de forma que ela criou assim um ritmo de encontro com outro. Essa sua questão relacionada ao sono inicialmente despertou uma preocupação em Gabriele, que demonstrava seu cuidado em relação a filha também a partir dessas preocupações.

Lembro-me da 3ª observação, aos 3 meses e meio de vida de Lia, da seguinte cena: ela balançava as perninhas e chorava desesperadamente deitada no berço, me passando uma sensação de desintegração. Gabriele não estava e as babás estavam ocupadas com seus irmãos. Então, eu me aproximei do berço e coloquei minha mão sobre a sua barriguinha e ela imediatamente parou de chorar. Minha atitude tinha sido instintiva, pois não suportava mais assistir a essa cena e as cuidadoras não darem atenção, pois pareciam preocupadas com outras coisas, e eu imaginei que talvez ela já estivessem acostumadas com o choro de Lia, que tinha problemas para dormir. Como Lia havia se acalmado com meu toque em sua barriga, eu saí daquela observação pensando que talvez ela estivesse com cólica, apenas em um segundo momento percebi que na realidade ela estava precisando sentir a presença de alguém. Em supervisão foi discutido que no Instituto Loczy as cuidadoras colocavam a mão na barriguinha dos bebês para ajudá-los a se integrarem. Ao executar qualquer atividade no corpo do bebê, as cuidadoras deixavam uma das mãos na barriga do bebê, enquanto a outra executava o que era necessário. Percebi que inconscientemente foi isso que eu havia feito com Lia.

Lia sempre foi vista pelas cuidadoras como a bebê que mais pedia colo para elas, e como a bebê que, na maioria das vezes, só se acalmava assim. Por

isso, muitas vezes seu choro era banalizado, o que levava Lia a um sofrimento desintegrador e desesperado. Lia também é vista como a bebê que tem o pior sono dos irmãos, segunda as cuidadoras. A cada três horas ela acorda para mamar e receber colo e, muitas vezes, segue inquieta, não se acalmado facilmente.

Kreisler, Fain e Soulé (1981b) explicam que, frequentemente, a insônia do bebê é reveladora de um conflito. Os autores acreditam que a insônia está diretamente associada ao fato da mãe, ou da sua substituta, ser impedida de desempenhar o seu papel de proteção ao bebê, o realizando de maneira inoportuna. Os autores descrevem: “*Entende-se por insônias graves aquelas que se distinguem por duração, intensidade, sinais de acompanhamento, notadamente de ordem motora, gritos, agitação, ou pelo contrário, apatia*” (Tradução livre da autora, Kreisler, Fain & Soulé, 1981b, p.67). Segundo os relatos das cuidadoras, Lia se enquadraria nesses critérios, vistos que toda noite ela acordava de três em três horas e, muitas vezes, era difícil de consolá-la.

Kreisler, Fain e Soulé (1981b) explicam que a qualidade do sono do bebê depende do investimento materno. Segundo estes autores, quando as necessidades orgânicas e libidinais se fazem urgentes, a criança desperta e aguarda a sua satisfação. Os autores explicam que a mãe deve assegurar o sono do bebê, regulando suas necessidades libidinais através de dois modos: do autoerotismo, através do uso da chupeta por exemplo, e da função narcisista geral, através do embalo realizado pelo adulto. Assim, na insônia precoce o modo preferido dos bebês é o tipo narcisista geral, o que quer dizer que o investimento autoerótico necessita de certo fundo de investimento materno para se produzir. Contudo, os autores explicam que ao mesmo tempo é preciso uma certa dose de frustração para que o bebê se desenvolva em termos de compensação, e então poder alcançar a realização alucinatória do desejo. Em outras palavras, para a criança ser capaz de se autoconsolar através do autoerotismo, é necessário que antes ela tenha tido um adulto que a investiu, estimulando sua função narcisista geral, através do embalo e, principalmente, através da presença. Para Kreisler, Fain e Soulé (1981b):

“Uma criança frustrada, quer porque um meio contraditório a traumatizou, quer por privação, é atingida em sua massa. Falta-lhe alguma coisa sem o qual ela é incompleta. A sua libido não pode completar-se a não ser em resposta ao que lhe chega de sua mãe. Tal frustração acarreta a descarga de uma agressividade que não deixa de lembrar uma hemorragia. Somente o fim da frustração pode

acalmar esse tipo de agressividade, cujo desfecho é então e sempre autodestrutivo e desorganizador” (Tradução livre da autora).

Esta citação me remeteu a um relato de uma das cuidadoras acerca do fato de que elas nunca chamavam Gabriele a noite para consolar e atender os bebês, mas que teve uma noite em especial que o choro de Lia era tão desconsolador, que elas foram obrigadas a acordar Gabriele e, só então, Lia teria se acalmado. Como Kreisler, Fain e Soulé explicam que o corpo é o lugar e o meio pelo qual o bebê que passa por um conflito consegue exprimir seu mal estar. Em relação às insônias precoces, eles sugerem que ocorre uma subversão do universo simbiótico numa situação em que a mãe, face às necessidades orgânicas e libidinais do seu bebê, não reage adequadamente, pela *contradição* ou pela *sobrecarga*.

No caso analisado nesta tese, um olhar apressado ou desatendo poderia deduzir que Gabriele estaria sobrecarregada por precisar se dividir em cuidados aos três bebês, precisando, assim, da ajuda de cuidadoras para fazê-lo, não conseguindo sempre dar a atenção que todos bebês necessitam. Contudo, uma vez que sabemos da característica do caso, podemos supor que possivelmente é a contradição, ou seja, a ambivalência à entrega materna apresentada por Gabriele que a impede de estar presente e conectada em alguns momentos cruciais, como o momento em que o bebê se entrega para conseguir alcançar o sono, precisando confiar para tanto no seu ambiente. Como Kreisler, Fain e Soulé (1981a) explicam, é preciso que a mãe acalme as tensões interiores do seu bebê, permitindo a criança retornar ao estado de quietude, assegurando as funções somáticas, sem as quais a criança não sobreviveria. Além das necessidades somáticas, seria preciso a contribuição instintiva maternal, sem a qual, os resultados seriam de naturezas extremamente variáveis e dependeriam de um fator da resistência individual, mas seriam em seu conjunto catastróficos, uma vez que a frustração refletiria na organização da libido. Para os autores, o investimento precoce libidinal narcisista primário, característico desse primeiro estágio de vida precoce, só se organizaria em resposta ao instinto materno.

A resposta individual de Lia foi, digamos, eficaz. Parece que ela encontrou uma solução através do seu ritmo de sono e de mamada, pois a cada duas/três horas ela acordava e as cuidadoras davam a ela mamadeira, de forma que ela encontrava o contato humano que tanto precisava. Isso demonstra que sua

natureza humana, muito sensível à distância materna, teve a capacidade de encontrar uma saída construindo um ritmo próprio através do sonho da mamada. Como as cuidadoras diziam, ela funcionava “*como um relógio*”.

Conforme Ciccone (2007) explica, desde muito cedo o bebê faz um esforço para superar as experiências de descontinuidade, que, para o autor, fazem parte da maternagem. Contudo, os bebês se utilizariam de dois meios para reparar estas experiências, sendo o primeiro o encontro ou a fabricação de uma continuidade através de um objeto de fora, e o segundo seria utilizar ou fabricar a ritmicidade através das experiências rítmicas, as quais o rítmico traria a ilusão de continuidade. Este parece ser exatamente o caso de Lia, que criou através de uma experiência que é rítmica por si mesmo, o sono, uma ritmicidade que lhe proporciona um encontro, uma continuidade, em um tempo seguro, conhecido e previsível: o seu tempo.

Ciccone defende que a ritmicidade organiza a separação. Vejamos sua afirmação (2007):

“Os processos autocalmantes são, frequentemente, de natureza rítmica, que difere dos agrupamentos rítmicos autistas, mas que tem também uma função de produzir uma zona de percepção permanente, que dá ao sujeito um sentimento de segurança e de mestre da sua experiência de si e de seu mundo”. (Tradução livre da autora, Ciccone, 2007, p.19).

A partir destas observações e da constatação de que Lia encontrou um ritmo que lhe trouxesse a ilusão de continuidade, questiono-me acerca da (não) construção de uma representação de um objeto transicional, ou possivelmente da sua construção tardia, tendo em vista que não havia um objeto aparente que pudesse consolar Lia e acalmá-la, ela demonstrava precisar de um contato humano direto para conseguir se tranquilizar. E como dito acima, a alucinação só pode ocorrer na medida que anteriormente o bebê vivenciou o investimento materno que estimulou seu narcisismo global. Assim, o bebê pode se autoconsolar, e da mesma forma, desenvolver um objeto transicional que o console e represente o objeto materno que está em fase de internalização. No caso de Lia, até o final do primeiro ano as enfermeiras ainda relatavam sua dificuldade de sono e sua regularidade para acordar a noite, assim como a sua necessidade em receber colo.

Tendo em vista sua necessidade de uma presença materna que nem sempre estava disponível, acredito ser pertinente trazer uma cena que se repetiu mais de uma vez com Lia, no momento em que Gabriele vinha se despedir dos bebês para ir ao trabalho. Lia ativamente olhava para o lado oposto da mãe e não atendia aos seus chamados, se recusando a se despedir. Lembro-me de uma das vezes que vi esta cena quando Gabriele entrou no ambiente que os bebês estavam. Lia olhou para a mãe e depois olhou fixamente para a sua bolsa e, imediatamente, parece ter compreendido que a mãe iria se despedir. Em seguida, Gabriele tentou dar tchau para a filha, que não aceitou. Contudo, não apenas desta vez, mas nas outras que eu presenciei esta cena, bastava Gabriele virar de costas que Lia a acompanhava com o olhar, até que a mãe sumisse do seu campo de visão.

Acredito que seja pertinente destacar as diferenças percebidas entre Lia e Joaquim no momento em que a mãe vinha se despedir deles. Joaquim realmente demonstrava indiferença à presença de Gabriele e ao seu chamado para se despedir dele, ele parecia não perceber esta cena. Lia tinha uma postura totalmente diferente da do irmão, ela percebia claramente que a mãe estava indo embora e se recusava ativamente a dar tchau, uma vez que ela não tinha controle do fato de sua mãe estar indo, controlava ao menos o ato de despedir-se.

Assim, foi observado que, até o término das observações, quando Lia estava com um ano de vida, como ela percebia que nada podia fazer com as despedidas maternas, de forma que sofria passivamente frente a elas, ela então reagia de forma ativa, recusando se despedir da mãe. Esse sofrimento desencadeou uma necessidade de sentir constantemente a presença de alguém por perto e, através desse ritmo que Lia criou através do seu sono e de suas mamadas, ela parece ter conseguido encontrar uma certa segurança e conforto.

Contudo, na observação que ocorreu aos 19 meses de vida das crianças, eu encontrei uma outra situação, pois neste momento Lia já se comunicava verbalmente e reivindicava de forma ainda mais ativa a presença da mãe, e acabava conseguindo. Tanto nesta observação, quanto na que realizei aos dois anos de idade, percebi que Lia e Fernando se alternavam no colo da mãe e, muitas vezes, Gabriele estava com um deles no colo e de mãos dadas para o outro que caminhava ao lado. Parece que sua maior necessidade de contato fez com que Lia exigisse mais do seu meio e de sua mãe, e acabou recebendo de fato mais dela.

Como dito acima, ainda que quando menorzinha Lia sofresse passivamente às despedidas maternas, ela ainda assim se recusava ativamente a despedir-se. Esta postura ativa de não aceitar as limitações impostas pela mãe também puderam ser observadas em uma situação que se repetiu em duas ocasiões, uma ocorrendo um ano após a outra: primeiramente aos sete meses, na 11^a observação e, depois, na observação que eu fiz com um ano e sete meses de Lia. A situação foi a seguinte: para me agradar, Gabriele me pediu para dar a comida para Lia, contudo, ela me ofereceu seu pratinho quando ela já havia iniciado a refeição e ela era quem estava dando a comida para filha, enquanto as cuidadoras davam para os irmãos. Na primeira ocasião, aos sete meses, Gabriele se ausentou da sala e eu segui dando a comida para Lia, que se recusou fechando sua boquinha. Eu fui conversando com ela e ela chegou a aceitar, contrariada, algumas colheradas, com muito sofrimento. Nesse meio tempo, a babá que estava dando comida para Fernando assistiu a cena e perguntou se eu não gostaria de trocar com ela, eu prontamente aceitei e Lia se acalmou, ela havia ‘perdido’ a mãe, mas ao menos estava com alguém que tinha familiaridade. Esta cena aconteceu com mais riqueza de detalhes um ano depois, pois Lia já estava começando a falar. Gabriele ofereceu que eu desse comida para a filha, eu agradei e disse que não precisava, ela insistiu e me falou brincando que Lia era boa de garfo. Gabriele foi para a cozinha e fechou a porta, mas era possível escutar sua voz. Lia então chorava e empurrava o pratinho, dizendo ‘mamãe’. Eu comecei a mostrar a porta da cozinha e a explicar para ela que sua mãe estava lá e já iria voltar, e que quando ela voltasse ela daria a comida para ela. Ela seguiu chorando e pedindo pela mãe, até que se acalmou e aceitou a contra gosto a comida. Felizmente, Gabriele voltou e eu entreguei para ela o prato, e então ela terminou de dar a refeição para a filha.

Nestas passagens, fica evidente a recusa ativa de Lia em se despedir de Gabriele e de ‘perder’ a mãe no momento da alimentação. Pode-se inferir que Lia já estava passando pelo processo de integração, reconhecendo a mãe como distinta. Sua forma ativa de reclamar por sua presença da forma como podia em cada situação também demonstra uma natureza humana de não se contentar com o que está dado, e o quão doloroso para ela era reconhecer-se como um ser distinto da mãe e não poder tê-la da forma como necessitava junto a ela. Frente a estas considerações, penso que Lia apresentou uma conquista desenvolvimental, visto

que seu sofrimento mostrava seu reconhecimento da alteridade em primeiro lugar, mas também destaco sua forma ativa de reagir a situação que estava dada.

Interessante destacar a característica extremamente musical de Lia. Ao longo do primeiro ano de vida, presenciei Gabriele e as cuidadoras cantarem músicas para os bebês, mas para Lia tinha uma conotação especial, muitas vezes ela era amparada com os bracinhos para dançar já que ela era “*bailarina como a mãe*”. Na observação de um ano e sete meses e na observação de dois anos de idade percebi que Lia era uma criança muito musical e sensorial. Com um ano e sete meses eu acompanhei uma aula de natação, na qual Lia estava muito animada e cantava as musiquinhas guiada pela professora. Ela sabia as coreografias que já eram identificadas na primeira palavra cantada pela professora, e então já começava a fazer imediatamente a dança correspondente àquela música. Essa característica seguiu muito evidente na observação dos 2 anos de idade, quando acompanhei uma aula de música. Lia cantava todas as músicas, acompanhava todas as coreografias, sempre que o professor chamava as crianças para uma brincadeira ela demonstrava entender quando era a sua vez, qual era o seu nome e os dos seus amiguinhos, assim como tinha controle do seu corpo e dos seus movimentos quando o professor solicitava algo em específico, como girar, agachar, colocar as mãozinhas nos olhos, nariz, etc.

É possível supor que as cuidadoras ajudaram a estabelecer um ritmo sensorial em Lia, que pode ter dado espaço para ela desenvolver sua musicalidade, uma vez que era visível que as cuidadoras estimulavam mais Lia que aos seus irmãos através da música. Na verdade, fica difícil de imaginar o que veio primeiro, se Lia tinha uma característica musical inata que foi observada pelas cuidadoras e pela mãe e, conseqüentemente, estimulada, ou se as projeções realizadas sobre ela por ser a única menina e assim ser “*bailarina que nem a mãe*” levaram as cuidadoras a estimulá-la através da música e, assim, ela possa ter adquirido um gosto maior pela musicalidade. Neste ponto, podemos pensar no conceito de espiral interativa, em que o bebê estaria ativo na relação e sendo estimulado por ela, de forma que uma coisa estimula a outra, por exemplo, neste caso de Lia, as babás estimulam algo que possivelmente já estava lá em termos constitucionais, uma predileção maior pela musicalidade, o que se torna ainda mais proeminente uma vez que segue sendo estimulado pelo meio.

Como dito, a sensorialidade também é uma característica muito evidente em Lia. Na observação de um ano e sete meses ela demonstrou adorar estar dentro da água, ela realmente estava muito feliz durante a aula de natação. Após sair da piscina, Lia foi para o banho com a babá e quando ela havia sido vestida pegou Gabriele pela mão e a levou até o banheiro, pedindo para tomar banho uma segunda vez com a mãe, que na verdade nunca participa dos banhos dos filhos. Mais uma vez Lia ativamente pede pela sua mãe.

Uma outra característica que se destacou nestas duas observações posteriores foi uma capacidade apresentada por Lia de cuidar do outro através da brincadeira. Aos 19 meses, eu levei uma bonequinha de presente de Natal para ela, que sua babá sensivelmente batizou de Nina, pois este nome estava escrito na caixa. Lia começou a colocar a boneca para dormir e pediu uma chupeta para sua babá para que ela desse para a boneca. Aos dois anos de idade, eu levei de presente de aniversário utensílios para dar de comer para bonecas e mamadeiras. A babá de sua preferência estava novamente presente e de forma muito empática foi tirando os brinquedos da caixa e explicando para Lia o que tinha dentro e como fazer para alimentar a bebê e, então, a babá foi lá dentro buscar uma bebê para mostrar para Lia. Enquanto a babá foi buscar a boneca, Gabriele se aproximou da filha e pediu para que ela desse o mama para ela, havia duas mamadeiras e Lia primeiro colocou as duas mamadeiras na sua própria boca, uma por vez, e então a mãe brincou que ela queria as duas só para ela. Assim que ela sentiu em sua boca cada uma das mamadeiras, ela então colocou uma na boca da mãe. Nesse meio tempo, a babá de Lia retornou com uma boneca e mostrou para ela que quando ela mexia a mamadeira o leite desaparecia, como se a boneca tivesse tomado, Lia então ficou brincando de dar mamadeira para sua boneca.

Estas cenas que aconteceram aos 19 e 24 meses de idade de Lia e podem ser melhor compreendidas através do conceito winnicottiano da experiência de *mutualidade*. Winnicott (1969/1994) elaborou este conceito a partir da observação da alimentação mútua, que ocorreria quando o bebê leva sua mão à boca de sua mãe enquanto está sendo alimentado, como se também a alimentasse, trazendo a ideia de que sua mãe sabe o que é ser alimentada, e de que ele quer compartilhar com ela este prazer confortante. Para Winnicott, este é o começo da comunicação entre duas pessoas, sendo para o bebê uma conquista desenvolvimental, visto que para tanto ele precisa reconhecer a alteridade. Winnicott estava se referindo a

bebês menores, e estas observações ocorreram aos 19 e 24 meses de Lia. Contudo, ainda assim servem para consolidar a sua conquista desenvolvimental do seu processo de se perceber como um ser separado e distinto.

Como exposto anteriormente, no caso de Lia há uma aposta de que sua capacidade de ter encontrado um ritmo que ela própria controlava, já que sofria passivamente a presença inconstante de sua mãe, através da amamentação e do sono, ajudou a alcançar sua individuação. Contudo, torna-se relevante destacar que Lia teve duas cuidadoras de referências que eram muito empáticas e carinhosas. Ela passou pela perda de uma delas, quando uma enfermeira foi demitida, todavia, na outra equipe, ela seguiu tendo presente sua babá de referência, que permaneceu presente pelo menos até os dois anos de idade, quando eu realizei a última observação. Esta babá conseguia, assim como a enfermeira que ficou menos tempo, ter uma relação afetiva e ao mesmo tempo leve com Lia. Ambas eram alegres e empáticas aos diversos sentimentos de Lia, trazendo conforto em situações que lhe provocavam angústia. Por estas razões, acredito que Lia encontrou nessas babás o acalento que precisava quando sua mãe faltava e pôde, assim, passar pelo processo de angústia de separação e alcançar a individuação com este suporte. Na cena em que Lia cuida da sua boneca, ela demonstra ter adquirido a capacidade de cuidar do outro, que pode ser desenvolvida uma vez que ela tenha sido cuidada por alguém. Assim, acredito que as cuidadoras de referência de Lia fizeram diferença no seu desenvolvimento emocional, pois como dito eram empáticas às suas necessidades e sentimentos. Contudo, suponho que Gabriele tenha deixado suas marcas de cuidado e afeto em Lia, como aparece nesta brincadeira em que Lia está com as mamadeiras e Gabriele pede para que ela dê de mamar para ela, onde a mãe parece acolher o seguimento que a filha dá à brincadeira, estimulando ela a brincar.

Refletindo acerca da importância das cuidadoras de referência de Lia, Madeleine Vabre pode nos auxiliar a compreender o papel fundamental que estas profissionais tiveram. Em seu texto *À Lóczy "se mouvoir" destine l'infans à exister* (2012), Vabre transcorre acerca da importância da cuidadora considerar a criança como um verdadeiro parceiro na interação, tendo consciência de que este diálogo ocorre em uma relação de dependência extrema. Vabre conclui dizendo que a cuidadora deve: *"agir com a criança e não sobre ela ou sem ela"* (Tradução livre da autora., p.142, 2012). As cenas que presenciei de Lia com sua babá de

referência parecem ilustrar exatamente este tipo de relação. Especialmente nas duas ocasiões em que eu levei presentes para Lia, aos 19 e 24 meses, em que a babá apresentou a ela os objetos, explicou as brincadeiras que podia fazer com eles e aguardou pelos seus próprios movimentos de forma muito empática. Da mesma forma, a cena da brincadeira de “mamar” que presenciei da Gabriele com a filha aos dois anos de idade demonstra esse mesmo acolhimento. Gabriele dialogou com a filha, sugeriu uma brincadeira, que ela lhe amamentasse com a mamadeira, respeitando o tempo da filha, que primeiramente decidiu experimentar as duas mamadeiras na brincadeiras. Estes recortes mostram como Lia pôde ter esse encontro e se ver nessas relações, com sua mãe e com sua babá.

Acredito que no caso de Lia as cuidadoras forneceram a continuidade necessária para que ela pudesse construir um vínculo de segurança com o seu meio e assim pudesse passar pelo processo de separação individualização (Mahler, 1975/1993). Possivelmente a relação com a mãe não trazia uma constância suficiente, mas, em contrapartida, era perpassada pela paixão, pelo desejo presentes no olhar de Gabriele que transmitiam a Lia os mandatos geracionais de que a filha desse continuidade a força feminina desta família. Assim, entre continuidade e desejo, Lia foi se constituindo subjetivamente. Contudo, como ela irá se apropriar do mandato geracional depositado, seguirá sendo uma incógnita.

4.2.4

A interação entre os irmãos

Para finalizar a segunda parte desta análise, dedicada aos bebês, será apresentada a evolução observada da interação dos bebês entre si. Serão destacadas as observações em que foram presenciadas estas interações.

Aos quatro meses de idade, ocorreu a primeira observação em que eu presenciei uma interação entre os irmãos. Neste dia, os bebês se olhavam, se percebiam, contudo, não prendiam sua atenção entre si, naquele momento o rosto dos adultos era o principal foco de interesse deles. Eles pareciam compreender que o cuidado vinha de um adulto, a quem procuravam com o olhar, ainda que já identificassem outros seres semelhantes a eles.

Aos seis meses de vida, percebi que eles ainda não interagiam entre si, eles seguiam muito atentos aos olhares dos adultos, buscando capturá-los, como se os

seus olhares estivessem procurando uma atenção e um olhar que preenchesse a lacuna materna. Muitas vezes, eu sentia essa demanda e me via em um conflito de qual deles olhar, visto que havia momentos em que dois ou os três me buscavam ao mesmo tempo. Poder-se-ia levantar a hipótese de que a lacuna materna intensificava a busca ávida dos bebês por um olhar de um dos adultos presentes, talvez em outro contexto em que existisse uma maior continuidade da presença materna eles poderiam notar um ao outro de forma mais frequente, pois estariam em uma situação de segurança, podendo explorar mais o ambiente como um todo. Morgenstern e Gueller (2015) fizeram uma afirmação que pode nos auxiliar nesta reflexão: *“a gemelaridade permite ver numa lente de aumento as relações fraternas e mostra algumas particularidades”* (Morgenstern & Gueller, 2015, p.54). Talvez este comportamento dos bebês intensificassem no meu olhar o ambiente em que eles estavam inseridos, onde seus olhares pareciam buscar por um instinto de sobrevivência afetiva.

Aos nove meses, percebi que os bebês já se reconheciam de forma mais marcante. Sinto uma mudança importante, onde a presença dos irmãos parece ter se tornado um estímulo para cada um deles. Quando um dos bebês pegava um brinquedo na mão para explorá-lo, imediatamente seu gesto chamava a atenção de seu irmão, que também queria conhecer aquele brinquedo, de forma que o que se demonstrava interessante para um, se tornava para os demais. Em busca de se conhecerem melhor, um puxava o cabelo do outro, pareciam querer compreender através do tato quem era aquele outro ser, tão diferente dos adultos e tão semelhante a eles mesmos. Neste momento, percebo que eles começaram a reparar quando um dos irmãos chorava, olhando para o irmão que estava chorando de forma curiosa. Estas mesmas características se demonstraram de forma ainda mais marcantes quando os bebês estavam com um ano de idade.

Stern (1991) pode nos auxiliar na compreensão desta mudança observada a partir dos nove meses de vida dos bebês. Para o autor, dos nove aos doze meses de idade, o bebê vai procurar no rosto da sua mãe a orientação necessária para compreender os sentimentos despertados por estímulos. Stern afirma que *“ele olhará para o rosto de sua mãe para ver como ela interpretou o palhaço que chora”* (Stern, 1991, p.79). Segundo Stern (1991), nesta fase a criança pequena analisa o estado mental emocional da mãe para regular o seu próprio. O bebê começa a compreender que ele possui uma paisagem mental diferente daquela que

sua mãe possui, começando assim a se perceber como um ser diferenciado dela e começa a compreender que ambos podem compartilhar da mesma paisagem mental. Da mesma forma, Stern explica que acontecerá em relação a outras pessoas e, então, o bebê vai distinguindo melhor quem é quem. Assim, os bebês conseguiriam em algum nível compreender melhor, aos nove meses, que um irmão poderia estar em sofrimento e que esse sofrimento não lhe pertence, pois são seres distintos, e são distintos entre si também, cada irmão é um. Cada babá é uma. A diferenciação do eu/outro e entre os outros começa a ser solidificada.

Nas observações que realizei quando as crianças estavam com 1 ano e 7 meses de idade e 2 anos de idade, todos já se reconheciam de forma muito clara. Lia e Fernando que já esboçavam palavras, pronunciavam os nomes dos irmãos, a seu modo. Conseguiram compreender o que pertencia a eles e o que pertencia aos irmãos, como foi visto no momento que entrego os presentes nestas duas ocasiões. Como dito anteriormente, Lia e Fernando demonstraram reconhecer o que era deles, mas também exploraram os brinquedos dos irmãos. Já Joaquim ficou entretido apenas com o brinquedo que tinha sido destinado a ele. Nestas duas ocasiões, as diferenças na qualidade das interações entre os pares, não apenas com os irmãos, mas também com os coleguinhas da aula de música, ficaram mais evidentes, como foi apresentado na análise individual das crianças.

Para exemplificar, relembrei da observação realizada da aula de música, na observação que fiz quando os bebês estavam com dois anos de idade. Lembrome da brincadeira dos nomes, em que os professores escreviam em cada etiqueta o nome das crianças e chamavam através da música uma criança pelo nome, para que ela fosse até eles pegar a sua etiqueta e a colasse no seu peito. Lia e Fernando participaram ativamente desta brincadeira, não apenas participando do momento em que seu nome era chamado para colar a etiqueta, mas também acompanhando os amiguinhos pelo olhar, quando o professor cantava o nome de um coleguinha, eles já buscavam esta criança com o olhar. Lembro que Lia inclusive pegou a etiqueta para uma criança que estava desatenta e não escutou seu nome, levando até ela sua etiqueta com nome. Como dito anteriormente, nesta observação ficou evidente que Joaquim estava muito voltado para seu mundo interno. Assim, aos dois anos, fica evidente a diferença de desenvolvimento subjetivo de cada um dos bebês, assim como a forma com que eles interagem entre pares.

4.3

O ambiente

4.3.1

Os outros além da mãe

Sabemos que não é possível falar de um bebê nos seus primeiros meses de vida sem pensar no ambiente que o cerca. Como foi possível demonstrar até o presente ponto desta análise, o ambiente que envolve os bebês deste caso é complexo. A maior parte do tempo os bebês estão cercado de pessoas que não são sua mãe ou seu pai. Por esta razão, se percebeu a necessidade de fazer um tópico para falar mais sobre o ambiente no caso acompanhado.

Myriam David, em seu texto *Pour une meilleure connaissance du bébé. Contributions de l'Institut Emmi-Pikler* (2012), discorre sobre a importância do lugar do cuidado para a relação que o bebê vem a desenvolver com quem o cuida. A autora afirma: “os cuidados propriamente ditos tem uma importância particular na medida em que eles são um modo de troca e de diálogo privilegiado entre o bebê e o adulto (...) O cuidado transmite ao bebê a qualidade da atenção que lhe é dada” (Tradução livre da autora, David, 2012, p.54). Tendo em vista esta sua afirmação, é inevitável não pensarmos no quanto a relação de Gabriele com cada um dos seus filhos perde na medida em que ela não exerce estes cuidados. Aquele jogo que ocorre quando a mãe está trocando a fralda do filho, as brincadeiras, risadas e olhares que preenchem a hora do banho, são momentos que não foram vivenciados pelas díades mãe-bebê neste caso.

Neste sentido, a importância das cuidadoras para o psiquismo infantil destas crianças se revela mais uma vez, a fim de que elas possam preencher as lacunas que não são encontradas na relação materna. Myriam David ressalta a relevância do papel das cuidadoras ao explicar que tudo que se desenvolve no bebê passa primeiramente pelo corpo, ou seja, aquele que toca seu corpo é de fundamental importância. David explica:

“Tudo passa pelo corpo para ser pouco a pouco elaborado em um espaço mental, todas as grandes funções cognitivas, afetivas, relacionais, tem raiz e se constituem a partir deste fundamento comportamental sensório-motor pré-verbal do bebê” (Tradução livre da autora, David, 2012, p. 53).

Propondo uma reflexão acerca de como o cuidado ocorre no caso acompanhado, relembramos que há toda uma estrutura que gira em torno dos cuidados dos bebês, que incluem duas equipes formadas cada uma por três funcionárias, sendo estas duas babás e uma enfermeira. Nas segundas-feiras pela manhã, ocorre uma troca entre as equipes, de forma que cada uma delas fica com os bebês por sete dias consecutivos, quando então ocorre a substituição. Ao longo deste primeiro ano de vida dos bebês ocorreram diversas demissões, de forma que não estamos falando apenas de seis funcionárias fixas. Todas funcionárias tem suas funções bem delimitadas e, como em uma empresa, se não as desempenharem bem, serão substituídas.

Este contexto traz uma complexidade particular, tendo em vista a importância do desenvolvimento do ritmo para os bebês, que é proporcionado através de um ambiente que ofereça segurança através da sua previsibilidade, como foi discutido previamente. Tendo em vista esta consideração, podemos considerar dois aspectos que colocam a capacidade do ambiente de prover esta estabilidade em risco no caso apresentado. O primeiro diz respeito a troca que ocorre semanalmente, de forma que os bebês se deparam com um ‘sumiço’ das cuidadoras, considerando que o tempo para o bebê é bem diferente do tempo adulto, a semana que ele passa longe de uma equipe revela-se um tempo muito longo, suficiente para causar sofrimento, como foi colocado por algumas cuidadoras ao longo das observações. Este quadro demonstra-se agravado quando uma destas cuidadoras ia para o seu descanso de uma semana e não retornava do mesmo pois era demitida, nestes casos, o “sumiço” revelava-se permanente.

Uma babá me relatou que quando ela ia embora para sua casa, nas primeiras noites, ela acordava escutando os choros dos bebês. Ela então me falou da saudade que sentia deles e disse que, por mais que eles gostassem de todas, sentia que eles demoravam uns dois dias para se adaptarem a equipe que estava com eles, pois ainda estavam sentindo falta da equipe anterior. Ela, então, me disse que havia chegado a uma conclusão: de que elas sentiam falta dos bebês, mas que como eram adultas compreendiam as razões e sabiam quando os veriam novamente. Além desta babá, um relato semelhante foi feito por uma enfermeira no final das observações. Assim, eu percebia que elas compreendiam que poderiam falar para mim o que sentiam em relação a esta dinâmica de cuidados

que havia sido estabelecida por Gabriele, o que me fazia pensar que possivelmente elas não conseguiam falar para Gabriele o que diziam para mim. Nestas falas das cuidadoras, eu percebia que algumas possuíam uma sensibilidade em relação ao vínculo estabelecido com os bebês que a mãe não conseguia/desejava perceber.

Anna Tardos em seu trabalho *L'observation du nourrisson par la mère ou son substitut et ses effets sur l'image qu'ils se font de l'enfant ainsi que ce qui s'ensuit, sur leurs attitudes* (2012) fala da riqueza da relação que se estabelece entre a cuidadora e o bebê e de como esta vai se desenvolvendo com o passar do tempo. Na página 103, Tardos comenta:

“A imagem do bebê é elaborada e evolui no espírito da cuidadora: esta imagem se interioriza, pouco a pouco, ao longo do desenvolvimento da relação que se cria entre a cuidadora e o bebê, e então a cuidadora não é mais somente uma pessoa que está por alguns momentos com o bebê em seus braços, ela também pensa nele mesmo quando não estão juntos” (Tradução livre da autora, Tardos, 2012, p. 103).

Esta reflexão de Tardos demonstra como o relato da babá que contou que escuta o choro dos bebês quando está na sua casa, revela-se um fenômeno que não é raro, e sim natural desta relação de sintonia. Tendo em vista estas questões, tornou-se fundamental o questionamento de como seria vivenciada esta alternância de cuidadoras pelos bebês, uma vez que as próprias cuidadoras pareciam sentir a ausência dos bebês por cerca de dois dias, fica a indagação de como ela era vivenciada pelos bebês. Eles também passavam por uma readaptação semanal, mas não possuíam uma estrutura constituída para compreendê-la. Possivelmente estes bebês tenham vivenciado uma angústia de separação muito intensa e as consequências desta experiência de ruptura, somada a experiência materna que não era constante, possivelmente trouxe consequências, como foi melhor explorado acima considerando cada bebê individualmente.

Uma demissão em especial foi marcante para mim, acredito que ela é bem ilustrativa para pensarmos sobre os pontos descritos. Esta se deu quando os bebês estavam com 9 meses e 21 dias, e apresentavam uma boa compreensão acerca do outro, deste limite eu/não-eu e podiam claramente distinguir as cuidadoras entre si, apresentando vínculos e preferências. A enfermeira que havia sido demitida tinha um papel importante para os bebês e para a própria equipe, sendo uma pessoa que se demonstrava empática às necessidades dos bebês, e o seu humor, sempre animado, contagiava a equipe. O ambiente que encontrei neste dia foi

atípico, percebi que os bebês e as babás estavam assimilando a ausência desta enfermeira. Os bebês dormiram bastante e as babás demonstraram alguns medos em relação ao vínculo com as crianças. A babá ‘escolhida’ de Joaquim me falou do receio de ser demitida “*de um dia para o outro*”, uma vez que a enfermeira demitida tinha um vínculo afetivo estreito com Lia, e isso não tinha sido suficiente para impedir sua demissão. Elas haviam percebido que não havia garantias acerca do tempo que seguiriam cuidando dos bebês.

Frente a esta incerteza, esta babá me falou que daquele momento em diante havia combinado com a sua colega que elas não poderiam mais ficar só com os bebês que eram mais próximos delas, que elas precisavam diversificar mais os cuidados de cada um deles entre elas, pois ela percebia que Lia, que era muito próxima da enfermeira demitida, estava sofrendo muito, então achava melhor que todos se acostumassem com todas cuidadoras para evitar futuros sofrimentos ainda maiores. Então, ela desabafou comigo: “*o mesmo bem que a gente faz quando estamos presentes, vamos fazer de mal desaparecendo de uma hora para outra*”. Esta babá percebia o quanto esta dinâmica de cuidados era prejudicial para os bebês, e como não tinha com quem falar, desabafou comigo. E depois, se questionou: “*como Gabriele pode confiar tanto em estranhos, às vezes a gente vai, desce com os bebês... tanta coisa poderia acontecer né*”. Neste momento, parece que esta babá questiona a capacidade de Gabriele em delegar a maternidade a estranhos. Estas questões vivenciadas e verbalizadas por esta babá podem ser melhor compreendidas através do seguinte esclarecimento de Aragão (2007b), em que a autora lembra que a relação cuidadora-bebê tem data marcada para terminar. Por esta razão, a cuidadora precisa investir nesta relação para depois perder, o que torna este envolvimento tão complexo.

Percebe-se que as babás também foram criando mecanismos para se defender da possibilidade de ruptura destas relações, o que possivelmente criava um ambiente de insegurança. A avó paterna, em outra observação, também já havia me dito que percebia que os netos estavam escolhendo a quem iriam se vincular, e temia que eles sofressem com as eventuais demissões. Contudo, Gabriele parecia não considerar a questão do afeto quando tomava a decisão de demitir alguma funcionária. Assim como ela gerencia sua própria fábrica, parece que em casa reproduziu o ambiente organizacional, no qual quando algum funcionário não corresponde ao que é esperado, é imediatamente descartado.

Um outro ponto a considerar, é o aspecto da efetividade deste sistema de terceirização dos cuidados que Gabriele implementou, em que tudo que dizia respeito aos cuidados, como o banho, a vestimenta, a troca de fraldas e a alimentação era preparado e executado pelas cuidadoras. Fatalmente, esse sistema, por mais eficiente que fosse em termos de sua execução, trouxe algumas perdas para os bebês, além da perda óbvia e marcante de não estarem sendo cuidados e tocados pela própria mãe. Uma destas perdas se deu na amamentação dos bebês. Na entrevista realizada, Gabriele conta que não amamentou no seio os bebês primeiramente por eles terem ficado internados por cerca de três semanas, mas também pelo fato de serem três. Assim, desde que foram para casa eles foram amamentados por mamadeira. Nas ocasiões em que eu presenciei momentos de amamentação, percebia que praticamente não havia interação de olhares dos bebês com as cuidadoras, que frequentemente amamentavam os bebês enquanto faziam outras coisas ou conversavam entre si. Por esta razão, tive a percepção de que a passagem para a alimentação sólida realizada com colher foi um ganho para os bebês. Nestas situações, as cuidadoras precisavam levar o alimento a boca dos bebês e por este motivo o contato visual se tornou muito mais presente, uma vez que elas tinham que ter uma atenção maior ao dar o alimento.

Contudo, nem sempre os momentos de alimentação ocorriam de forma sintonizada com os bebês. Na oitava observação, ocorreu uma situação muito angustiante para mim enquanto observadora. Os bebês estavam experimentando uma papinha de fruta a cada dia e, naquela ocasião, a fruta escolhida era a banana. A enfermeira presente tinha uma característica técnica muito proeminente, não se demonstrando muito afetiva. Ela havia ensinado às babás que elas deviam dar a papinha da seguinte maneira: dar uma colherada para os bebês e em seguida colocar a chupeta na boca deles para que eles comecem a papinha, empurrando a fruta com o movimento de sucção causado pela chupeta. Acredito que sua ‘técnica’ veio da hipótese de que os bebês fariam uma associação ao ato da amamentação com a mamadeira, ao chuparem a chupeta com a papinha na boca.

Contudo, assistir a essa cena me trouxe um desconforto muito grande e uma sensação de invasão tremenda, onde parecia que não havia espaço para a degustação, para a descoberta dos sabores e da textura daquele alimento, assim como não havia um respeito do tempo de cada bebê de ficar com o alimento na boca, ou até de rejeitá-lo. Mesmo com demonstrações de rejeição dos bebês que

viravam o rostinho ou eventualmente fechavam as boquinhas, as cuidadoras seguiam com essa técnica até que Joaquim vomitou toda a papinha de uma única vez. Quando terminou, olhou para mim que estava de pé atrás da babá e sorriu. Depois desta cena, a enfermeira ‘autorizou’ a babá a não insistir mais e levá-lo ao banho. Esta cena ilustra os prejuízos que estes bebês tiveram ao serem cuidados, eventualmente, por pessoas que nem sempre estavam sintonizadas com eles. Certamente havia muitas funcionárias conectadas e sensíveis às suas necessidades, de forma que os bebês inclusive ‘escolhiam’ suas preferidas, contudo, infelizmente isso não era uma característica geral.

Um outro ponto relevante para ser considerado nesta reflexão diz respeito ao fato de que no caso acompanhado podemos pensar que os bebês estão sendo constituídos sob diversos olhares: da mãe, da avó paterna e das diversas cuidadoras. As cuidadoras interpretavam gestos dos bebês e davam sentido a muitas coisas, por exemplo, na sétima observação o *mmm* de Joaquim foi interpretado por elas como *mamãe*. Da mesma forma, elas faziam algumas projeções, assim como reproduziam e desenvolviam algumas projeções ‘propostas’ pela mãe e pela avó. Por exemplo, Joaquim sempre foi comparado por Gabriele e pela sua sogra com Alessandro, e as cuidadoras relatavam fatos que corroboravam essa comparação, contando, por exemplo, que assim como o pai Joaquim não gostava de repetir em duas refeições seguidas a mesma comida. Já Lia é vista como a continuação da mãe, a princesa da família, como foi visto anteriormente. Como Gabriele gosta de dançar, muitas vezes as babás colocavam músicas e dançavam com Lia (o que não faziam com os meninos) e falavam sobre o quanto ela era parecida com Gabriele. Fernando sempre foi comparado com seu avô paterno e uma das características realçadas pelas babás era a sua energia, que era relacionada a característica de que ele seria um menino festeiro e mulherengo, como o avô. Estes exemplos tornam mais palpável a sugestão de que os bebês também estavam sendo constituído através dos olhares e das falas das cuidadoras.

Uma outra característica deste ambiente é a forma como Gabriele acompanhava o desenvolvimento e o dia a dia dos filhos. Inúmeras vezes assisti a cenas em que as babás contavam para Gabriele como cada um dos bebês havia reagido quando experimentaram uma fruta nova, as expressões que fizeram e se haviam comido ou não. Também havia relatos de como havia sido o passeio no *playground* e os comentários dos vizinhos quando viam os trigêmeos. Interessante

que as cuidadoras participavam de um grupo no *whats app* de todas as cuidadoras do condomínio e combinavam entre elas encontros com outras crianças – o que demonstra que esta terceirização da maternidade possivelmente dentro desta realidade de classe média-alta/alta não é exclusividade de Gabriele, considerando as outras babás deste condomínio. Regina Lima (2014) também defende que na classe média alta/alta brasileira a presença da babá é uma constante. Lima destacou que em festas de aniversários é comum no lugar de nomes de pais das crianças estarem na lista de convidados os nomes das babás. Ocasionalmente Gabriele me mostrava vídeos dos bebês brincando que as babás haviam enviado para ela, o que nos conduz a inferir que possivelmente além dos bebês se constituírem por esses diversos olhares, Gabriele também estava conhecendo seus filhos através dos recortes que as cuidadoras realizavam.

4.3.2

(Des)Continuidades

O processo de constituição psíquica necessita de uma continuidade para acontecer. Myriam David (2012), ao falar do Instituto Loczy no texto *Pour une meilleure connaissance du bébé. Contributions de l'Institut Emmi-Pikler*, explica como neste orfanato os processos psíquicos primários se desenvolvem, apesar dos bebês não serem cuidados por suas mães e sim por cuidadoras. David enumera diversas condições essenciais para tanto: “*reconhecimento, respeito dos ritmos de vida das crianças, ajuda para que elas se constituam, respeito ao ritmo de desenvolvimento (...) Conhecer e levar em conta os gostos dos bebês, seus interesses, capacidades e dificuldades*” (Tradução livre da autora, David, p.41-42, 2012). Para tanto, além de um olhar sensível destas cuidadoras, existia uma continuidade entre as profissionais, de forma que as elas cuidavam sempre dos mesmos bebês, na medida do possível. Dessa forma, tornava-se possível que elas tivessem o conhecimento sobre o ritmo, interesses, preferências, etc, dos bebês.

Podemos pensar que o fato dos bebês permanecerem uma semana sem estarem em contato com as cuidadoras, lembrando que as equipes permaneciam e folgavam uma semana, poderia ser tempo suficiente para que eles sofressem acreditando que não as veriam mais, visto que o tempo subjetivo do bebê é diferente do adulto. Da mesma forma, a ausência de Gabriele, que retornou

precocemente ao trabalho e que realizou duas viagens quando os bebês ainda eram muito pequenos, também pode ter sido um fator determinante na constituição psíquica de seus filhos. Neste sentido, resta apostar em elementos que trouxessem uma continuidade a este contexto. Como dito anteriormente, em relação a Gabriele podemos pensar que o fato dela se apresentar sempre da mesma forma afetiva aos filhos, se disponibilizando da mesma maneira pode se configurar um fio de continuidade. Presenciei alguns momentos em que um dos bebês estava em sofrimento e sempre que Gabriele estava presente ela não delegava o acalento do sofrimento às cuidadoras. Assim, Gabriele parece ter desenvolvido um modo de presença seu, o que talvez tenha possibilitado que os bebês pudessem prever seu comportamento, sabendo o que podiam ou não esperar dela.

Em relação às cuidadoras, evidentemente cada uma delas é um ser humano único, e sua marca estará presente na forma como executa os cuidados e se relaciona com cada bebê. Szanto-Feder fala no prefácio do livro *Lóczy: un nouveau paradigme? L'Institut Pikler dans un miroir à facetes multiplex* (2012): “Pikler estava convencida de que é humanamente impossível para um adulto amar da mesma forma todas as crianças que lhe forem confiadas ao longo de sua vida profissional” (Tradução livre da autora). Perante esta afirmação, podemos pensar que, inevitavelmente, os bebês ficam suscetíveis a estas mudanças que estão além das técnicas, que passam pelos afetos. Considerando estes aspectos, nos resta procurar elementos deste ambiente que disponibilizassem alguma constância para que os bebês conseguissem desenvolver um fio condutor que os auxiliassem na associação das cuidadoras entre si e que possibilitasse que eles sentissem aquele ambiente como seguro e acolhedor.

Natacha Kukucka-Bizos, em seu texto *Lóczy: un mode de soin thérapeutique* (2012), aborda justamente a importância da continuação para os bebês. A autora afirma que a separação não é traumática em si. O que se revela traumático é justamente a ausência de meios colocados à disposição da criança que tragam esta constância, ou a eventual incapacidade da criança de utilizar estes meios que se revela é traumática.

Entre os elementos que poderiam trazer esta continuidade, primeiramente, podemos pensar no ambiente propriamente dito. Os bebês permaneciam sempre no mesmo ambiente físico: o quarto, a sala de estar e a mesa aonde eles realizavam as refeições nas suas cadeirinhas. Eles sempre tomavam banho e eram

vestidos no mesmo local. Outro fator a ser destacado diz respeito às cores de referência de cada bebê que poderiam ajudar como organizadores: tudo que referia-se a Joaquim era azul, já as coisas de Fernando eram verdes e as de Lia, rosa. Além disso, existia uma rotina de afazeres bem definidas, com horários para as refeições estabelecidos: o banho sempre seguia ao almoço, que seguia um horário de dormir, que seguia um lanche e assim por diante.

Um outro elemento de continuidade seria a própria vestimenta branca das funcionárias, assim como o ato de cuidar realizado por todas. Considerando o fato de que elas estavam sempre em três, muitas vezes eu percebia que uma vigiava a outra, de forma que se mantinha uma responsividade constante. Eventualmente, era possível inclusive perceber uma competição entre elas. Liane Silveira (2015) em seu estudos percebeu que as atitudes intempestivas de alguma babá em especial surpreendia as demais, que a partir de tal constatação demonstravam suas dúvidas em relação àquela profissional e faziam avaliações, o que corrobora a hipótese de que as babás acabam por vigiarem umas às outras.

Neste ponto, entramos no fato de que os bebês tinham suas cuidadoras preferidas em ambas equipes, o que eventualmente era desfeito com algumas demissões como já explicado. Estas preferências tornaram-se mais evidentes no segundo semestre de vida dos bebês, inclusive sendo verbalizadas pela avó paterna que, quando percebeu estes vínculos, me comentou que não daria mais para Gabriele ficar trocando de funcionárias, porque os bebês já estavam reconhecendo as cuidadoras. Nesta fala da avó me parece que todos que estão ao redor dos bebês reconheciam esta questão, mas talvez não vissem oportunidade de comunicar à Gabriele e então o faziam para mim.

Pode-se também inferir que a própria presença dos irmãos poderia se configurar como um elemento constante, afinal eles estavam sempre juntos. Além disso, torna-se importante apresentar um outro funcionário que trabalhava em horário comercial e por esta razão estava presente diariamente na vida dos bebês, o motorista da família. Uma pessoa de confiança de Gabriele que já trabalhava com ela há muitos anos. Na entrevista final, ela inclusive me disse que ele e as empregadas domésticas eram seus olhos quando ela não estava em casa.

O que faz deste motorista uma figura de referência, além da sua constância, é a afetividade presente na forma com que ele sempre tratou os bebês. Em todas as ocasiões nas quais ele aparecia, ele sempre se dirigia aos bebês de

forma íntima e afetuosa, brincando e conversando com eles. Eventualmente, Gabriele me enviava fotos dos bebês pelo celular, em uma delas o motorista aparece sorrindo ao fundo, como se estivesse brincando com os bebês.

A presença do universo masculino era uma questão constante para mim ao longo das minhas observações. Durante todo processo, eu vi Alessandro, o pai dos bebês, apenas duas vezes e de forma muito breve, e em ambas ocasiões ele não estava no cômodo com os bebês e também não foi se despedir dos filhos. Por esta razão, me questionava qual era o contato que as crianças tinham com o universo masculino. Na 9^a observação, presenciei uma cena de Gabriele fazendo uma reunião com um rapaz que iria fazer um trabalho na casa de reforma da sala. Nesta ocasião, ele conversava com Gabriele que estava com Joaquim no colo, e Joaquim olhava hipnotizado para este homem. Em um dado momento desta observação, este rapaz se afasta e algo acontece que Joaquim começa a chorar. Gabriele tenta consolá-lo, mas não adianta. Nesse momento o homem ressurgiu na sala e fala algo para Gabriele, Joaquim imediatamente pára de chorar e volta seu rosto para ele. O rapaz, Gabriele e eu começamos a rir da situação, e Gabriele diz que Joaquim tinha gostado dele, e este rapaz começa a conversar com Joaquim e conta que tem um filho um pouco maior que Joaquim. Frente a esta cena, me pergunto se o que interessou Joaquim foi a voz masculina, que parece ser pouco presente em sua vida. Contudo, acredito que o motorista traz algo do universo masculino para os bebês, assim como uma continuidade para este ambiente, se tornando assim uma figura fundamental neste contexto.

Apesar de eu não ter evidências da presença do pai na vida dos bebês, não é possível saber como é a interação dele com os bebês quando está em casa à noite ou aos finais de semana. Ainda que esta interação não seja muito frequente, imagino que ainda assim ele esteja muito presente no discurso de Gabriele, das cuidadoras e da sua própria mãe, avó dos bebês, o que vem a garantir sua importância no psiquismo das crianças. Tive esta confirmação na observação que fiz quando as crianças estavam com dois anos de idade, presenciei, em momentos distintos, Joaquim e Fernando questionarem onde estava o pai naquele momento, recebendo a resposta de que ele estava trabalhando.

Bem, se Alessandro não estava presente nas observações que realizei, sua mãe, em contrapartida, estava muito presente. Maria, a avó paterna das crianças, foi uma figura presente ao longo das observações. Ela sempre teve dias fixos para

estar com os bebês, de forma que ficava com eles alguns dias por semana, demonstrando-se assim uma figura essencial que proporcionava uma constância em meio a um ambiente que sofria tantas metamorfoses.

Esta avó surge nesse caso como o modelo de mãe que deve ser negado, visto que na entrevista final Gabriele afirma que seu marido não admira sua mãe por ela ter se dedicado aos filhos e ao lar. No discurso do marido, Gabriele parece encontrar conforto por não ter tido uma mãe assim, visto que ser uma mãe presente não era motivo de orgulho. Além disso, essa fala parece confirmar que priorizar o trabalho é necessário.

Contudo, essa avó paterna é reconhecida como alguém que pode cuidar dos bebês, inclusive nos casos em que Gabriele viaja com Alessandro. Sua presença constante inclusive altera todo o ambiente, visto que ela orienta diretamente as cuidadoras. Inicialmente, tive uma impressão que sua presença era recebida com tensão pelas cuidadoras, pois suas opiniões eram colocadas de forma direta e muitas vezes desagradava algumas delas. Lembro-me de uma ocasião que ela dizia para uma babá em especial que ‘ser babá’ era uma profissão que exigia não apenas comprometimento, mas o prazer, que elas deviam gostar do que estavam fazendo, e depois ela me comentou que percebia que aquela babá não estava satisfeita de estar ali e acabava fazendo as coisas com má vontade.

Em algumas circunstâncias eu sentia as ordens dela de forma muito prática e pouco empática, quando, por exemplo, ela deu a orientação às babás de que não pegassem as crianças no colo para elas não se acostumarem. Nessa ocasião lembro-me que fiquei muito angustiada, pois os bebês ainda eram pequenos e muitas vezes o choro só era consolado com o acolhimento do colo de uma das cuidadoras. Contudo, apesar desse seu lado fui percebendo que conforme o tempo passava aquelas cuidadoras que permaneciam trabalhando lá estavam ficando mais à vontade com Maria, como se elas tivessem se acostumado com o seu jeito. Na 17^a observação, a última que estive com a avó paterna, a observação ocorreu na sua casa, pois Gabriele estava pintando o apartamento e tinha pedido para os bebês passarem o dia na casa de Maria. Percebi o quanto Maria estava mais à vontade em seu ambiente, assim como as babás também pareciam estar e os bebês estavam brincando e pareciam muito tranquilos e, da mesma forma, eu me percebi descontraída. Sua casa trazia um contexto familiar, com jeito de lar, com uma

característica mais intimista, em contraste a casa de Gabriele que parece muito com uma casa de revista de decoração.

Como disse, este foi um dia que os bebês brincaram muito e por isso eu pude observar a brincadeira de esconde esconde, em que eles se escondiam atrás das mãos ou de algum brinquedo. As babás estavam mais dispostas a se emprestar a estas brincadeiras, não estando tão presas aos diversos horários e compromissos (aulas, passeios, etc). A partir desta observação, percebo que talvez Maria ficasse mais crítica na casa da nora, 4 ela parecia observar muito o ambiente, e esse aspecto crítico não apareceu em sua casa. Neste dia ela estava tão à vontade que inclusive veio até mim para me mostrar e perguntar o que eu achava de um vestido que ela usaria em um evento que teria naquela noite.

A presença desta avó traz transmissões de situações passadas aos bebês, pertencentes à história dela. Em uma observação ela adverte as babás que não deixassem os bebês segurarem paninhos. Lembro-me que eu fiquei pensando que eles poderiam estar querendo começar a desenvolver uma relação de objeto transicional com estes paninhos, que estaria sendo impedida. Contudo, logo que ela deu essa orientação ela me contou que tinha muito medo dos panos pois na sua família um bebê já havia morrido asfixiado com um pano, de forma que eu pude compreender o peso que tinha para ela ver seus netos agarrados em paninhos.

O mandato geracional, conforme Lebovici sugeriu (1998), também está fortemente relacionado aos dois netos meninos de Maria. Joaquim é sempre comparado com o seu filho, tanto em relação aos aspectos físicos, quanto de temperamento. Assim como Gabriele, Maria reforça este discurso e por este motivo, desde muito cedo, ela nunca escondeu sua predileção por Joaquim, sempre estando com ele em seu colo ou mais perto de si. Por outro lado, Fernando leva o nome do seu ex marido, sendo esta uma homenagem para o avô paterno. Da mesma forma que ocorre com Joaquim, o discurso familiar levanta as possíveis semelhanças de Fernando com o avô paterno. Por este motivo, Maria já havia demonstrado certa rejeição em relação a este seu neto, como já foi mencionado anteriormente. Assim, é possível perceber a força que as projeções feitas sobre os bebês vão recaindo sobre as relações estabelecidas com eles, assim como as expectativas atribuídas.

Com base no que foi apresentado nesta seção da análise do caso, é possível acreditar que apesar de o ambiente neste caso se configurar muito atípico, ainda

assim podemos encontrar aspectos que atuem como um fio condutor de uma continuação para os bebês. A seguir, será apresentada uma seção que traz uma reflexão acerca da minha presença enquanto observadora neste ambiente.

4.4

A experiência da observação: as repercussões da minha presença

Como já foi explicado previamente, o Método de Observação de Bebês Esther Bick tem alguns princípios norteadores. Um deles defende a importância de que o observador vá para o campo de observação sem teorias prévias, permitindo-se ser surpreendido pelo que lá irá encontrar. Partindo desta orientação Didier Houzel (2008) propõe uma reflexão acerca técnica utilizada na clínica psicanalítica nomeada *atenção flutuante*, propondo-a para este contexto, de forma que o observador não se atenha seletivamente ao que irá observar. Houzel propõe o termo *atenção inconsciente* para descrever uma receptividade psíquica que passam pelos cinco sentidos do observador, que buscará se conectar não apenas ao que é dito, mas também aos silêncios, às mímicas, às tensões, aos comportamentos que presencia. Houzel defende que o observador deve ser capaz de perceber as mensagens implícitas e, para tanto, é preciso tolerar estados mentais que muitas vezes são difíceis de suportar devido ao sentimento contratransferencial despertado no observador.

Bernard Golse (2012b) também transcorre sobre a importância do observador suspender seus saberes para poder de fato observar. Golse propõe uma analogia ao que ocorre na clínica, propondo que em ambos contextos primeiramente é preciso observar, para que em um segundo momento seja construída uma teoria do que foi visto na prática, a partir da qual nós podemos então retornar aos fatos para confirmar ou inferir a teoria que está ali se constituindo. Sem dúvida esta abstenção do saber exige um esforço consciente do observador, pois inevitavelmente as teorias nos acompanham, provenientes da nossa prática clínica, dos nossos estudos e até mesmo das nossas apostas pessoais quanto a determinada questão.

Ciente dos atravessamentos que me permeavam, fui logo no início do processo surpreendida por um ambiente completamente inusitado, *inimaginado* por mim - e esta surpresa me auxiliou a suspender os meus saberes e achismos

acerca do que eu, de certa forma, imaginava que iria encontrar. Diante de uma terceirização dos cuidados de três bebês, fui surpreendida por um contexto em que esta mulher, Gabriele, aparentemente vivenciava com muita praticidade a maternidade trigemelar. Ainda que eu tentasse não ter expectativas, confesso que imaginava encontrar uma mãe muito atribulada, desarrumada, cansada, envolvida com os cuidados dos seus três bebês, recebendo auxílios para isso, talvez da sua própria mãe. Interessante perceber que eu fui percebendo minhas expectativas justamente na medida que elas não se concretizavam.

Neste ponto, torna-se de fundamental importância a atitude de nos deixarmos surpreender através da observação, para de fato ver as diversas possibilidades em que a maternidade ocorre. A respeito do reconhecimento desta postura enquanto uma atitude, Prat e Szanto-Feder (2012, p.94) sugerem que: *“uma atitude de respeito, de não intrusividade, de suspensão dos nossos próprios julgamentos e dos nossos atos para deixar que venha o tempo do outro, que se instala em nós”* (Tradução livre da autora). Resguardando o respeito pela experiência desta mãe, Prat e Szanto-Feder (2012) não descartam a possibilidade de que haja intervenções por parte do observador em forma de comentários, de forma que este assuma uma postura mais ativa, cuidando para não se tornar intrusivo. Assim, estes autores defendem que o observador pode ajudar a mãe a **ver** seu bebê real, ajudando-a a melhor compreendê-lo.

Dentro desta compreensão de respeito, Watillon-Naveau (2008) transcorre sobre como as mães utilizam o olhar do observador neste momento que naturalmente estão sendo demasiadamente exigidas. Para a autora, elas esperam um olhar compreensivo, aguardam por palavras reconfortantes e por um apoio. Um olhar que não julgue suas atitudes, mas que as conforte. Watillon-Naveau defende que mesmo que o observador não interfira diretamente, a sua presença, a sua escuta atenta e o seu olhar compreensivo trazem este apoio. Esta autora também aponta um fenômeno interessante, que comumente ocorre nas observações de bebês, onde muitas vezes as mães se demonstram preocupadas em não ter nada interessante para mostrar o observador. Com o tempo, o olhar cuidadoso do observador pode despertar nessa mãe a compreensão de que tem muito para se ver ali. Contudo, parece que as mães tem uma grande dificuldade de compreenderem que elas também fazem parte deste processo. Segundo Watillon-Naveau, as mães parecem não registrar que a observação se atém à relação delas

com bebês e às suas interações e, muitas vezes, preenchem as observações com relatos dos seus bebês.

O caso acompanhado por mim revelou suas peculiaridades. Uma delas dizia respeito ao próprio ato de observação: eu não era a única que observava, através das câmeras espalhadas pela casa Gabriele também observava a mim, e ao ambiente. Em algumas ocasiões nas quais ela não estava presente nas observações, depois que eu me ausentava da sua casa eu recebia mensagens ou telefonemas seus, o que mostrava que ela estava acompanhando minha observação, ou melhor, estava observando-a. Assim, Gabriele podia manter o seu controle sobre o ambiente.

Contudo, a sua atitude de me procurar após o término destas observações em que ela estava ausente fisicamente também demonstrava que, de certa forma, ela estava se relacionando comigo como fazia com seus bebês – ou seja, virtualmente, através de uma distância segura. Algumas vezes este contato vinha com uma demanda de escuta, onde ela queria saber as minhas impressões dos bebês e do contexto, como se eu fosse uma extensão do seu olhar – nossas observações se somavam. Em outras ocasiões, sua procura denotava um carinho de Gabriele por mim, onde ela marcava que as minhas idas eram importantes, como se me dissesse que apesar da sua ausência física ela não estava negligenciando minha presença, exatamente o que ela fazia com os bebês quando viajava ou ia trabalhar, situações em que ela busca se demonstrar presente através de telefonemas para as cuidadoras, nos quais, eventualmente, pedia para ver os bebês pela câmera do celular. Eu pude perceber que, em algumas ocasiões, entre uma observação e outra eu recebia de Gabriele fotos e vídeos dos bebês, onde parece que ela procurava manter um vínculo mais constante comigo, principalmente após as observações que ela não havia me encontrado pessoalmente.

Pude compreender a relevância que a observação representava na 13^a observação, que ocorreu logo após o feriado de Carnaval. Nesta ocasião, quando eu entrei em contato com Gabriele para agendar a observação eu comentei com ela que gostaria muito de vê-la se fosse possível – visto que era muito comum eu agendar com Gabriele e ela não estar presente. Após este meu pedido, na observação seguinte ela não apenas estava presente, como estava de fato presente

interagindo com os bebês e fez questão de me passar um “relatório” de todos, falando como via cada um deles.

Uma peculiaridade deste caso diz respeito ao ambiente que rodeava os bebês. Eu enquanto observadora parecia ser mais uma profissional em meio a um ambiente em que circulavam tantos outros profissionais. Rapidamente, recebi uma nomeação: “*a psicóloga dos bebês*” – conforme Gabriele me apresentava aos demais. Aos poucos Gabriele foi compreendendo que o meu lugar ali era diferente dos demais profissionais. Minha presença e atenção orientadas constantemente para ela e seus três bebês trouxe um olhar de acolhimento, mas também de indagação pelo que ali se passava, olhar que aparentemente Gabriele não tinha nem de sua mãe, nem do seu marido. Aos poucos, Gabriele passou não apenas a compartilhar as conquistas dos seus filhos comigo, mas também as suas preocupações e dividir algumas de suas angústias. Ela dividia as evoluções e as suas preocupações acerca dos seus bebês. Nas observações que Gabriele estava presente, ela fazia questão de passar um breve relatório acerca de como cada bebê estava. Ainda que isso tenha se dado ao longo do ano em que as observações ocorriam quinzenalmente, foram nas duas observações posteriores que esta questão se tornou mais evidente.

Na observação que eu realizei após o Natal, quando os bebês estavam com 1 ano e 7 meses, Gabriele organizou a observação de tal forma que ela conseguisse ficar a sós comigo por um tempo. Para ela que é uma pessoa muito atarefada, este ato de ter separado dez minutos de conversa para me falar dos filhos demonstrou a relevância que ela estava colocando para aquele momento. Nesta ocasião, ela me falou dos três filhos, mas destacou sua preocupação acerca da linguagem de Joaquim, que, na ocasião, ainda não falava nenhuma palavra, ao contrário dos irmãos. Gabriele então me contou que estava preocupada e por isso procurou pelo médico, que havia lhe tranquilizado dizendo que estava tudo bem. Depois de demonstrar sua preocupação, ela me falou que Joaquim era o mais bonito dos três, como que buscando suavizar o que acabava de me contar.

Aos dois anos de vida das crianças, a mesma situação se repetiu. No final da observação, quando eu disse a ela que precisava ir embora, Gabriele me acompanhou e novamente me falou do quanto estava preocupada com Joaquim. Nesse momento, ela me falou sobre sua linguagem, contudo, desta vez estava evidente que sua preocupação ia além deste ponto, perpassando pela questão

emocional. Nesta ocasião, eu acabei me posicionando de forma sutil, comentei que havia visto uma evolução muito grande desde minha última observação (que havia sido cerca de cinco meses antes), que talvez pudesse ter se dado em função da entrada de Joaquim na escolinha. Contudo, disse que percebia que tinha algo da natureza de Joaquim que era diferente dos irmãos, neste sentido comentei que Joaquim parecia ser mais introspectivo e que talvez por esta razão ainda não sentia a mesma necessidade que os irmãos de se comunicar. Gabriele então me disse que o médico havia dito isso a ela e que lhe havia falado que como ela tinha uma ‘amostra’ de três crianças em casa, era impossível não comparar e que eventualmente em diferentes questões uns estariam melhores que os outros.

Em supervisão, discutiu-se sobre a importância de eu me colocar à disposição de Gabriele para conversarmos sobre Joaquim, e de eu me disponibilizar para ir até a escolinha caso ela assim o desejasse. Esta atitude ocorreria devido a uma preocupação crescente que eu estava em relação à Joaquim, e à decorrente importância de ele receber um estímulo individual, o que poderia ser feito por Gabriele e na escola. A partir deste entendimento, me coloquei à disposição de Gabriele, que me agradeceu, mas disse que após sua última reunião na escolinha estava mais tranquila acerca de Joaquim e que não seria necessário. Esta situação demonstra o lugar terapêutico que pode ser atribuído à observação. Gabriele pareceu desenvolver um vínculo de confiança em mim, que pode ter trazido acolhimento acerca de questões que a preocupavam.

Este vínculo também se fez presente quando o término das observações se aproximou. Nas quatro últimas observações, que se deram em um momento desenvolvimental que os bebês estavam florescendo muito, Gabriele não esteve presente. Pude compreender em supervisão que possivelmente ela reproduziu comigo um medo de rejeição e, dessa forma, antecipou o ‘abandono’ que aconteceria quando os bebês completassem um ano, de forma que ela tornou-se ativa no processo da despedida e se distanciou antes que a observação terminasse.

Em contrapartida, quando eu perguntei a ela por telefone se ela aceitaria fazer uma entrevista para fecharmos o trabalho, quando os bebês estavam com um ano de idade, ela aceitou prontamente e pareceu usar este momento para fazer um encerramento oficial. Nesta ocasião, Gabriele tirou fotos comigo e os bebês e me apresentou oficialmente ao seu marido como a psicóloga dos bebês. Nesta entrevista, novamente ela demonstrou sua necessidade de não perder o controle da

situação e iniciou a entrevista por mim, como se pode ver neste trecho: “*Então tá Fernanda, vamos lá. As babás desceram um pouquinho com os bebês, mas logo mais eles devem estar aí*”. Quando posteriormente eu entrei em contato para ver os bebês, nas observações de 17 e 24 meses de vida deles, ela prontamente aceitou e se organizou para me receber.

Interessante também destacar um comportamento de Gabriele de muitas vezes me ‘oferecer’ um dos seus bebês. Através de gestos como o de me oferecer para pegar uma das crianças no colo, ou para dar a comidinha para um deles aconteceram em mais de um momento ao longo das observações. Parecia que Gabriele queria que eu aproveitasse seus bebês um pouco, como se fosse um agrado dela comigo, em que ela compartilhava o lado bom dos bebês e da maternidade.

Partindo destas considerações, é possível perceber que meu lugar enquanto observadora se demonstrou relevante para Gabriele. Contudo, não foi apenas ela que foi tocada pela minha presença constante. Os bebês também percebiam a minha presença e regiam a ela, cada um da sua maneira. Joaquim ao longo das observações do primeiro ano de vida sempre teve uma postura sedutora, me chamando com seu olhar para interagir com ele. Fernando permanecia com um olhar investigador, demonstrando que me percebia como uma pessoa distinta naquele contexto, permeado por tantas pessoas que o cuidavam. Além de eu não estar de branco, eu não exercia cuidados sobre eles, parecendo, assim, que ele se questionava sobre o meu lugar ali. Lia, por sua vez, reagia à minha presença de forma mais neutra, algumas vezes me convidava para interagir com ela, mas sempre manteve a atenção principal nas demais cuidadoras e na sua mãe, como se entendesse justamente que eu não poderia dar a ela o que as demais davam. Da mesma forma, parecia que Lia reafirmava o vínculo que ela tinha com a mãe e com as babás de referência, de forma que quando alguma delas estava presente, Lia dirigia seu interesse a pessoa que estava vinculada.

Através destas observações, é possível perceber as singularidades da forma como cada um dos bebês reagiram à minha presença constante. Anna Tardos (2012) fala sobre a sensibilidade do bebê e sobre a sua capacidade de compreender as pessoas que o cercam, entendendo inclusive seus diferentes lugares subjetivos que ocupam. Tardos (2012, p.104) afirma: “*o bebê é sensível*

ao olhar da pessoa que está próxima, mesmo que ela se abstenha de intervir diretamente nas suas atividades” (Tradução livre da autora).

O meu lugar enquanto observadora também parece ter tocado as demais pessoas que estavam presentes no ambiente que cercava estes bebês. Em algumas observações, as cuidadoras e a avó paterna dos bebês me confidenciaram sentimentos e pensamentos e, em outras ocasiões, também me questionaram acerca de algumas coisas, a espera de respostas. Muitas destas confissões e destes questionamentos estavam relacionados ao contexto de cuidado dos bebês, a algumas decisões de Gabriele e também a questões relacionadas ao desenvolvimento dos bebês. Maria, a avó dos bebês, me questionou algumas vezes acerca da prematuridade dos bebês e do que eu achava sobre o desenvolvimento dos mesmos. Percebo que para Maria, eu, enquanto psicóloga, poderia trazer alguma contribuição mais ‘técnica’ acerca do que se passava com seus netos. Já as cuidadoras faziam mais uso da minha presença enquanto ouvinte, em alguns momentos disseram para mim o que não poderia ser dito para Gabriele, falas que muitas vezes giravam entorno da rotatividade das profissionais e do quanto a mesma poderia ser prejudicial para os bebês.

Pelas questões levantadas nesta seção de análise do caso, é possível perceber que enquanto observadora pude me emprestar para algumas projeções, acolhendo angústias não apenas de Gabriele, mas de outras pessoas que estavam em torno dos bebês. Dessa forma, penso que a observação de bebês se torna muito proveitosa, pois além de ser um instrumento de pesquisa rico para o pesquisador, contribuí através de um contexto terapêutico e acolhedor para aqueles que participam de uma pesquisa como esta.

Neste ponto, chegamos, então, ao término das apresentações das análises de dados do caso acompanhado. A seguir, será apresentada uma discussão que buscará sintetizar os principais pontos abordados.

5

DISCUSSÃO

Como apresentado no método deste trabalho, o Estudo de Caso revela-se um delineamento de pesquisa rico para o aprofundamento do caso em si e, eventualmente, do fenômeno em questão. Partindo desta consideração, a discussão desta tese será dividida em dois eixos. O primeiro se deterá no caso apresentado, onde serão sintetizados os principais pontos abordados nas análises do mesmo, buscando uma integração destes. Posteriormente, o segundo eixo buscará refletir acerca de possíveis hipóteses teóricas que surgiram a partir do mergulho profundo que a experiência de acompanhar este caso proporcionou. Devido à sua complexidade, este segundo eixo abordará quatro reflexões: a respeito da maternidade (tri)gemelar, das repercussões da submissão às TRA sobre a experiência de tornar-se mãe, a terceirização dos cuidados dos bebês e, por fim, serão apresentadas algumas considerações acerca do Método Bick.

5.1

Acerca do Caso Apresentado

Após a apresentação da análise realizada deste caso, podemos sintetizar considerações relevantes do mesmo em relação à experiência de maternidade vivenciada por Gabriele e também sobre o desenvolvimento emocional e subjetivo dos seus três filhos. Primeiramente, vejamos o que pode ser levantado a respeito da experiência de maternidade de Gabriele, que parece estar completamente conectada à sua construção do papel materno, que por sua vez está relacionado à sua própria mãe. Na entrevista realizada, eu a questioneei sobre sua experiência de maternidade, e ela respondeu esta questão falando que o seu modelo materno era a sua mãe. Importante mencionar que eu não havia lhe feito esta pergunta.

Outro ponto que se destaca é que seu modelo materno não apenas influencia a forma como ela vivencia a maternidade, mas também como ele atravessa a própria experiência da maternidade. Como já discutido anteriormente, em sua fala é possível perceber que o discurso do seu marido complementa o de

sua mãe em relação ao papel materno. Contudo, é como se fosse mais longe do que isso: parece que o discurso de Alessandro a consola por ter tido a mãe que teve, trazendo uma reafirmação de que sua mãe fez bem por ser uma mulher e não apenas uma mãe, como é possível observar neste trecho: “*ela (a mãe) sempre foi muito envolvida. Assim, então eu cresci com ela trabalhando, indo para reuniões, e isso hoje faz eu olhar para ela e ter orgulho dela*”. Podemos compreender que se hoje ela olha para a mãe com orgulho, possivelmente antes, quando era uma criança, ela sofria pela sua ausência. Esta sua fala me remeteu à nona observação, que ocorreu às vésperas do Natal, quando os bebês estavam com seis meses de vida e Gabriele estava indo para sua primeira viagem com Alessandro após o nascimento dos filhos. Nesta observação, ela havia me contado que quem ficaria com os bebês seria sua sogra e quando eu acabei lhe questionando, impulsivamente, “*e a sua mãe?*”, Gabriele me respondeu da seguinte forma: “*são amores diferentes*”. Por muito tempo eu fiquei me questionando acerca do que Gabriele estava me dizendo com aquela frase.

Koniceckis (2004) defende que, para se criar um nó traumático, não basta ter uma situação traumática isolada, ela precisa se repetir, ter certa constância. No caso de Gabriele, é possível imaginar que sua experiência enquanto filha de sua mãe, que ocorre através de um certo distanciamento que lhe parece traumático, é uma experiência que é constante até hoje, visto que durante todo o período que acompanhei a família eu nunca vim a conhecer a mãe de Gabriele pessoalmente.

Gabriele teve um trabalho psíquico intenso para conseguir fazer uma amarração que sustentasse sua mãe em um lugar ideal, de admiração, um lugar que não pode desmoronar. Isso porque sem esse ideal que foi construído possivelmente Gabriele ficaria sem a sua referência primordial, mas mais do que isso, ficaria sem a justificativa que trouxe uma compreensão da possível rejeição que sentiu no passado com a ausência da sua mãe. Na entrevista, Gabriele me fala que sua mãe teria lhe dito que estava com depressão, e então ela me fala que sua mãe é muito ativa, que ela devia estar exausta e não depressiva. Assim, Gabriele não dá espaço para que uma fragilidade de sua mãe apareça, ela nega a possibilidade da mãe estar deprimida, pois possivelmente seria muito difícil ver seu ideal materno desmoronar. Quanto a mãe de Gabriele, podemos pensar em uma hipótese muito pretenciosa, pois eu nunca a vi pessoalmente. Contudo, apenas como uma possibilidade de compreensão poderíamos imaginar que talvez

ela possa estar entrando em um estado depressivo neste momento em que sua filha se tornou mãe, pois talvez todas as suas escolhas possam estar sendo revistas. É importante lembrar que a mãe de Gabriele vê pouco os netos, de forma que poderíamos pensar que ela evita conviver com este contexto.

A sustentação do ideal materno construído por Gabriele está diretamente relacionada ao lugar que o trabalho ocupa na maternidade. No trecho: “*então, se tu me perguntar se eu tenho culpa de trabalhar eu vou te dizer que não, nenhuma Fernanda*”. Primeiramente, é importante destacar que a questão não mencionava nada a respeito de como ela se sentia por trabalhar. A partir desta sua fala, seria possível supor que sua afirmação de não sentir culpa surge como uma defesa, uma vez que se Gabriele assumisse o sentimento de culpa ela estaria, na realidade, assumindo que também culpava sua mãe pelos momentos que ela não estava lá.

É possível ter um entendimento de que Gabriele busca acreditar que não é imprescindível aos filhos, assim como busca se convencer que a ausência da sua mãe não a machucou tanto. Na entrevista, Gabriele me contava de um acidente de bicicleta que ela havia sofrido na semana anterior e, então, ela me disse que pedia a Deus que se algo tivesse que acontecer, que fosse com ela e não com os bebês. Nesta sua fala emerge o seu narcisismo, uma vez que ela demonstra não querer se deparar com a dor de que algo aconteça com os bebês, mas não percebe a dor que eles sentiriam se eles a perdessem. Neste sentido, ela não se percebe como uma figura indispensável e parece não pensar na falta que ela faria para eles.

Ainda que ela saiba o quanto sofreu com a ausência de sua mãe, é como se ela negasse essa falta. E mais uma vez, o lugar idealizado de sua mãe fica intacto. Aragão (2016) propõe que a forma como a mãe se faz ausente/presente para os filhos está interligada à dinâmica da ambivalência materna em relação à criança e que esta ambivalência seria herdeira das relações da mãe com os seus primeiros objetos, ou seja, sua própria mãe. Gabriele se torna um exemplo desta proposição teórica de Aragão. Sua ambivalência materna, que tem sua origem na sua relação filial com sua própria mãe, interfere na forma como ela se faz presente com os seus bebês. Era possível sentir contratransferencialmente que existia um desejo de Gabriele estar mais intensamente presente, mas se ela assim o fizesse e viesse a se distinguir radicalmente da sua mãe, o ideal materno que ela havia construído desabaria e a dor que Gabriele sentira nos primórdios de sua vida seria revivida.

Frente a estas constatações, destaco o grande paradoxo presente neste caso: a presença/ausência de Gabriele perante os bebês, a relação marcada por uma distância física com os filhos, mas envolta de empatia. Ao entender a relação estabelecida com sua própria mãe, começa a ser revelada a compreensão deste paradoxo. Na entrevista, foi possível capturar a importância que o trabalho tem para toda sua família nuclear de Gabriele. A empresa que Gabriele trabalha é dela, de sua mãe e de seu irmão, de forma que lá é o lugar em que sua família encontra sua liga, onde o encontro da sua família de origem acontece. Trabalhar para Gabriele neste contexto de maternidade parece não apenas como um lugar de sustentação do lugar de idealização de sua mãe, mas também a garantia de estar perto dela e de seu irmão. Possivelmente está também é uma das razões que fez com que ela mantivesse a ligação com o trabalho mesmo quando os bebês ainda eram muito pequenos, pois ali está esse vínculo familiar. Esta é a herança dada em vida pela sua mãe, é o que ela pôde dar para seus filhos: a empresa conjunta. Assim, parece que sua mãe exerceu a maternidade através da empresa em comum. A partir destes apontamentos, fica mais fácil compreender o paradoxo que Gabriele vive. O ambiente empresarial encontra o calor materno, talvez por isso Gabriele tenha reproduzido em casa este contexto e criado uma “microempresa”, em que ela controla por câmera o que ocorre em sua família, vigia e demite as funcionárias como faria em sua empresa.

Em meio a este emaranhado, onde trabalho, família e afeto se encontram, parece que Gabriele encontrou o marido ideal. Alessandro também é um empresário que trabalha na empresa da sua família que foi criada pelo seu pai, assim, ambos vivenciam um funcionamento familiar que é transpassado pelo trabalho. Neste contexto, uma complementação perfeita ocorre: Gabriele trabalha com sua mãe em uma empresa *matriarcal* e Alessandro trabalha com seu pai em uma empresa, portanto, *patriarcal*.

Além disso, neste casamento Gabriele encontra a figura masculina que ela não teve, pois, se a mãe de Gabriele não se fazia muito presente, seu pai parece ter sido ausente efetivamente. Neste sentido, os aspectos comuns de Gabriele e Alessandro não se restringem ao mundo do trabalho: ambos parecem compartilhar da mesma experiência traumática - a separação dos pais. Como Gabriele deixa bem claro nesta entrevista, ela fará de tudo para não repetir esta história, e Alessandro também. Ele, por sua vez, havia se submetido a uma vasectomia para

não repetir a história de seu pai, que lhe trouxe tanto sofrimento, ao ter tido um filho em cada casamento. Contudo, ele acaba por superá-lo, visto que através da reprodução assistida veio a ter mais três filhos com sua segunda esposa, Gabriele. Ambos parecem estar submetidos a um processo de repetição narcísica, uma vez que acreditam que seus filhos, se submetidos ao que eles haviam vivido, sofreriam da mesma forma, o que demonstra que não conseguem imaginar que para um outro indivíduo esta experiência poderia ser elaborada de forma distinta. Assim a dor, o sofrimento infantil não elaborado e o medo de repetir uma história conjugal infeliz estão por traz do que ligou afetivamente este casal, que juntos, cuidam das suas feridas. Como Freud bem identificou (1914/2010), os pais partem da premissa narcísica de que seus filhos não poderão sofrer o que eles haviam sofrido, além disso, seus filhos realizarão o que não foi realizado por eles.

Apesar de eu ter visto Alessandro apenas duas vezes muito brevemente, partindo do que Gabriele conta do seu marido é possível deduzir que, assim como Gabriele carrega aspectos conflituosos com seu modelo materno, ele também carrega com o seu modelo paterno. Seu pai, um herói que construiu uma das maiores empresas do Brasil, da qual Alessandro hoje é presidente, é homenageado por Alessandro ao ter seu nome transmitido a um dos netos, Fernando. Contudo, todo esforço que Alessandro faz para não repetir a história paterna, concretizado no procedimento de vasectomia, mostra o quanto ele recrimina a forma como seu pai conduziu sua vida amorosa e pessoal. Através deste procedimento, Alessandro marca no seu corpo sua recusa de repetir a história paterna, num ato que podemos supor que não isenta a culpabilização expressa através de uma autocastração.

Eiguer (2011) propõe uma diferença entre os conceitos de culpa e responsabilidade, que pode ser útil para compreender um pouco os movimentos de Alessandro. Eiguer explica que diferentemente da culpa, a noção de responsabilidade é fundadora de um eixo essencial de ética, que se inscreve no processo de transmissão. O autor explica que quando o sujeito se sente responsável por ter feito mal a alguém, ele se sente responsável por esta pessoa e pelas consequências deste ato, e, por isso, tentará lhe ajudar a superar. Parece que frente ao sofrimento que Alessandro sentiu com o fato do seu pai ter tido outros casamentos e filhos, através do procedimento de vasectomia Alessandro procura evitar repetir esse dano com seus descendentes. Contudo, ele acaba por repetir e até mesmo superar a história parental, de forma que a reparação possível desta

situação, visto que teve filhos com duas mulheres, possivelmente será se portar de forma diferente do seu pai perante seus filhos e sua esposa, sendo um pai presente e um marido fiel. Gabriele, por sua vez, quer reparar sua história infantil, pela qual ela não teve responsabilidades, sofreu passivamente. Sua chance de repará-la será através dos seus filhos, se responsabilizando pelo possível sofrimento a que eles viriam a ser submetidos no caso de separação dos pais. Assim, Gabriele não medirá esforços para manter seu casamento. Dessa forma, ambos parecem se encontrar em meio aos seus fantasmas de culpa e responsabilidade, desejando manter um casamento correto e duradouro.

Gabriele então escolhe um marido que será diferente do seu pai, buscando trazer uma realidade diferente para os seus filhos. Ela diz com todas as letras que não teve família, seu pai estava ausente e sua mãe de certa forma também, e que por isso ela sabe bem o que é crescer sem família, e que por isso ela prioriza o casamento justamente para que os filhos cresçam com os pais juntos e presentes.

Fica evidente a importância que Gabriele atribui ao fato que seus filhos tenham uma família estruturada, na medida que ela não teve isso e sofreu muito com esta falta. Ela assumi que quer se diferenciar da maternidade que por outro lado ela copia: ela quer ser uma mãe diferente da sua e dar para a sua família uma outra realidade. A dor que Gabriele sentiu em sua infância possivelmente foi muito marcante a ponto de ela verbalizar que seus esforços para manter um casamento feliz estão acima de tudo, pois ela não quer tirar de seus filhos o que lhe foi tirado, demonstrando que ela sabe bem a falta que está presente em sua infância. Contudo, apesar do seu desejo de fazer diferente, ela ainda parece estar colada a este modelo materno, o que ainda é reforçado pela fala do seu marido, que afirma não admirar sua mãe por ela ter sido dona de casa.

Palacio Espasa (2000) pode nos auxiliar a compreender esse movimento paradoxal de Gabriele. O autor transcorreu sobre a existência de projeções conflituosas sobre a criança que são derivadas do narcisismo infantil parental e delegadas à criança, através de uma imposição de que ela a adote. Podemos imaginar que a mãe de Gabriele tenha imposto a ela esse lugar fálico do feminino e da maternidade, que acabou por lhe causar tanto sofrimento quando criança, mas que Gabriele acaba por adotar, ainda que buscando marcar diferenças.

Com base nestes apontamentos, parece que Gabriele não associa o sofrimento que verbaliza ter vivenciado como filha de sua mãe, uma mãe ausente

que privilegiou sua carreira aos filhos, ao imaginário que Gabriele construiu sobre sua mãe, em que Gabriele a idealiza não apenas como mulher, mas o faz inclusive enquanto mãe, demonstrando um paradoxo que poderia ser bem compreendido através do processo de clivagem. Alberto Konicheckis (2001) nos auxilia a compreender este processo, ao nos relembrar que na apresentação do romance familiar realizada por Freud, ele havia destacado a importância da idealização dos pais pela criança, que se identifica com estas idealizações. Konicheckis complementa: *“o destino perfeito, maravilhoso e magnífico que a criança supõe aos seus pais romantizados será também o seu. Este projeto, esta projeção, na sua versão positiva, (...) pode trazer ao eu um sentimento de segurança e manutenção”*. (Tradução livre da autora, Konicheckis, p.147-148, 2001) Assim, Konicheckis explica que, justamente pelo fato de a idealização só encontrar os aspectos bons dos pais, ela se revela um terreno propício para o desenvolvimento dos processos de clivagem e de negação. Então, o autor afirma que:

“se a idealização pode confortar o sentimento de uma certa continuidade de existir, ela pode deixar igualmente aparecer todo um lado patológico, assim como outros aspectos paradoxais da filiação como aqueles que nós podemos encontrar em particular em certas crianças mal tratadas. De fato, frequentemente estas crianças se apresentam como as maiores defensoras dos seus pais. Elas acreditam que os compreendem melhor que qualquer um. Elas os justificam. Nos melhores casos estas crianças se sentem responsáveis pelos seus pais” (Tradução livre da autora, Konicheckis, 2001, p. 148).

Não há indícios que levem a crer que Gabriele tenha sido ativamente maltratada por sua mãe, contudo, possivelmente ela foi negligenciada, ou ao menos parece ter se sentido assim. Konicheckis (2001) explica que nos casos em que uma criança maltratada idealiza seus pais, ela não reflete apenas os desejos parentais projetados, como ocorre normalmente no processo de idealização. O autor afirma que nestes casos *“há a necessidade de confiar nos pais para sua própria sobrevivência”* (Tradução livre da autora, Konicheckis, p.149, 2001). É possível ver que a idealização que Gabriele faz de sua mãe garante sua sobrevivência psíquica. Possivelmente aceitar, conscientemente, o sentimento de rejeição que ela demonstra ter sentido seria insuportável para Gabriele.

E esta questão infantil de Gabriele atravessa o seu processo de subjetivação e, conseqüentemente, sua experiência da maternidade. Konicheckis (2001, p.154) propõe que os fantasmas das cenas primitivas se referem a certas

origens e explica que estes fantasmas: “*favorizam igualmente os processos de subjetivação a partir do momento onde eles propõem as respostas às questões como: qual mulher, qual homem, eu vou me tornar?*” (Tradução livre da autora). No caso de Gabriele, a mulher que ela se tornaria está diretamente ligada a sua vivência da maternidade, uma vez que ser mãe era uma condição a qual ela não abria mão. Assim, parece que sua grande questão era: *que mãe eu vou me tornar?* A resposta a esta pergunta se demonstrou uma construção paradoxal onde a introjeção e a repulsa deste modelo materno estão simultaneamente presentes.

Como já visto anteriormente, esta construção paradoxal de Gabriele se encontra bem ilustrada no momento em que ela afirma que trabalhava muito, mas nem de perto como sua mãe havia trabalhado quando ela era pequena. Ou seja, ela marca sua diferença em relação à sua mãe. Simultaneamente, justifica sua distância pelas mesmas razões que ela justificou a distância da sua mãe: pelo orgulho que ela diz sentir da sua mãe e que ela espera que os filhos sintam dela.

Partindo das considerações apresentadas, parece que a idealização construída por Gabriele de um modelo materno admirável pelo seu aspecto empresarial está servindo para ativamente esconder a falta vivenciada por Gabriele na sua infância. Fica, então, a sensação de que a qualquer momento se ela mover um palitinho dessa estrutura que ela construiu, com os seus aparatos de defesa psíquica, tudo pode vir abaixo. Por esta razão, suponho que ela não pode permitir que sua mãe se mostre frágil, como foi demonstrado anteriormente na fala de Gabriele quando ela nega a possibilidade de a mãe estar deprimida. A partir destas reflexões, surge o seguinte questionamento: será que Joaquim seria esse palitinho que pode desmoronar com toda estrutura?

Na entrevista realizada, sempre que eu fazia uma questão relacionada aos bebês, Gabriele iniciava a resposta falando de Joaquim, demonstrando que na época da entrevista ela já estava muito sensível às questões emocionais do filho. Ela parecia fazer uma separação em sua fala, em que Joaquim estaria de um lado e Fernando e Lia de outro. Depois da última observação quando as crianças estavam com dois anos de idade, eu havia me colocado à disposição de Gabriele caso ela precisasse de alguma ajuda em relação a Joaquim. Ela agradeceu, mas não aceitou, o que pode nos levar a pensar que talvez ela tenha uma dificuldade de aceitar ajuda em relação a Joaquim, talvez isso seria consentir que suas dificuldades emocionais existem. Além disso, reconhecer as questões do filho a

levaria, conseqüentemente, a reconhecer que seu marido também as tem, uma vez que ela sempre fala da sensibilidade de Joaquim comparando-o ao seu marido e vice versa. Assim, mexer com uma questão poderia vir a mobilizar a outra, tendo em vista que Joaquim é relacionado ao pai por características que denotam fragilidade, assim como a dificuldade de lidar com frustrações. Reconhecer isso poderia levar a um problema em seu casamento, o que ela deseja evitar.

Tendo em vista estas considerações, pode-se inferir que a união de Gabriele e Alessandro parece ter trazido alguma elaboração do complexo de Édipo vivenciado por ambos, uma vez que Gabriele escolheu um homem diferente do seu pai e Alessandro escolheu uma mulher diferente da sua mãe. Talvez esta seja a razão pela qual Gabriele não possa reconhecer a fragilidade emocional de Joaquim como um problema – e, conseqüentemente, a de Alessandro: pois seu pai era uma figura frágil, e ela precisa se diferenciar e se distanciar daquela vivência. Assim, ambos lutam para desenvolver uma transmissão da diferença para seus filhos que possibilite que eles enquanto pais possam vivenciar uma verdadeira subjetivação no processo de parentalidade, onde ocorra a apropriação do que lhes foi transmitido. Através deste processo, com criatividade seria possível encontrar um jeito próprio de ser mãe-mulher/pai-homem e então transmití-lo aos filhos.

Apesar destes movimentos presentes em Alessandro e Gabriele, ainda assim é possível supor que, aparentemente, eles estejam vivenciando a experiência da parentalidade de formas distintas. Alessandro consegue assumir que não quer repetir a história do seu pai enquanto pai, ainda que o admire no mundo dos negócios. Parece que ele consegue integrar na figura de seu pai ambos aspectos, demonstrando que, de certa forma, ele está conseguindo lidar com a figura fantasmática do seu pai e transformá-la em algo mais real. Para Gabriele, essa integração parece ser mais delicada. Ainda que ela reconheça o quanto sofreu como filha da sua mãe e verbalize os esforços que faz para ser uma mãe e esposa diferente dela, ainda assim ela coloca sua mãe como fonte de inspiração para o seu modelo materno e feminino, e a sustenta em um lugar de admiração. Como mencionado, parece que ela vivencia um processo de clivagem em relação a figura materna, que deixa a sua construção subjetiva enquanto mulher e mãe fragilizada.

Para que o sujeito possa ver e conceber outras formas de ser pai/mãe que não as vivenciadas na sua infância, é preciso que haja uma separação em relação às suas figuras parentais. Palacio Espasa (2000) nos auxilia a entender esta

necessidade, quando explica que o conflito que a parentalidade traz aos novos pais/mães depende da elaboração que o sujeito realizou dos seus diferentes lutos infantis. Para o autor, quando estes lutos são bem elaborados, a parentalidade se torna uma fase do desenvolvimento do ser humano, que permite uma reedição corrigida e aumentada das relações paterno-filiais conflituais durante seu passado infantil. Contudo, Palacio Espasa explica que quando o sentimento de perda dos pais é dificilmente reconhecido, o sujeito engajará os seus filhos no seu processo de modificação fantasmática. Assim, serão construídas armaduras, às quais Manzano, Palacio Espasa e Zilkha (1999/2007) nomearam de cenários narcísicos da parentalidade. Parece que Gabriele está passando pelo processo de maternidade desta forma, principalmente quando delega à sua única filha, Lia, a incumbência de dar sequência a figura feminina fálica de seu histórico familiar.

Através desse modelo materno de uma mãe fálica que tinha mais poder que seu pai, podemos encontrar uma transmissão intergeracional da mãe de Gabriele para ela mesma que, com a chegada de sua filha mulher, segue sendo transmitida. Olhando da perspectiva de Lia, parece que estamos diante de uma transmissão de natureza transgeracional e intergeracional simultaneamente, visto que passa da avó para neta, mas da própria mãe para Lia. Este mandato vem com o peso de que Lia deve ser a mais forte dos três meninos, como Gabriele me disse algumas vezes “*ela vai mandar nos irmãos*”. Apelidada de *pimentinha* pela mãe por ter uma personalidade forte e saber o que quer, de fato Lia sempre reivindicou a presença materna não se contentando com o cenário que estava dado.

Konicheckis nos auxilia na compreensão da transmissão familiar que ocorre neste caso. Konicheckis (2008, p.108) explica que as insuficiências elaborativas vivenciadas pela família provocam restos que passam de uma geração à outra: “*a criança pode ser chamada para simbolizar e qualificar as experiências que as gerações precedentes não conseguiram. (...) Esta junção grupal se estala sobre diversas gerações ao risco de fazer desaparecer a diferença entre elas*” (Tradução livre da autora). Assim, as mulheres parecem se igualar através desta transmissão: todas precisarão ser fortes e fálicas.

Konicheckis (2004) retoma a ideia freudiana de que os pais idealizariam seus filhos para explicar que esta idealização responde às próprias necessidades narcísicas dos pais. Segundo o autor: “*os pais esperam, verdadeiramente, que sua criança salve e alivie a família de todos seus males. Assim, por uma espécie de*

retorno, a criança se torna o pai idealizado que guardará e protegerá seus próprios pais.” (Tradução livre da autora, Konicheckis, 2001, p. 149). A partir desta afirmação, surge o questionamento acerca do que realmente salvaria os pais (e seus filhos herdeiros destes mandatos geracionais) dos seus próprios fantasmas: a renúncia ou a repetição? Renunciando ou repetindo, o fundamental seria que o sujeito se apropriasse do que lhe é transmitido para encontrar um sentido próprio.

Acredito que o grande conflito de Gabriele é buscar se diferenciar da sua mãe, dando aos seus filhos uma experiência distinta da que ela vivenciou, contudo, não consegue contar uma outra história pois no fundo teme descobrir que é possível fazer diferente e que sua mãe não o fez. Da mesma forma, esta confusão atinge Alessandro. Como mencionado anteriormente, ele marca em seu próprio corpo seu desejo de fazer diferente e dar aos seus filhos uma história diferente da sua. Contudo, no fim acaba repetindo a história do pai, ainda que em um contexto diferente, de forma que acaba tendo até mais filhos que o pai teve, com duas mulheres diferentes. Além disso, a repetição se perpetua através do discurso familiar que atribui a Fernando a continuação deste avô paterno.

Fernando é o neto que recebeu o nome do avô paterno. A avó paterna de Fernando, mãe de Alessandro e a primeira mulher de seu pai, não escondia a não predileção que alimentava por este neto. Além disso, sua natureza constitucional diferente da dos irmãos, visto que Fernando era mais alerta e disposto que Joaquim e Lia, logo foi interpretada pelo meio familiar e, conseqüentemente, propagada pelas cuidadoras através do mandato que aparecia na seguinte fala: *“esse aí vai ser mulherengo”*. Afirmação que surgia em comparação a Joaquim, que segundo elas seria um menino romântico que sofreria pelas namoradas. No caso de Fernando, parece que estamos diante de uma transmissão puramente transgeracional, que é passada do avô paterno para o neto através da confrontação intergeracional, que reproduz essa sentença.

Por fim, Joaquim, o terceiro bebê gêmeo deste casal parece vivenciar um mandato puramente intergeracional. Desde cedo, ele sempre foi muito comparado com o seu pai, Alessandro, por todos. A avó paterna, mãe de Alessandro, estava sempre com Joaquim no colo, não escondia sua predileção pelo neto que ela explicitamente dizia que era muito parecido com seu filho. Gabriele também falava que seu filho a olhava com um olhar apaixonado *“como seu pai”* e, assim como Alessandro, Joaquim era muito carente. Por estas características e pela

atribuição de que ele era apaixonado pela mãe, emergiu no discurso familiar que foi propagado pelas cuidadoras a ideia de que ele, ao contrário do irmão, seria um menino romântico “*de uma namorada só*”.

Tendo em vista estas considerações, é possível perceber que neste caso estamos diante de uma transmissão inter/transgeracional fragmentada, onde cada um dos irmãos trigêmeos são alvos de projeções e identificações familiares distintas. Devido ao fato destas transmissões serem diferentes para cada um deles, a individualidade de cada um acaba sendo protegida visto que é reconhecida, ainda que através dos olhares das transmissões psíquicas. Para Konicheckis (2008), a afiliação não se estabelece de uma maneira natural: “*ela é também o resultado de um processo complexo que chega a determinar o lugar de cada um na sucessão das gerações*” (Tradução livre da autora, Konicheckis, p.7, 2008). Neste caso de afiliação, o reconhecimento das individualidades está se dando em meio às transmissões geracionais e suas projeções. Contudo, não podemos saber como cada uma destas crianças se apropriará do que está sendo depositado.

Ainda em relação à transmissão psíquica, podemos levantar a hipótese de que neste caso ocorre uma transmissão de gênero, onde o que é ser homem e ser mulher, assim como o masculino e o feminino são transmitidos. Em relação à transmissão do feminino, perante a dificuldade de Gabriele de elaborar as questões relacionadas à sua mãe e aos primórdios da sua infância, o modelo materno de uma mulher fálica acaba sendo perpetuado para sua única filha mulher. Parece que nesta família ainda não há espaço para um feminino frágil, a menos que Lia, ao se apropriar desta história, consiga inaugurar este lugar.

Quanto à transmissão do masculino, podemos pensá-la a partir de dois lugares: ser homem afetivamente e ser homem no mundo dos negócios. O modelo transmitido em relação a como ser homem profissionalmente está relacionado a muito poder. Neste ponto, torna-se relevante lembrar que o pai de Gabriele precisou ser sustentado pela sua mãe nos primeiros anos da separação - e esta é a única notícia que eu tenho deste homem. Já Alessandro, homem escolhido por Gabriele, sustenta o poder passado pelo seu pai: o pai criou uma das maiores empresas brasileiras e, agora, seu filho Alessandro é o presente da mesma, desempenhando com sucesso esta função. Não resta dúvidas de que este legado empresarial poderoso é transmitido tanto para Joaquim quanto para Fernando.

Já em relação à transmissão do masculino no universo das relações afetivas, parece que esta transmissão está fragmentada em duas vias possíveis. Recapitulando brevemente a história de Alessandro, vejamos o que Eiguer (2011) descreve como sendo a parte maldita do legado. Segundo o autor, a parte maldita do legado leva o descendente a imitar os mal feitos dos ascendentes, até para buscar uma compreensão e poder dar ao ato repudiado uma dimensão mais digna. Alessandro parece ser capaz de admirar seu pai em relação ao seu papel empresarial, fazendo uma distinção do que é e não é admirável e integrando estes aspectos. Entretanto, sua admiração acabou por gerar uma homenagem ao seu pai, com a nomeação de um dos seus filhos com o seu nome. Este ato acaba por propagar, de certa forma, no meio familiar a transmissão transgeracional para seu filho Fernando, a quem um mandato de repetição de ser um homem nos relacionamentos afetivos como seu avô paterno lhe foi atribuído. Assim, Fernando recebe a parte maldita do legado de como ser homem nesta família.

Em contrapartida, Joaquim parece vir ratificar a capacidade de Alessandro ter escrito uma nova história, o esforço de Alessandro em poder transmitir algo diferente do que havia vivido, a sua apropriação da sua história, que ele acabou por repetir, mas a escreve de outra forma – ao seu um homem correto, fiel e presente na família. Assim, a Joaquim é transmitido o mandato de ser um homem nas suas relações afetivas como seu próprio pai, mas o superando também, indo mais além e conseguindo fazer o que seu pai mesmo através da vasectomia não conseguiu: ser homem de uma mulher só.

Para finalizar esta primeira seção da discussão, será retomada e sintetizada a análise realizada a respeito de como cada uma das crianças demonstra estar vivenciando o processo de subjetivação e o processo de desenvolvimento emocional. Neste ponto, torna-se interessante destacar as características constitucionais de cada bebê, onde desde o início a natureza humana aparece destacando profundas diferenças entre eles. Além disso, como visto, cada bebê é associado a um familiar: Joaquim-pai, Fernando-avô paterno, Lia-mãe/avó materna. Estas projeções e características inatas devem influenciar a forma como cada um se relacionou com a presença e a ausência de Gabriele.

Gabriele foi uma mãe que esteve pouco presente em termos quantitativos, mas em contrapartida quando estava lá era empática e afetiva com seus bebês. Neste ponto, retomo a afirmação de Konicheckis (2008) de que “*a identidade dos*

objetos se revela pela continuidade das suas qualidades sensoriais” (Tradução livre da autora, p.238). Ou seja, o fato de Gabriele sempre se apresentar da mesma forma e disponibilidade emocional aos bebês os auxilia no desenvolvimento da sua representação. Contudo, Konicheckis (2008) alerta para o fato de que nos bebês os aspectos quantitativos das pulsões predominam sobre os qualitativos, visto que, segundo o autor, o bebê seria mais sensível aos aspectos quantitativos do que qualitativos das experiências. Neste sentido, podemos pensar que principalmente durante as duas viagens que Gabriele realizou ao longo do primeiro ano de vida dos bebês, estão as principais marcas de sofrimento dos seus filhos, possivelmente as mais difíceis de serem reparadas.

Tendo em vista estas considerações, vejamos primeiramente a evolução de Joaquim. Até que ponto quando Gabriele se ausentou na primeira viagem, quando Joaquim estava com cinco meses de vida, esta ausência não foi por ele vivenciada como uma destruição do seu *self* em construção? Retomamos, então, às considerações de Aragão (2016) acerca da distinção entre os processos de diferenciação e separação. A autora explica que a diferenciação é um prelúdio da separação, seria a partir desta constatação que o bebê se perceberá como um ser separado deste objeto, de forma que esta descoberta torna-se natural. Podemos, então, deduzir que esta descoberta não se deu naturalmente para Joaquim, configurando-se traumática como sugere Quinodoz (1991).

Pensando no desenvolvimento da linguagem e, no caso de Joaquim, no atraso da mesma, vejamos o que Aragão (2016) explica acerca das diferenças dos processos de simbolização que ocorrem na presença e na ausência materna. Segundo a autora, na presença materna ocorre o processo de simbolização primária e na ausência a simbolização secundária se desenvolve a partir dos traços mnêmicos, que transformam a memória da presença materna em representação mental. A ligação verbal permite transformar as redes afetivas, e estas redes transformam a representação coisa em palavra, de forma que sua constituição aparece como processo fundamental da integração psíquica da criança. A representação e a linguagem verbal se estruturam sobre dois princípios distintos: representação através da separação, e a linguagem verbal através da ligação, ou seja, é preciso ligar pois já está separado. Assim, Aragão demonstra que a criança que fala já vivenciou o processo de separação, pois precisa se comunicar porque entende que é um ser separado, há a constatação da distância intersubjetiva.

Joaquim parece relutar frente à percepção da diferenciação eu/outro, o que pôde ser constatado através de alguns pontos. Primeiramente, destaca-se a sua assimilação tardia de alimentos sólidos, em que a diferenciação eu/não-eu tornava-se evidente, assim como o desenvolvimento tardio de sua linguagem, uma vez que para surgir a necessidade de comunicação, é importante o bebê compreender que o outro é um não-eu, de forma que ele precisa se comunicar para expressar seus desejos e necessidades. Parece que quando esta diferenciação se torna inevitavelmente reconhecida, com as ausências prolongadas de Gabriele durante as viagens, Joaquim então parece desinvesti-la, passando sua referência primordial para a babá que ele havia elegido. Observo que Joaquim interage pouco nas atividades em grupo e tem um tempo próprio para se comunicar, fazendo apenas quando o deseja. Ao final deste processo, encerro meu acompanhamento muito preocupada com Joaquim, não descartando inclusive uma hipótese do desenvolvimento de um quadro depressivo que faz com que ele fique fechado dentro de si mesmo, apresentando dificuldades de integração com o meio.

Passamos, então, ao desenvolvimento de Lia que, desde o início, parece reivindicar a presença materna. Sua constituição inata parece não se contentar com o que está dado. Lia parece ter alcançado a percepção da diferenciação eu/outro, processo vivenciado de forma muito dolorosa por Lia ao reconhecer-se como um ser distinto da mãe e não poder tê-la da forma como necessitava junto a ela. Frente a estas considerações, penso que Lia apresentou uma conquista desenvolvimental importante, primeiramente devido ao fato de que seu sofrimento mostrava seu reconhecimento da alteridade, mas também suponho que a forma como ela reagia à situação que estava dada, reivindicando pela presença materna, mostra uma capacidade de persistência egóica. No final deste acompanhamento, é perceptível que suas reações buscavam ativamente uma integração. Percebo que em um primeiro momento tive uma leitura equivocada de Lia, visto que eu me preocupava muito com o fato de ela não conseguir dormir à noite. Posteriormente, compreendi que esta foi a saída que Lia desenvolveu para encontrar um ritmo de um contato estável com o outro. Já Joaquim, que inicialmente parecia poder se consolar sozinho, conseguindo dormir facilmente, demonstrou em um segundo momento ser o bebê deste caso que apresenta maiores complicações. A defesa de Joaquim a este contexto através do sono mostrava desde cedo um funcionamento mais narcísico, apresentando menos aberturas de reconhecimento objetal.

Em relação à Fernando, acredito que ele demonstrou sofrer a angústia de separação quando se deparou com a diferenciação eu/outro. Como discutido, seu hábito de agarrar o cabelo da mãe e da sua babá preferida demonstrava o medo de ser deixado. Seu olhar atento, que me observava, parecia reconhecer atentamente não apenas a alteridade, mas também as diferentes pessoas que se apresentavam. Este olhar parecia guardar uma tensão de quem estava tentando entender um ambiente que se modificava constantemente, onde as figuras de referência precisavam estar presas pela mão para lhe darem confiança. Contudo, assim como Lia, Fernando parece ter se desenvolvido emocionalmente de forma a dar conta destas questões e estabelecer um relacionamento em que sua mãe seguia sendo a figura primordial, ainda que ambos tivessem as suas babás de referência também. Ambos demonstraram capacidade de se envolverem em atividades em grupo, reconhecendo os coleguinhas com facilidade e se engajando em brincadeiras coletivas facilmente, não apresentando dificuldades na comunicação.

Neste ponto, torna-se relevante fazer uma observação em relação às babás de referência dos bebês. Lia e Fernando tinham como babás preferidas profissionais jovens, que desenvolveram com eles relações leves e lúdicas, ao contrário da babá de referência de Joaquim que apresentava um humor deprimido. Podemos pensar que estas diferenças podem ter contribuído de alguma forma para Joaquim ter tido uma maior dificuldade de lidar com o afastamento materno.

Perante as questões apresentadas, encerro o entendimento deste caso com alguns questionamentos: quais serão os efeitos destas discontinuidades sofridas por estes bebês futuramente? O quanto estas vivências os influenciarão a forma como os mesmos vivenciarão suas relações afetivas? Podemos apostar que as diferenças individuais, assim como as diferenças estabelecidas nas relações com eles, perpassadas por transmissões geracionais distintas, trarão diferentes formas de lidar com a discontinuidade sofrida. Contudo, a forma como eles vivenciarão suas relações afetivas futuramente se torna uma incógnita, assim como a forma como cada um vai, ou não, se apropriar das transmissões psíquicas atribuídas.

5.2

Reflexões teóricas para além deste caso

5.2.1

Acerca da maternidade (tri)gemelar

Na revisão teórica desta tese, foi apresentada a seguinte hipótese quanto à relação desenvolvida por uma mulher que tenha concebido uma gravidez múltipla: haveria duas (ou mais) relações diádicas que ocorreriam simultaneamente, em paralelo. Assim, a relação estabelecida é individual com cada bebê, o que ocorreria graças à ritmicidade que envolve os cuidados e as interações da mãe com cada bebê, que possibilitariam ao lactente o desenvolvimento de uma capacidade de espera, atingida através da confiança desenvolvida pelo bebê de que a mãe voltará. Esta capacidade de espera permite que a mãe confie que seu bebê poderá esperar em tranquilidade e, assim, ela consegue se entregar à relação com seu outro bebê de forma total. Por esta razão, conforme foi explicado em artigo previamente publicado, o processo de subjetivação dos bebês gêmeos não sofreria prejuízos, uma vez que a mãe consiga estabelecer uma relação única e singular com cada um dos seus filhos (Ribeiro, Guimaraes & Zornig, 2016).

Contudo, a partir do caso apresentado neste trabalho, eu sugiro a seguinte hipótese para pensar a maternidade de gêmeos que vai além dos pontos discutidos em trabalho anterior (Ribeiro, Guimarães & Zornig, 2016). Considerando que a mãe desenvolva uma relação total e distinta com cada filho gêmeo, tendo em vista que ela estará vivenciando outras relações dessa mesma natureza simultaneamente, estas relações ainda que sejam distintas se constituirão de forma intermitente, pois ela construirá estes vínculos simultaneamente, vivenciando-os de forma alternada. Por este motivo, acredito que cada uma destas relações que está sendo constituída nasce, desde os primórdios, em comparação com a outra relação que também está sendo constituída simultaneamente, e essa comparação vai influenciando a constituição destas relações, conforme elas são vivenciadas.

Esta hipótese surgiu a partir da percepção de que no discurso de Gabriele a sua fala a respeito de um dos bebês sempre estava atrelada a um dos outros filhos, trazendo elementos de comparação, buscando através destes identificá-los pela diferença, ainda que houvesse momentos que nesses discursos as falas traziam,

por outro lado, associações, apontando similaridades entre os bebês. O fato a destacar é que normalmente seu discurso em relação a um dos bebês acabava, inevitavelmente, em outro filho.

As comparações entre os dois meninos eram feitas como se ambos fossem dois opostos. Joaquim era descrito como o gordinho, calmo, carente, aquele que era igual ao pai e que por isso seria romântico. Fernando era o magrinho, elétrico, cheio de energia e por isso seria mulherengo, como seu avô paterno. As comparações também vinham dos meninos em relação a irmã, aquela que colocará, futuramente, ordem na casa e mandará nos dois irmãos. Também havia no discurso de Gabriele uma separação entre Joaquim e seus dois irmãos, no que tange ao seu desenvolvimento e sua carência afetiva. Lia e Fernando seriam mais desenvolvidos, enquanto Joaquim ainda apresentava dificuldades. Assim, algumas comparações de ordem mais objetiva, outras de natureza mais subjetiva, vão sendo estabelecidas em comparação entre os gêmeos.

Outro ponto a ser destacado é que, ainda que a mulher estabeleça relações diádicas individuais com cada filho gêmeo, naturalmente há momentos em que as mães se envolvem em relações com todos os bebês enquanto grupo. Algumas vezes Gabriele usava o termo “*os bebês*” para falar deles enquanto conjunto. No caso apresentado, os momentos em que Gabriele interagia com os filhos de forma grupal apresentaram-se de forma frustrante, devido ao sentimento de incontinência que Gabriele parece carregar, como se não coubessem três bebês ao mesmo tempo. Este sentimento pôde ser observado em sua fala, já apresentada anteriormente, de que não é possível ter exclusividade com trigêmeos.

5.2.2

Tratamento de reprodução assistida e a experiência da maternidade

Em publicação prévia (Ribeiro 2012), eu havia chegado à conclusão de que mulheres que haviam se submetido a tratamentos para engravidar pareciam ter reprimido o sofrimento prévio para conseguir se entregar a maternidade e vivenciar toda demanda psíquica que essa experiência exige. No presente trabalho eu ratifico essa hipótese, tendo em vista que no discurso de Gabriele nos dois momentos que eu conversei com ela sobre seu tratamento, informalmente quando ela ainda estava grávida e, posteriormente, na entrevista realizada, ela afirma não

ter sofrido com o tratamento. É possível imaginar que Gabriele tenha sofrido neste processo, mas que seus aparatos psíquicos a fazem reprimir estas lembranças a fim de que ela possa encarar a maternidade com suas energias emocionais recarregadas. Por este motivo, acredito que esta seja uma saída saudável que aparentemente as mulheres que conceberam gestações através de tratamentos encontram para conseguirem se entregar à maternidade após tanto sofrimento.

Por fim, proponho uma reflexão acerca da terceirização de cuidados apresentada neste caso, como tendo sido uma saída decorrente da experiência prévia de tratamento vivenciada por Gabriele. Explicarei esta hipótese através das constatações de dois artigos brasileiros.

Braga e Amazonas (2006) investigaram a experiência da maternidade concebida através de TRA com seis mulheres que haviam se submetido a estes tratamentos. As autoras sugeriram que a dificuldade de engravidar tende a criar na mãe uma supervalorização do seu filho ainda no período gestacional, visto que mesmo antes de conceber um bebê a vida destas mulheres já estaria girando em torno desta concepção. Este histórico levaria a mãe a não se sentir segura para carregar esta criança, tendo uma necessidade maior de apoio, duvidando, muitas vezes, de seu próprio entendimento sobre o bebê. As autoras também sugerem que a intensa disciplina que estas mulheres tiveram que apresentar para conseguir engravidar através destes tratamentos desencadeia um sentimento de insegurança quanto às suas capacidades maternas, já que estavam sempre rodeadas de especialistas que lhes prescreviam o que deviam, ou não, fazer.

Na direção destas reflexões, aponta o estudo de Dornelles e Lopes (2011), que também estudou a maternidade em meio ao contexto de TRA. As autoras concluíram que esta experiência de gestação e maternidade estaria perpassada pelo receio constante de perder o bebê, assim como a presença de sentimentos de incapacidade de levar a gestação a termo. As autoras sugeriram que neste contexto a prematuridade torna real a possibilidade, tão temida, de perda do filho.

A partir desta constatação, lembramos que Gabriele teve uma possibilidade de perda real de um dos bebês, quando Fernando se sufocou com o leite e foi reanimado por uma enfermeira, precisando retornar à UTI. A partir deste fato, ela impôs a necessidade de uma profissional com esta especialidade, de forma que a presença de uma enfermeira trouxe segurança para Gabriele, demonstrando-se fundamental para ela. Aparentemente, nos confrontamos com

uma deslegitimação de Gabriele em relação aos seus próprios conhecimentos enquanto mãe. Como foi discutido anteriormente, acredito a construção do papel materno de Gabriele foi atravessada por inúmeras questões, muito atreladas principalmente a sua experiência enquanto filha, que perpassaram sua construção materna. Contudo, este dado serviria como algo complementar, que poderia ter sido a “cereja do bolo” para esta deslegitimação do seu saber materno.

Por estas razões, acredito ser imprescindível, como já havia apontado em trabalho prévio (Ribeiro, 2012), que as clínicas que realizam estes tratamentos ofereçam apoio psicológico. Este apoio se faz necessário, primeiramente, para que estas mulheres possam aprender a lidar com as suas inseguranças, já naturais na maternidade, mas ainda mais intensificadas naquelas que precisaram se submeter a estes procedimentos, que desencadeiam um sofrimento narcísico importante. Um outro ponto a ser trabalhado seria ajudar a mulher a confiar, nos casos de mulheres que engravidassem de gêmeos (o que é bem comum após a realização de tratamentos), em sua capacidade materna de se relacionar individualmente com cada filho, assim como trabalhar com o imaginário destas mulheres para ajudá-las a desenvolver bebês imaginários distintos desde a gestação.

5.2.3

Terceirização de cuidados

Através da revisão de literatura apresentada, foi possível perceber que entre a classe média-alta e alta brasileira se tornou uma realidade usual a terceirização dos cuidados dos bebês. As observações do cotidiano de bairros frequentados por famílias destas esferas sociais também apontam para este fato e mostram que ele não está restrito a constatações acadêmicas: mães segurando sacolas de lojas nos shopping e as babás com os seus filhos no colo ou no carrinho são uma cena bizarramente comum.

A partir da exposição deste caso, que possui diversos atravessamentos particulares detalhadamente expostos neste trabalho, foi possível compreender melhor como esta realidade funciona. Considerando a entrada da mulher no mercado de trabalho, torna-se uma consequência natural a delegação dos cuidados necessitados dos filhos à outrem. Cuidadoras, avós e creches certamente se fazem necessárias na realidade contemporânea. Entretanto, o que está sendo questionado

a fim de gerar uma reflexão é a terceirização dos cuidados que ocorre inclusive na presença destas mulheres, fenômeno que ainda merece ser muito investigado, uma vez que parece que será neste contexto que muitas subjetividades da próxima geração estão se desenvolvendo.

Assim, acredito que outros estudos acerca deste contexto de cuidado podem ser enriquecedores para que sejam pensadas as relações que estão sendo estabelecidas entre os bebês e suas mães, assim como possíveis atravessamentos sobre a constituição psíquica destas crianças. Como pesquisadora, sugiro que no contexto brasileiro está surgindo uma nova forma de experienciar a maternidade que foi construída através de um formato socialmente aceito. Formato este que parece resguardar um distanciamento que não está relacionado à escolha de ter uma babá para cuidar dos seus filhos, mas sim ao uso que muitas mães acabam fazendo deste cuidado.

5.2.4

Método Esther Bick de observação de bebês como método de pesquisa: algumas considerações

Para finalizar a discussão deste trabalho, é importante destacar a utilização do Método Bick como instrumento de pesquisa. Extensivamente utilizado para o aprendizado e aprimoramento de psicanalistas em formação, este método vem sendo utilizado para realizar pesquisas qualitativas na área da psicanálise, conforme foi apresentado anteriormente. Assim, defendo a utilização deste método no meio acadêmico, uma vez que acredito que o mesmo se demonstra uma ferramenta para aqueles que desejam se aprofundar em um Estudo de Caso. Para Fédida (1992), o objetivo do estudo de caso é propiciar ao clínico a possibilidade de produzir um escrito que evidencie problemáticas a partir de uma vivência pessoal. Assim, torna-se de fundamental importância compreender o caso acompanhado na sua individualidade, para que então o mesmo possa também levar a contribuições teóricas que possa superá-lo.

Neste sentido, o Método Bick demonstrou-se extremamente rico para a investigação qualitativa, possibilitando que fosse colocada uma lupa no caso acompanhado, buscando capturar todas minúcias existentes. A observação contínua proporcionou o estabelecimento de uma relação transferencial, onde

muitos elementos emergem, assim como ocorre em um tratamento analítico. A presença constante torna-se continente desta experiência tão profunda e arrebatadora que é lidar com a maternidade e com o contato do primitivo que convoca aqueles que cuidam de um bebê. Para os pesquisadores, poder fazer parte deste processo permite ter acesso aos elementos do caso pelo seu lado de dentro, através dos sentimentos despertados. Certamente a entrevista se demonstra muito relevante para complementar as percepções capturadas ao longo das observações e fazer emergir, através das palavras, muitos fatos sutilmente constatados. Acredito que devido ao vínculo estabelecido com Gabriele através das observações, a entrevista foi muito mais profunda e rica do que teria sido caso eu tivesse a conhecido naquele momento apenas para entrevistá-la, como muitas vezes ocorre em pesquisas qualitativas. Devido a estas considerações, acredito que esta complementariedade formada pela observação de bebês e pela realização de uma entrevista, revelou-se um método rico para investigações qualitativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, gostaria de destacar alguns aspectos. Primeiramente, acredito ser pertinente relatar as potencialidades que o delineamento de estudo de caso único apresentou, na medida que este permitiu que o caso fosse extensivamente analisado. Dessa forma, sua riqueza em sua singularidade pôde ser capturada. Além disso, a possibilidade de detalhar cuidadosamente o caso permitiu que hipóteses teóricas surgissem e fossem exploradas. Assim, através de um minucioso processo, foi possível levantar algumas hipóteses teóricas que são propostas para além do caso em questão.

Primeiramente, o aprofundamento do caso propiciou reflexões teóricas que levaram à seguinte inferência a respeito da experiência da maternidade gemelar: tendo em vista que duas ou mais maternidades são vivenciadas simultaneamente, aconteceriam cointerferências que estariam presentes desde os primórdios destas relações, que se coinfluenciariam mutuamente. Ou seja, a partir do entendimento de que a mãe de gêmeos vivencia com cada filho uma relação singular, a relação integral vivenciada pela mulher com cada bebê será influenciada pela outra relação integral que está sendo construída em paralelo, a partir de comparações constantes que a mãe faz. Trata-se, assim, de relações integrais que, contudo, se influenciam reciprocamente durante as suas construções, na medida que trazem parâmetros de comparações. Lembrando que o fato de serem relações integrais é o que torna possível que o processo de subjetivação dos bebês gêmeos possa se dar da mesma forma que ocorre com bebês não gêmeos.

Através das análises deste caso, também foi possível constatar que para cada filho é passada uma transmissão psíquica distinta, que foi denominada pela autora como transmissão psíquica fragmentada. Esta constatação torna-se pertinente uma vez que estudos acerca da transmissão psíquica com irmãos ainda são escassos. Mathon-Tourné (2013) já havia defendido a ideia de que a cada gestação a mãe vivenciaria transmissões psíquicas distintas com cada filho. Neste sentido, as reflexões propostas nesta tese pretendem reforçar esta ideia e ratificá-la também para os casos de gêmeos, nos quais, como dito acima, a mulher

vivenciará relações integrais e individuais com cada bebê e, assim, tornará cada um deles dignos de receber o legado familiar através de transmissões psíquicas distintas.

As reflexões deste caso também possibilitaram a constatação de dois aspectos relacionados à maternidade vivenciada em meio a tratamentos de reprodução assistida, já apontados pela literatura e pela autora em trabalho prévio (Ribeiro, 2012). Primeiramente, destaco o fato de Gabriele, aparentemente, ter reprimido todo sofrimento vivenciado durante quatro intensos anos de tratamentos. Acredito que esta repressão evidencia-se como um mecanismo de defesa saudável, visto que a maternidade faz com que o psiquismo da mulher seja muito exigido, de forma que não haveria espaço para lidar com o sofrimento anterior que os tratamentos desencadearam na mulher. O acompanhamento deste caso permitiu ratificar estas constatações previamente apontadas (Ribeiro, 2012).

Há ainda um outro ponto relacionado a experiência da maternidade vivenciada em meio ao contexto de TRA que foi levantado em algumas pesquisas prévias apresentadas na revisão de literatura. Este diz respeito ao seguinte fato: como estas mulheres precisaram de ajuda médica para engravidar, o seu saber materno ficaria deslegitimado, crescendo uma insegurança a respeito do seu saber sobre seu bebê. No caso de Gabriele, possivelmente este contexto de concepção, associado ao acidente que ocorreu com um dos bebês, Fernando, quando ele se engasgou com a mamadeira e uma enfermeira o salvou, foram fatores que contribuíram para que Gabriele buscasse de forma permanente pela ajuda de outras pessoas para cuidar dos seus bebês.

Neste sentido, torna-se proeminente que o acompanhamento psicológico às mulheres que alcançaram a concepção através destes métodos seja de fácil acesso. Como já havia defendido em trabalho prévio, seria de fundamental importância que as clínicas que realizam estes tratamentos oferecessem este tipo de atendimento, de forma a incluí-lo em meio ao processo de tratamento como um acompanhamento opcional (Ribeiro, 2012). Assim, estas mulheres além de terem um suporte psicológico para vivenciar este processo de natureza tão dolorosa, poderiam também, nos casos em que a concepção tiver sido alcançada, ter um respaldo profissional que as acompanhasse durante a gestação, até os primeiros meses de vida do bebê. Este acompanhamento pode almejar resgatar a autoestima

da mulher para que ela vivencie a maternidade, através de um reestabelecimento da confiança nos seus próprios recursos e saberes em relação ao seu bebê.

Contudo, ainda que a terceirização de cuidados deste caso possa ter sido atravessada por este aspecto, no caso de Gabriele acredito que esta delegação de cuidados ocorreu por diversos fatores, sendo o mais proeminente a sua relação com sua própria mãe, como foi discutido extensivamente. Porém, o estudo deste fenômeno nesta tese fez com que o mesmo emergisse como uma questão mais ampla. Conforme foi constatado na revisão de literatura, a terceirização de cuidados dos bebês vem sendo a cada dia mais proeminente entre as mães da classe média-alta/alta do nosso país, evidenciando uma questão que merece ser melhor aprofundada pelos interessados na primeira infância. Como foi discutido anteriormente, a relação que a cuidadora estabelece com o bebê é de natureza distinta da relação estabelecida pela mãe com seu filho. A coexistência destas relações não deve ser prejudicial para o desenvolvimento subjetivo da criança.

Entretanto, o questionamento que surge é até que ponto a forma como algumas mães estão fazendo ‘uso’ do auxílio de cuidadoras pode estar servindo como uma defesa frente a entrega que a maternidade exige da mulher. Neste caso, aí sim poderíamos pensar em alguns possíveis prejuízos ao desenvolvimento subjetivo dos bebês. Estas reflexões tornam-se especulações que pretendem fomentar a curiosidade dos colegas em busca de respostas. Neste sentido, proponho que pesquisadores interessados investiguem mais profundamente como a terceirização de cuidados vem acontecendo na realidade brasileira.

Espero que estas reflexões possam contribuir na busca do conhecimento deste universo tão vasto que compreende a experiência da maternidade e o processo de subjetivação dos bebês. Desejo que através das mesmas, o leitor possa realizar suas próprias reflexões e alcançar suas próprias constatações.

REFERÊNCIAS

Aragão, R.O. (2007a). **A construção do espaço psíquico materno e seus efeitos sobre o psiquismo nascente do bebê.** Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, Brasil.

Aragão, R.O. (2007b). **Os Primórdios da vida psíquica: clínica dos primeiros anos.** In: Palestra proferida no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. 25 de maio de 2007.

Aragão, R.O. (2016). **Presença/ ausência materna e os processos de subjetivação.** Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Badinter, E. (2011). **O conflito: a mãe e a mulher.** Rio de Janeiro: Record. Originalmente publicado em 2010.

Bick, E. (1967). Notas sobre La observación de lactantes em la enseñanza Del psicoanálisis. **Revista de Psicoanálisis**, 24 (1), pp. 97-113. Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.

Bydlowski, M. (2002). O olhar interior da mulher grávida: Transparência psíquica e representação do objeto interno. In: Corrêa Filho, L., Corrêa Girade, M. H. & França, P. (Orgs.). **Novos olhares sobre a gestação e a criança até 3 anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê.** Brasília: L.G.E. Editora. Pp. 205-214.

Bydlowski, M. & Golse, B. (2002). Da transparência psíquica à preocupação materna primária: uma via de objetualização. In: Corrêa Filho, L., Corrêa Girade, M. H. & França, P. (Orgs.). **Novos olhares sobre a gestação e a criança até 3 anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê.** Brasília: L.G.E. Editora. Pp. 215-220.

Canevaro, A. (2012). Oui à la rigueur, non à la rigidité: cohérence de la position pratico-théorique de Lócksy. In: **Locsy: un nouveau paradigme? L’Institut Pikler dans un miroir à facetes multiples.** Agnès Szanto-Feder (Org). Paris: Presses Universitaires de France. Originalmente publicado em 2002.

Caron, N., Lopes, R.S., Steibel, D., Donelli, T.S. (2012). Writing as a challenge in the observer’s journey through the Bick method of infant observation. **Infant Observation**, vol 15 (3), p. 221-230.

Caron, N.A. & Lopes, R.S. (2015). When the internal setting becomes more important than the therapist/analyst's interpretative capacity: extending the infant observation method to the prenatal and perinatal period. **Infant Observation**, v. 18, p. 83-95.

Cavagna, F. (2009) Tratamento da Infertilidade: reprodução assistida. In: R.M. Melamed, L. Seger, E. B. Junior. **Psicologia e Reprodução Humana Assistida: uma abordagem multidisciplinar**. Pp. 8-15.

Ciccone, A. (2007). Rythmicité et discontinuité des expériences chez le bébé. In: A. Ciccone, D. Mellier, C. Athanassiou-Popesco: **Le bébé et le temps: attention, rythme et subjectivation**. Paris: Dunod.

Ciccone, A. (2012). Introduction. In: **La part bébé du soi: Approche clinique**. Albert Ciccone (Org.) Paris: Dunod. Originalmente publicado em 1991.

Ciccone, A. (2014). Transmission psychique et parentalité. **Cliopsy**, v 11, pp.17-38.

Ciccone, A. (2015). Encontro Nacional e Internacional sobre o bebê. 30 de outubro à 2 de novembro de 2015. Rio De Janeiro, Brasil.

David, M. (2012) Pour une meilleure connaissance du bébé. Contributions de l'Institut Emmi-Pikler. In: **Locsy: un nouveau paradigme? L'Institut Pikler dans un miroir à facettes multiples**. Agnès Szanto-Feder (Org). Paris: Presses Universitaires de France. Originalmente publicado em 2002.

Eiguer, A. (2011). Transmission psychique et trans-générationnel. **Champ psy**, n. 60, pp. 13-25.

Ellison, M.A., Hotamisligil, S., Lee, H., Rich-Edwards, J.W., Pang, S.C. & Hall, J.E. (2005) Psychosocial risks associated with multiple births resulting from assisted reproduction. **Fertility and Sterility**, 83, p. 1422-1428.

Fédida, P. (1992). **Nome, figura e memória**. São Paulo: Escuta.

Figueiredo, F. C. (2007). A metapsicologia do cuidado. **Psychê**, v. 21, p. 13-30.

Figueiredo, F.C. (2011). Cuidado e saúde: uma visão integrada. **Alter: revistas de estudos psicanalíticos**, v. 29(2), p. 11-29.

Fraiberg, S. (2002). Mécanismes de défense pathologiques au cours de l'apetite enfance. In: D. Mellier (Org.), **Vie émotionnelle et souffrance du bébé**. Paris: Dunod. Pp. 49-72.

Freitas, M, Siqueira, A. A. F. & Serge, C. A. M. (2008) Avanços em reprodução assistida. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**, 18, 93-97.

Freud, S. (2010) Introdução ao Narcisismo. In: S. Freud, **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. Obras Completas Volume 12**. Tradução: Paulo César de Souza. Originalmente publicado em 1914.

Garel, M., Salobir, C. & Blondel, B. (1997) Psychological consequences in having triplets: a 4-year follow-up study. **Fertility and Sterility**, 67, p. 1162-1165.

Golse, B. (2002) O que temos aprendido com os bebês. In: L. C. Filho, M. E. G. Corrêa & P. S. França (Eds), **Novos olhares sobre a gestação e a criança até os três anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê**. Brasília: L.G.E. Editora. Pp. 116-134.

Golse, B. (2012a). Les très jeunes enfants en insitution: un paradigme pour les psychanalystes. In: **Loczy: un nouveau paradigme? L'Institut Pikler dans un miroir à facetes multiples**. Agnès Szanto-Feder (Org). Paris: Presses Universitaires de France. Originalmente publicado em 2002.

Golse, B. (2012b) Prefácio para segunda edição. In: **Loczy: un nouveau paradigme? L'Institut Pikler dans un miroir à facetes multiples**. Agnès Szanto-Feder (Org). Paris: Presses Universitaires de France. Originalmente publicado em 2002.

Green, A. (1993). **Le travail du négatif**. Paris: Minuit.

Guedeney, A. (1997). From early withdrawal reaction to infant depression: a baby alone does exist. **Infant Mental Health Journal**, v. 18 (4), p. 339-349.

Houzel, D. (2008). Les applications préventives et thérapeutiques de la méthode d'Esther Bick. In: P. Delion (Org), **La Méthode d'observation des bébés selon Esther Bick**. Toulouse: Érès.

Kaes, R. (2010). Le sujet, le lien et le groupe. Groupalité psychique et aliances inconscientes. **Cahiers de Psychologie Clinique**, v. 34, n. 1, pp. 13-40.

Klock, S.C. (2004) Psychological adjustment to twins after infertility. **Best Practice and Research Clinical Obstetrics and gynaecology**, 18, p. 645-656.

Konicheckis, A. (2001). Paradoxes et fonctions narcissiques de la filiation. **Cliniques méditerranéennes**, n. 63 v(1), pp. 143-156.

Konicheckis, A. (2004). Noyaux traumatiques precoces et transgénérationnalité. In: A. Anzieu, C. Gérard, **Traumatisme et contre-transfert**, p. 53-71. Paris: In Press Éditions.

Konicheckis, A. (2008). **De génération en génération: la subjectivation et les liens precoces**. Paris: Presses Universitaires.

Kreisler, L. Fain, M. & Soulé, M. (1981a). Introdução. In: L. Kreisler, M. Fain & M. Soulé, **A criança e seu corpo: psicossomática da primeira infância**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. Originalmente publicado em 1974.

Kreisler, L. Fain, M. & Soulé, M. (1981b). Insônia do primeiro semestre. In: L. Kreisler, M. Fain & M. Soulé, **A criança e seu corpo: psicossomática da primeira infância**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. Originalmente publicado em 1974.

Kreisler, L. Fain, M. & Soulé, M. (1981c). Ampliação da clínica tradicional. In: L. Kreisler, M. Fain & M. Soulé, **A criança e seu corpo: psicossomática da primeira infância**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. Originalmente publicado em 1974.

Kukucka-Bizos, N. (2012). Loczy: un mode de soin thérapeutique. In: **Loczy: un nouveau paradigme? L'Institut Pikler dans un miroir à facetes multiples**. Agnès Szanto-Feder (Org). Paris: Presses Universitaires de France. Originalmente publicado em 2002.

Laplanche, J. (2007). **Sexual: la sexualité élargie au sens freudien**. Paris: Presses Universitaires de France.

Lebovici, S. (1987). De parte da mãe. In: S. Lebovici, **O bebê, a mãe e o psicanalista**. Porto Alegre: Artes Médicas, pp.214-234. Originalmente publicado em 1983.

Lebovici, S. (1992) Maternidade. In: G. P. Costa & G. Katz, **Dinâmica das relações conjugais**. Porto Alegre: Artes Médicas. Pp. 41-61. Originalmente publicado em 1988.

Lebovici, S. (1998). **L'arbre de vie**. Ramonville-Saint-Agne: Érès.

Lebovici, S., Solis-Ponton, L. & Barriguete, J. A. (2004). A árvore da vida ou a empatia metaforizante, o enactment. In: M.C.P. Silva & L. Solis-Ponton (Eds), **Ser pai, ser mãe. Parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio** (pp. 41-45). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lima, R.C.B. (2014). A importância da babá na constituição da subjetividade. In: **Primórdios**. Rio de Janeiro, v.3 (3), p.53-66.

Mahler, Margareth. (1993). **O nascimento psicológico da criança: separação e individuação**. Porto Alegre: Artmed. Originalmente publicado em 1975.

Mann, M. (2014). Introdução. In: M. Mann. **Psychoanalytic Aspects of Assisted Reproductive Technology**. Londres: Karnac Books.

Mann, M & Mann, A. (2014). Doadoras de Óvulos e Doadores de Esperma: formação da identidade parental. In: M. Mann. **Psychoanalytic Aspects of Assisted Reproductive Technology**. Londres: Karnac Books, pp. 63-76.

Manzano, Palacio Espasa & Zilkha (2007). **Les scénarios narcissiques de la parentalité**. Paris: PUF. Originalmente publicado em 1999.

Marcelli, D. (2007). Entre les microrhythmes et les macrorhythmes : la surprise dans l'interaction mère-bébé, **Spirale**, v4 (44), p. 123-129.

Martino, B. (2001) **Les enfants de la colline des roses: Loczy, une maison pour grandir**. Paris: Jean-Claude Lattes.

Mathon-Tourné, Laurence. (2013). La singularité de la maternalité éclairée par des scénarios transgénérationnels. **Psychologie clinique et projective**, n. 19, p. 269-287.

Melamed, R. M.M. (2006) Infertilidade: sentimentos que decorrem. In: R. M. Melamed & J. Quayle. **Psicologia em Reprodução Assistida: experiências brasileiras**. São Paulo: Casa do Psicólogo. Pp.71-89.

Missonier, S. (2004). Le enfant du dedans et la relation d'objet virtuel. In: S. Missonier, Golse, B., Soule, M. **La grossesse, l'enfant virtuel et la parentalité**. Paris: PUF.

Morgenstern, A., Gueller, A.J.S. (2015). Do trabalho suplementar na constituição subjetiva de gêmeos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.49, n.3, p.53-67.

Núcleo de Infância e Família – NUDIF (2000). *Entrevista sobre a experiência da maternidade e o desenvolvimento do bebê aos doze meses*. Unpublished Instrument, Instituto de Psicologia, Universidade federal do rio Grande do Sul. Porto Alegre: Brasil.

Oliveira-Menegotto, L., Menezes, C., Caron, N., Lopes, R. (2006). O método Bick de observação de bebês como método de pesquisa. **Psicologia Clínica**, 18, No.2, 77-96.

Palacio Espasa, F. (2000). La place de la parentalité dans les processus d'organisation et de désorganisation psychique chez l'enfant. **Psychologie clinique et projective**, v.6, pp. 15-29.

Prat, R. & Szanto-Feder, A. (2012). Esther Bick, Emmi Pikler: cousines germanes en observation. L'observation, point d'acrage pour la formation des professionnels de santé? In: **Locsy: un nouveau paradigme? L'Institut Pikler dans un miroir à facettes multiples**. Agnès Szanto-Feder (Org). Paris: Presses Universitaires de France. Originalmente publicado em 2002.

Quinodoz, J.-M. (1991). La solitude apprivoisée. L'angoisse de séparation en psychanalyse. Paris: Presses Universitaires de France.

Ribeiro, F. S. (2012). **Gravidez múltipla concebida com o auxílio de técnicas de reprodução assistida**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Ribeiro, F. S. (2014). **Gravidez múltipla concebida através de reprodução assistida: buscando uma compreensão analítica desta experiência contemporânea de concepção**. 1. ed. Saarbrücken: Núcleo de Edições Acadêmicas, 2014. v. 1. 248p.

Ribeiro, F.S., Santos, N.T.G., Zornig, S. M. A. (2016). Dividida em dois? a experiência materna nos casos gemelares. **Natureza Humana (Online)**, v. 19, p. 37-54.

Serre, G. (2002). Les femmes sans ombre ou la dette impossible. **L'autre**, v3 (2), p. 247-257.

Sheard, C., Cox, S., Oates, M., Ndukwe, G. & Glazebrook, C. (2007) Impact of a multiple, IVF birth on post-partum mental health: a composite analysis. **Human Reproduction**, 22, p. 2058-2065.

Silveira, L. (2015). “Eu sou os olhos dela”: as babás nas imagens, na praça ou uma etnografia do olhar. **Sociologia, Problemas e Práticas**, v.77, p. 95-111.

Solis-Ponton, L. (2004). A construção da parentalidade. In M. C. P. Silva & L. Solis-Ponton (Eds.), **Ser pai, ser mãe. Parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio** (pp. 29-40). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Solis-Ponton, L. (2004). Diálogo Leticia Solis-Ponton e Serge Lebovici. In M. C. P. Silva & L. Solis-Ponton (Eds.), **Ser pai, ser mãe. Parentalidade: Um desafio para o terceiro milênio** (pp. 21-27). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Stake, R.E. (2005) Cases Studies. In: N.K. Denzin & Y.S. Lincoln (Eds.), **Handbook of Qualitative Research**. Londres: Sage Publications.

Stern, D.N. (1991). **Diário de um bebê**. Porto Alegre: Artes Médicas.

Stern, D. (1997). **A Constelação da maternidade: o panorama da psicoterapia pais/bebê**. Porto Alegre: Artes Médicas.

Sydsjö, Wadsby, Sydsjö & Selling (2008). Relationship and parenthood in IVF couples with twin and singleton pregnancies compared with spontaneous singleton primiparous couples – a prospective 5-year follow-up study. **Fertility and Sterility**, 89, p. 578-585.

Szanto-Feder. A. (2012). Prefácio. In: **Locsy: un nouveau paradigme? L'Institut Pikler dans un miroir à facetes multiples**. Agnès Szanto-Feder (Org). Paris: Presses Universitaires de France. Originalmente publicado em 2002.

Tardos, A. (2012). L'observation du nourrisson par la mère ou son substitut et ses effets sur l'image qu'ils se font de l'enfant ainsi que, ce qui s'ensuit, sur leurs atitudes. In: **Loczy: un nouveau paradigme? L'Institut Pikler dans un miroir à facetes multiples**. Agnès Szanto-Feder (Org). Paris: Presses Universitaires de France. Originalmente publicado em 2002.

Tavares, M.E.B.P. (2007). **Situações triangulares em gêmeos durante o primeiro ano de vida: conjecturas sobre o Complexo de Édipo**. Unpublished Doctos's thesis, Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Vabre, M. (2012). À Loczy se mouvoir destine l'infans à exister. In: **Loczy: un nouveau paradigme? L'Institut Pikler dans un miroir à facetes multiples**. Agnès Szanto-Feder (Org). Paris: Presses Universitaires de France. Originalmente publicado em 2002.

Viska, S., Unkila-Kallio, L., Punamäki, R. –L., Poikkeus, P., Repokari, L., Sinkkonen, J., Tiitinen, A. & Tuppala, M. (2009). Mental health of mothers and fathers of twins conceived via assisted reproduction treatment: a 1-year prospective study. **Human Reproduction**, 24, p. 367-377.

Watillon-Naveau. (2008). Derrière ke miroir: entretiens avec les parentes dont le bébé a été observe selon la méthode d'Esther Bick. In: P. Delion (Org), **La Méthode d'observation des bébés selon Esther Bick**. Toulouse: Érès.

Winnicott, D.W. (2000d). O ódio na contratransferência. In: D. W. Winnicott, **Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas** (pp. 277-287). Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1947.

Winnicott, D.W. (1993). Preocupação materna primária. In: D. W. Winnicott, **Textos Selecionados: da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, pp.491-498, 4ª Ed. Originalmente publicado em 1956.

Winnicott, D.W. (1985). Gêmeos. In: D.W. Winnicott, **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, pp.154-160. Originalmente publicado em 1957.

Winnicott, D.W. (1983). Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro 'self'. In: D.W. Winnicott, **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, pp.128-139. Originalmente publicado em 1960.

Winnicott, D.W. (1983). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: D.W. Winnicott, **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, pp. 163-174. Originalmente publicado em 1965.

Winnicott, D. (2012). A mãe dedicada comum. In: **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes. Originalmente publicado em 1966.

Winnicott, D.W. (1975). O papel o espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: D.W. Winnicott, **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, PP.153-162. Originalmente publicado em 1967.

Winnicott, D.W. (1994) A experiência mãe-bebê de mutualidade. In: D.W. Winnicott, **Explorações Psicanalíticas** (p. 195-202). Porto Alegre: Artes Médicas. Original publicado em 1969.

Winnicott, D.W. (1975). Objetos transicionais e fenômenos Transicionais. In: D. W. Winnicott, **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1971.

Zornig, S.M.A. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 453-470, jun. 2010.

ANEXOS**ANEXO A****Entrevista sobre a experiência da maternidade e o desenvolvimento dos bebês aos doze meses****1. Eu gostaria que você me falasse um pouco sobre o desenvolvimento dos bebês neste primeiro ano de vida.**

(Caso não tenha mencionado): você poderia me falar um pouco mais sobre...

- Como está sendo o desenvolvimento/crescimento dos bebês
- Como foi o desmame de cada um deles, e como foi para você este momento
- O que é capaz de cada um fazer que chame a sua atenção (as suas habilidades) – o que cada um é capaz de fazer?
- Como descreveria o jeito de cada um dos bebês?
- Era como você imaginava? Se não era, o que está diferente?
- Com quem você acha que cada um é parecido? Era como você imaginava? Como se sente com isso?
- Como você percebe a sua relação com cada um dos bebês?

2. Eu gostaria que você me falasse um pouco sobre como está sendo a sua experiência de ser mãe?

(caso não tenha mencionado): você poderia me falar um pouco mais sobre...

- Como tem se sentido em termos físicos e emocionais?
- Como está se sentindo como mãe?
- Que dificuldades você tem sentido?
- Você imaginava que seria assim?
- Como você se descreveria como mãe?

3. Eu gostaria que você me falasse um pouco sobre o dia-a-dia dos bebês.

(caso não tenha mencionado): você poderia me falar um pouco mais sobre...

- que tarefas tem assumido de cuidado? E como se sente?

- Que coisas mais gosta de fazer com eles? Por que?
- Que coisas menos gosta de fazer com eles? Por que?
- Costuma brincar com os bebês?
- Nos momentos de afastamento (como em viagens) como você se sente? Como você acha que foi para os bebês?
- Como foi o retorno ao trabalho?

4. Eu gostaria que você me falasse um pouco sobre algum objeto preferido de cada um dos bebês.

(caso não tenha mencionado): você poderia me falar um pouco mais sobre...

- Qual é o objeto?
- Se não tiver objeto: uma parte do corpo, uma música...
- Em que momentos os bebês procuram estes objetos?

5. Eu gostaria que você me falasse como está vendo o seu marido como pai.

(caso não tenha mencionado): você poderia me falar um pouco mais sobre...

- Como é o jeito dele lidar com os bebês?
- Como você acha que ele está sendo como pai? Era como você imaginava?

6. Como você se sente com as outras pessoas cuidando dos bebês (babás, sogra..)?

(caso não tenha mencionado): você poderia me falar um pouco mais sobre...

- o que agrada? O que incomoda?
- Como os bebês reagiram inicialmente às demais pessoas? E hoje como reagem?
- Por que vocês escolheram essa forma de cuidado para os bebês?
- Como os bebês reagiram as mudanças das babás/enfermeiras?

7. Vocês estão pensando em colocar os bebês na creche?

- Como você acha que eles reagirão?
- Como você acha que você vai se sentir?

8. Ao longo desse primeiro ano você vivenciou situações estressantes?

9. Você acha que a experiência da reprodução assistida influenciou a forma como você tem vivenciado este período desde o nascimento dos bebês?

- Que aspectos positivos poderiam ser destacados?
- E negativos?

ANEXO B**Entrevista de dados demográficos**

Data nascimento mãe:

Escolaridade:

Religião: Praticante? Sim () Não ()

Estado civil:

Profissão:

Horas/semana de trabalho:

Quantas tentativas de FIV?

Houve abortos?

ANEXO C

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Termo de consentimento livre e esclarecido

Instituição de origem: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Departamento de Psicologia.

Título da pesquisa: A experiência da maternidade em casos de gravidez múltipla e o processo de desenvolvimento do *self* em gêmeos

Coordenadora: Professora Dra. Silvia Maria Abu-Jamra Zornig

Endereço Profissional: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia. Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, Rio de Janeiro, RJ. CEP: 22453-900.

Telefone: (021) 31141184

E-mail: silvia.zornig@terra.com.br

Pesquisadora: Fernanda Schmitt Ribeiro

Telefone: 21 – 982252778

Endereço: Rua Coronel Moreira César, 206, apto 803, Bairro Icarai, Niteroi, RJ. CEP: 24230-063

E-mail: fernandapsi_84@hotmail.com

Este projeto de pesquisa tem por objetivo compreender as questões relacionadas ao exercício da função materna no contexto de gravidez múltipla que tenha sido concebida naturalmente ou através de Técnicas de Reprodução Assistida (TRAs).

A pesquisa será realizada durante o primeiro ano de vida dos bebês, a partir de visitas quinzenais que terão entre uma e duas horas de duração e acompanharão a interação entre a mãe e seus filhos até o primeiro ano de vida dos bebês. As observações ocorrerão na residência familiar durante as atividades cotidianas dos bebês com o objetivo de acompanhar a construção do vínculo mãe/bebês, assim como o desenvolvimento das crianças.



Sua participação é voluntária, estando livre para interromper as observações quando assim desejar; fazer as perguntas que julgar necessárias; recusar-se a responder perguntas ou falar de assuntos que possam lhe causar qualquer tipo de constrangimento.

Com sua adesão, você estará contribuindo para conhecermos mais sobre o desenvolvimento da relação mãe-bebês, abrindo a possibilidade de aprofundarem-se as análises da maternidade gemelar, principalmente no contexto contemporâneo relacionado às técnicas de reprodução assistida.

Assinando este formulário de consentimento, você autoriza a pesquisadora a utilizar, em ensino, pesquisa e/ ou publicação, as informações obtidas a partir das observações, sendo mantida em total anonimato sua identidade e a dos membros da sua família. Este documento será fornecido em duas vias, a fim de que uma destas fique com o participante da pesquisa, e a outra com o pesquisador.

Eu,

_____, fui informado (a) sobre o estudo acima referido e compreendi seus objetivos. Tive a oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas a contento. Este formulário está sendo assinado voluntariamente por mim, o que indica meu consentimento para participar desta pesquisa.

Assinatura do(a) Entrevistado(a)

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Rio de Janeiro, ____/____/____

ANEXO D

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Câmara de Ética em Pesquisa da PUC - Rio

PARECER DA COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-RIO (2016-25)

A Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio foi constituída como uma Câmara específica do Conselho de Ensino e Pesquisa conforme decisão deste órgão colegiado com atribuição de avaliar projetos de pesquisa do ponto de vista de suas implicações éticas.

Identificação:

Título: Um estudo de caso acerca da experiência de uma maternidade gemelar (Departamento de Psicologia da PUC-Rio)

Autora: Fernanda Schmitt Ribeiro (Doutoranda do Departamento de Psicologia da PUC-Rio)

Orientadora: Sílvia Maria Abu - Jamra Zornig (Professora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio)

Apresentação: Estudo de caso único de caráter longitudinal que visa investigar a experiência da maternidade de gêmeos concebidos através de Técnicas de Reprodução Assistida. Haverá o acompanhamento da mãe e seus bebês quinzenalmente durante o primeiro ano de vida das crianças. Será utilizado o Método de Observação de Bebês Esther Bick (1967) conciliado com entrevista a ser realizada com a mãe ao término do período de observação. A análise dos dados a ser utilizada será o método de análise de conteúdo (BARDIN, 2011; STAKE, 2005).

Aspectos éticos: O projeto e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentados estão de acordo com os princípios e valores do Marco Referencial, Estatuto e Regimento da Universidade no que se refere às responsabilidades de seu corpo docente e discente. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido expõe com clareza o objetivo da pesquisa, os procedimentos a serem seguidos e a garantia do sigilo e da confidencialidade dos dados coletados e da identidade dos participantes. Informa sobre a possibilidade de interrupção na pesquisa sem aplicação de qualquer penalidade ou constrangimento.

Parecer: Considerando os elementos expostos acima somos de parecer Favorável à aprovação do projeto quanto aos princípios e critérios estabelecidos pela Comissão de Ética em Pesquisa da PUC-Rio.


Prof. José Ricardo Bergmann
Presidente do Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-Rio

Rio de Janeiro, 01 de junho de 2016.

Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos
Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea - 22453-900.
Rio de Janeiro - RJ - Tel. (021) 3527 1619 FAX (021) 3527 1132.
E-mail: vrac@puc-rio.br